

Vera Lúcia Colucci

**A escrita das cartas de Freud a Fliess
e a invenção da psicanálise**

Tese apresentada ao curso de
Linguística do Instituto de Estudos da
Linguagem da Universidade Estadual
de Campinas como requisito parcial
para obtenção de título de Doutor em
Linguística

Orientadora:
Prof. Dra. Nina Virgínia de Araujo Leite

UNICAMP
Instituto de Estudos da Linguagem
2010

Ficha catalográfica elaborada pela Biblioteca do IEL - Unicamp

C723e

Colucci, Vera Lúcia.

A escrita das cartas de Freud a Fliess e a invenção da psicanálise / Vera Lúcia Colucci. -- Campinas, SP : [s.n.], 2010.

Orientador : Nina Virgínia de Araújo Leite.

Tese (doutorado) - Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Estudos da Linguagem.

1. Freud, Sigmund, 1856-1939. 2. Psicanálise e escrita. 3. Transmissão (Psicanálise). 4. Escrita das cartas (Psicanálise). 5. Psicanálise freudiana – Invenção. I. Leite, Nina Virgínia de Araújo. II. Universidade Estadual de Campinas. Instituto de Estudos da Linguagem. III. Título.

oe/iel

Título em inglês: The Writing of Freud's letters to Fliess and the invention of psychoanalysis.

Palavras-chaves em inglês (Keywords): Freud, Sigmund, 1856-1939; Psychoanalysis and writing; Transmission (Psychoanalysis); Writing of these letters (Psychoanalysis); Freud Psychoanalysis - Invention.

Área de concentração: Linguística.

Titulação: Doutor em Linguística.

Banca examinadora: Profa. Dra. Nina Virgínia de Araújo Leite (orientadora), Profa. Dra. Ângela Maria Resende Vercaro, Prof. Dr. Christian Ingo Lenz Dunker, Profa. Dra. Maria Rita Salzano Moraes e Profa. Dra. Viviane Veras. Suplentes: Prof. Dr. Márcio Seligman-Silva, Profa. Dra. Flávia Trocoli Xavier da Silva e Prof. Dr. José Guillermo Milán-Ramos.

Data da defesa: 25/02/2010.

Programa de Pós-Graduação: Programa de Pós-Graduação em Linguística.

BANCA EXAMINADORA:

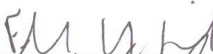
Nina Virgínia de Araújo Leite



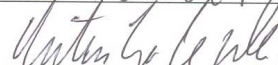
Maria Viviane do Amaral Veras



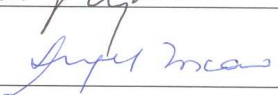
Flavia Trocoli Xavier da Silva



Christian Ingo Lenz Dunker



Angela Vorcaro



Maria Rita Salzano Moraes



Marcio Orlando Seligmann Silva



José Guillermo Milán Ramos



DEDICATÓRIA

Para toda a minha família que suportou esse longo tempo de ausências.

E aos que insistem em juntar lé com cré.

AGRADECIMENTOS

Gracias ha la vida que me a dado tanto!

Aos meus professores que me encantaram.

**Aos amigos e familiares que tornam a carga
menos pesada.**

**À minha orientadora, Nina V. de Araújo Leite,
que por sua crença no pensamento inconsciente, e
só por essa crença, nunca me perguntou qual era o
problema da minha tese.**

**À analista, Rosely Pennacchi, que reanimou
meu desejo do qual este trabalho é um resultado.**

RESUMO

Freud (1856-1939), inventor da psicanálise, foi um grande escritor de cartas. Calcula-se que ao longo de sua vida escreveu mais de 20.000 cartas. Todavia, as cartas a Fliess (Masson 1986), escritas entre 1887 e 1900 têm um lugar diferenciado das demais. No presente trabalho desenvolvemos a idéia de que a escrita das cartas a Fliess (1858-1928) são parte da invenção da psicanálise. O aforismo de Lacan “o inconsciente é estruturado como uma linguagem” impõe a consideração da divisão do sujeito Freud articulada ao seu desejo na teorização da psicanálise. A verdade buscada incessantemente por Freud levou-o à invenção psicanálise. Nesse percurso de muito trabalho e solidão intrínsecos ao objeto que não se deixa apreender, Fliess ocupou o lugar de outro semelhante, que acolhe e estimula, e também daquele que representa o saber científico. Como Freud mesmo chegou a dizer comparando-se com o trabalho do físico Einstein, que tivera Newton e tantos outros como mestres, seu trabalho era sem precedentes, Freud. Na solidão que essa condição lhe impunha, pela injunção da invenção de um saber inédito, ele tinha que supor o saber científico em algum lugar. Foi Fliess, seu amigo muito amado, o parceiro de sua incursão por territórios não nomeados e não descritos anteriormente. Joseph Breuer (1842-1925), que também fora muito próximo de Freud, predecessor desavisado nos primeiros espantos diante do enigma da histérica – Breuer tratou Bertha Pappenheim, conhecido caso *Anna O*, de 1880 a 1882 –, não suportou sustentar a etiologia sexual da neurose e afastou-se científica e pessoalmente de Freud. Charcot, a cujas demonstrações clínicas no Hospital *La Salpêtrière* Freud assistira entre 1885-1886, franqueara o “*ça n’empêche pas d’exister*”, que deslocava a palavra de autoridade superior da teoria para o real, mas também não demonstrou interesse especial em se aprofundar na psicologia das neuroses. Foi Wilhelm Fliess quem, na sua certeza fascinante acerca das causas e processos vitais da natureza, pôde sustentar para Freud o lugar da verdade científica para que Freud, dividido, pudesse articular a verdade do sujeito. A importância desta abordagem da escrita das cartas de Freud a Fliess, frisando a condição da escrita, está no que se pode colher de sua potência de transmissão. Concordando com Erik Porge (1998), as cartas a Fliess não devem ser vistas como objeto de curiosidade histórica ou documentos de uma subjetividade. A escrita das cartas implicou Freud de um modo radical, pois era com a escrita, articulada à teorização do enigma das *neuroses*, que Freud assumia seu dizer, e isso se fez *graças ao moedor de significante*, cujos dentes são as letras, como diz Pommier (2004). A escrita das cartas a Fliess tem a potência da transmissão do cerne da estrutura da invenção do fazer teórico da psicanálise de Freud: a letra de Freud. A amizade de grande intimidade entre esses homens, cujos caminhos só mais tarde se mostraram opostos, produziu um laço que é o discurso da psicanálise. É esse o reconhecimento que nosso trabalho procura expressar.

ABSTRACT

Freud (1856-1939), the inventor of psychoanalysis, was a prolific letter-writer, having written approximately 20,000 letters during his lifetime. But there is a special group of missives by Freud that have a special place in his life and in the history of psychoanalysis, namely, those he wrote to Wilhelm Fliess (1858-1928), between 1887 and 1900. In this thesis I elaborate on the idea that the writing of the letters to Fliess (Masson 1986) is part of the very invention of psychoanalysis. Lacan's aphorism "the unconscious is structured like a language" leads us to consider the division of the subject Freud and to articulate this division to his desire in the theorization of psychoanalysis. It can be said that the truth Freud incessantly sought, led to his invention of psychoanalysis. During the laborious and solitary quest intrinsic to an object that cannot be grasped, Fliess concurrently occupied, on the one hand, the place of the similar other that takes in and encourages and, on the other hand, the other who represents scientific knowledge. In the loneliness of unprecedented his unprecedented task, Freud himself went so far as to compare himself to Einstein, who held Newton and so many others as masters. In his task of inventing unprecedented knowledge, Freud had to suppose the existence of scientific knowledge somewhere. Fliess, his dear friend, became a partner to this navigation into uncharted waters, waters never before named or described. Fliess, in his fascinating certainty about the vital causes and processes of nature, sustained for Freud the place of scientific truth, and this allowed Freud, divided, to articulate the truth of the subject. The study of Freud's letters to Fliess, which underlines the condition of writing, is important for what can be gleaned from its power of transmission. As Erik Porge (1998) insists, the letters to Fliess should not be taken as historical curiosities or documents by a subjectivity. The writing of these letters radically implicated Freud in his new field. From this point of view, writing, articulated with the theorization of the enigma of the *neuroses*, was Freud's fundamental means of expressing himself, and the task was carried out *thanks to the grinder of the signifier*, whose teeth are letters, in Pommier's words (2004). The writing of the letters to Fliess has the power to transmit the essence of the structure of the invention of Freud's theoretical production of psychoanalysis: Freud's own letter. The intimate friendship between these two men, whose paths diverged only much later, produced a bond that is the discourse of psychoanalysis. The present thesis attempts to express this recognition.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO – As cartas colocam questões: o originário e o enigma 17

Capítulo I – No fio da invenção teórica, uma amizade epistolar – A pedra no meio do caminho 31

Os primórdios da amizade 35

Um espólio incômodo e a con-figuração oficial da obra e do autor 45

A relação Freud e Fliess falada por outros 47

As escolhas de Freud: modo de escrita e o “espírito crítico” 53

O desejo de análise 53

O tratamento do real pelo simbólico – a práxis 59

O desejo de Freud, o desejo do analista 65

Capítulo II – Um desvio desnecessário – As edições, as traduções e o “espírito de censura” 75

As traduções da obra de Freud: aspectos gerais 80

A crítica à tradução brasileira 81

Texto só o texto em contraposição a Freud só Freud 83

As cartas a Fliess: As primeiras publicações das cartas e o “espírito de censura” 85

As cartas nos textos oficiais: cortes e recortes 87

As cartas selecionadas e censuradas 89

As cartas a Fliess na biografia oficial 91

As cartas nas Obras Completas 96

Um sintoma na editoração: a numeração das cartas apaga a descontinuidade 98

O Projeto: ora entre as cartas, ora entre os textos teóricos 99

A edição brasileira das cartas a Fliess 111

Críticas às edições das cartas 112

Capítulo III – O lugar de Fliess na invenção da psicanálise – No umbral do privado para o público, uma fenda que se abre 121

Um único destino: o esquecimento 129

Fliess dito por Freud a outros 139

A paranoia é a dobradiça que articula e separa os amigos 148

Considerações finais – Nós formamos os julgamentos e colocamos um atrás do outro (Hilbert) 161

Referências Bibliográficas 175

Anexos 181

*Todas as cartas de amor são
Ridículas.
Não seriam cartas de amor se não fossem
Ridículas.*

*Também escrevi em meu tempo cartas de amor,
Como as outras,
Ridículas.*

*As cartas de amor, se há amor,
Têm de ser
Ridículas.*

*Mas, afinal,
Só as criaturas que nunca escreveram
Cartas de amor
É que são
Ridículas.*

Álvaro de Campos, 21-10-1935

INTRODUÇÃO

**As cartas colocam questões:
o originário e o enigma**

*Meu querido Wilhelm,
[...]*

Quantas coisas lhe devo: consolo, compreensão, estímulo em minha solidão, o sentido de minha vida, que adquiri por seu intermédio, e, por fim, até mesmo a saúde, que ninguém mais poderia ter-me restituído! Foi primordialmente por seu exemplo que, intelectualmente, ganhei forças para confiar em meu julgamento, inclusive quando fico entregue a minha solidão – embora não por ser abandonado por você – e para, tal como você, enfrentar com ativa humildade todas as dificuldades que o futuro possa trazer. Por tudo isso, aceite meu humilde agradecimento! Sei que você não precisa tanto de mim quanto eu de você, mas sei também que tenho um lugar seguro em sua afeição.¹

*[...]
Seu,
Sigm.*

Prezado leitor,

O objetivo desta é interessá-lo pelo que virá a seguir. Contamos-lhe logo de partida que este trabalho é fruto de nosso amor à primeira vista pelas cartas de Freud a Fliess. O impacto de sua leitura foi decisivo, pois nelas encontramos um “Freud igual a qualquer um de nós”, digamos assim, para começar. Nelas encontramos o reconhecimento, jamais apaziguador, do trabalho espicaçante que nos é exigido ao passarmos de um real ao simbólico. Elas chamam a atenção, obliquamente, para o trabalho de julgamento que o ato de escrita executa, para o ritmo imprevisível e mortal do pensamento inconsciente.

O estudo que desenvolvemos parte da hipótese – que pretende confirmar – de que as cartas endereçadas a Fliess não foram casuais, mas necessárias a Freud para deslizar no fio do enigma de seu desejo, que foi todo o processo de invenção da psicanálise. O esforço de teorização sobre um objeto de difícil apreensão se entrelaçava à amizade entre esses dois ambiciosos amigos. Foi uma amizade gerada e mantida com a escrita de cartas, cuja frequência de espaçamento chegou, por vezes, a dias. É importante dizer que a função dessa escrita não se desconectava dos encontros pessoais, chamados de ‘congressos’. Ambos estavam ali para que Freud falasse a outro. A amizade com Fliess gerou chistes, sonhos e atos falhos – matéria de teorização de Freud. Foi preciso que

¹ Carta de 1.1.1896. Masson 1986, p. 159.

houvesse esse ‘*socius*’ para que a psicanálise fosse gestada, e foi Fliess quem ofereceu essa oportunidade a Freud, este sim, um gênio singular que marcou nossa época. Fliess foi para Freud aquele que ocupou um nicho, graças à suposição de Freud de que ambos trilhavam o mesmo caminho, como ele expressou de modo íntimo ao amigo:

*alimento secretamente a esperança de chegar por essa mesma trilha, a minha meta inicial da filosofia. Pois era isso o que eu queria originalmente, quando ainda não me era nada clara a razão de eu estar no mundo.*²

A amizade de Freud com Fliess não pode, portanto, ser tomada de modo simples. Tratava-se, para Freud, de recuperar algo de essencial deixado para trás, e a suposição de identidade – “a mesma trilha” – deu chão para as passadas e descaminhos da invenção. Presente, passado e futuro pareciam enodar-se em Fliess. Se o final da correspondência foi para Freud o selo de uma grande decepção e de dolorosa separação, por outro lado, foi também o corte necessário para manter o fio de seu desejo na invenção da psicanálise. Por muitos anos, mesmo destruídos os laços que por tanto tempo os unira, algo de Fliess ainda estaria presente para Freud e a psicanálise.

Para dar conta de tal importância foi preciso, neste trabalho, descolarmos da ideia tão difundida de que Fliess funcionou como analista de Freud, e para isso nos apoiamos na crítica de Erik Porge. Para esse autor, que segue a concepção lacaniana do inconsciente estruturado como uma linguagem, a suposição dirigida a Fliess por Freud era a de um saber científico, e não a de um saber inconsciente. Além disso, o que Freud produzia ultrapassava-o em muito, e era isso que tornava necessário o *ter a quem contar*. É, portanto, sob o ângulo dessas duas vertentes apontadas por Porge que ajustamos nossa visada para a relação Freud/Fliess. Preferimos adotar a posição de Lacan, segundo a qual: “a verdadeira análise original só pode ser a segunda, pois ela constitui a repetição

² Carta de Freud a Fliess de 1.1.1896. Masson, *ibidem*.

que dá prova da primeira”.³ Não era possível haver análise de Freud, uma vez que ele ainda a estava inventando! A análise que Freud exercia, supomos, referia-se à análise que fazia mediante a escrita. Ouçamos as palavras de Anna Freud a seu pai em carta escrita nos seus 36 anos de idade – ela, que como Freud costumava dizer, tinha a idade da psicanálise: “Agora finalmente, também acredito em ti, que só se pode analisar sonhos sozinho se o fizermos por escrito”.⁴ É preciso colher o que havia de análise na psicanálise de Freud. Para estancar a imaginarização de Freud analisante de Fliess caberia levar em conta que as manifestações do artífice da intimidade nas relações amorosas da amizade não podem, supomos, ser confundidas com as manifestações do amor de transferência na clínica. Essas não foram as questões que exploramos, mas é preciso que sejam levadas em conta como parte de nossa posição.

Com o colega berlinense, Freud viveu uma flagrante relação de encantamento amoroso, amalgamada à dramática persistência no enigma – ambas as correntes fermentos para o caldo de cultura donde a psicanálise originou-se. Ao começar a farejar⁵ a verdade, Freud não tinha ideia do caminho que teria que percorrer para chegar a lançar os fundamentos do que ainda viria a ser a psicanálise. Quem esteve presente, quem foi referência para Freud durante esse tempo de passagem foi Fliess, colega imaginativo e crente em suas próprias ideias. Fliess foi responsável por algumas importantes noções da psicanálise, e o próprio Freud, por seu lado, também cooperava com dados sobre sua própria família, e sobre si, para a casuística que deveria justificar os estudos e as novas ideias de Fliess (Porge 1998a).

A escrita das cartas a Fliess se constituiu como lugar que sustentou a teorização em processo, espaço de fermentação do que viria a ser publicado, condição sob a qual se articulavam significante, desejo e posição subjetiva. Não se trata de considerar que as cartas precedessem a publicação da teoria,

³ Lacan, J. *Silicet*, 1(p. 24), apud Attié, Joseph: Esse jogo insensato da escrita [*Ce jeu insensé d'écrire*], Opção lacaniana on line. Traduzido por H. Caldas, revisado por I. A. D. Barbosa, publicado originalmente em *Ornicar*, digital, N. 104.

⁴ Carta de 7.8.1921 (Correspondência 1904-1938 / Sigmund Freud, Anna Freud 2008, p. 254).

⁵ Lembremos da bela metáfora de Lacan sobre Actéon e seus cães farejadores em *A coisa freudiana* (1998, p. 413), tão bem trabalhada por Tardini Cardoso em *Metamorfoses do desejo em Actéon de Ovídio* (2005, p.45).

funcionando como rascunho. Elas funcionaram como lugar que participava da invenção teórica de Freud – é enquanto escreve para Fliess que acontece uma “fala fundamental”, na qual algo se apresentava e se organiza para Freud, como se refere Lacan no *Seminário 2* (1985, p. 158). Para Freud, Fliess é o amigo especial, público seletivo, fonte de ânimo e de estímulo para a produção teórica. A atribuição de tantas designações para Fliess responde ao fato de que este foi altamente importante para Freud e para a sua invenção; algo sobre o que Freud pouco poderia falar, mesmo que muito falasse. Dizer que Fliess é isso ou aquilo é, na verdade, usar das formas possíveis que a língua oferece para contornar uma experiência espantosa na vida de Freud. Era escrevendo a Fliess que Freud se organizava; era conversando que as palavras e as coisas se encadeavam e se esclareciam. Os efeitos dessa relação reverberaram por toda a sua obra e em seu íntimo, de um modo que não se deixa apreender sem correr o risco da redução. Em *Roubo de idéias?* (1998b), Porge situa muito bem a permanência dessa presença radical de Fliess junto a Freud. Diz ele:

A última troca de cartas com Fliess tampouco deixou de ter efeitos para Freud. A perturbação que ele sente em fins de agosto de 1904 em Atenas, ao visitar a Acrópole com seu irmão mais novo Alexander, pode estar, em nossa opinião, relacionada com o que se passou com Fliess. Ao descobrir a Acrópole, Freud experimenta uma incredulidade (*Unglauben*): *o que vejo ali não é real (wirklich)*, diz ele. Em momento algum ele evoca Fliess, na análise que ele faz dessa perturbação, mas a data do acontecimento, a relação fraternal que relata em 1936 a Romain Rolland, o qual é também (é Freud quem o frisa) dez anos mais novo que ele, deixam supor que Fliess não está longe. O esforço para “excluir alguma coisa de si” pelo qual Freud explica o que sentiu dá fortemente a pensar no que acaba de acontecer com Fliess. Freud vai excluir concretamente algo de si destruindo, pouco depois de 1906⁶, as cartas de Fliess, alertado, sem dúvida, pelo uso público que Fliess fizera de algumas das suas. O fato de Freud só explicar seu distúrbio de memória trinta e dois anos mais tarde, e em carta privada, talvez tampouco seja um acaso. A aproximação do texto escrito em 1936 (terminado em janeiro) com o caso Fliess nos parece tanto mais justificado quanto, em seu caderno de anotações, na data de sábado, 24.10.1936, Freud escrevia:

⁶ Não é clara a razão por que Porge situa a destruição das cartas em 1906, pois bem poderia ter sido mesmo em 1904, como se verá em carta de Freud a Ida Fliess, mais adiante. Suas cartas continuaram a correr perigo na medida em que continuaram com Fliess, e Freud nunca as solicitou de volta. Mas esse é um detalhe de pouca importância. Vale a pena, todavia, mencionar ao estudioso do assunto demais notas de rodapé desse trecho de Porge, que deixo de reproduzir.

“Eitington e data do aniversário de Fliess”. Esta é a primeira e única vez desde a ruptura [da amizade], que Freud menciona Fliess nesse caderno. Três dias depois, na terça-feira 27.10, Freud anota, o que também é excepcional: “Sangramento nasal”.⁷ Ó Fliess, tua sombra está sempre aí! (Porge 1998, p. 76).

A certeza de Fliess fascinou Freud, diz Porge com razão. Ele encontrou em Fliess “o representante qualificado da biologia do sexual, um verdadeiro fundador desse domínio, a ponto de saudar neste o *Kepler da biologia*” (Porge, 1998a, p. 10). Um fascínio mútuo, talvez. Mas o que chama a atenção é que Freud manteve Fliess nesse lugar de valorização que ofusca, mesmo quando havia evidências fortes de que Fliess não podia acompanhá-lo em suas conquistas. As manobras de Freud para manter Fliess em um lugar de alta valorização revelam-se tanto no caso do dramático erro de Fliess na operação nasal de Emma Eckstein⁸ – “você fez tudo tão bem quanto se podia fazer” –, como na defesa incondicional de Freud contra as críticas a Fliess por uma das suas raras e muito postergadas publicações. Freud amava Fliess.⁹

Todavia, notamos com ênfase que, a cada tentativa de nomear essa amizade tão peculiar a partir de uma única perspectiva, surge outra que desconcerta a anterior. Entendemos que tal condição parece indicar-nos a presença de um indizível, de algo que escapa à palavra que pretenda aprisioná-la, e foi isso que nos forçou a buscar algo que seja da ordem de uma estrutura determinante. A relação tão frutuosa entre Freud e Fliess está na dependência dessa estrutura, atualizada na escrita, na qual o desejo de Freud e o investimento libidinal se entrelaçam.

⁷ É irresistível mencionarmos algumas outras datas, pois o pai de Freud morre em 23.10.1896, data de aniversário de Fliess, coisa que, estranhamente, Freud ignorava na época. Ignorava também as condições da morte do pai de Fliess. O tema *pai* aparece de modo importante nessa análise do acontecimento em Acrópole, e foi a partir de uma interpretação de Freud sobre a relação de Fliess com seu pai que sobreveio de modo mais decisivo o afastamento de Fliess. Além disso, no próprio mês de outubro houve outro acontecimento marcante: 13.10.1928 Fliess morre.

⁸ O caso está descrito no Anexo I deste trabalho.

⁹ Fliess não foi o primeiro a ser tão admirado e junto a quem Freud buscou aproximação estreita. Em carta a Martha, Freud descreve com entusiasmo seu colega Fleischl, e diz para amainar possíveis ciúmes por parte de sua noiva, que ela não se preocupasse, pois se tratava de uma ‘paixão do intelecto’.

Fliess foi para Freud a marca que não se apagou, e as cartas registram momentos de intensa dependência apaixonada. Todavia, longe do risco da captura pela aparência dos efeitos imaginários fulgurantes que nos enredariam no enigma machadiano: afinal o que houve de fato entre Freud e Fliess? – pretendemos ressaltar que o interesse deste trabalho é pensar Fliess como um acontecimento necessário ao processo de subjetivação de Freud e à invenção da psicanálise. As cartas de Freud a Fliess, portanto, não serão tomadas no presente trabalho como um texto relativo à biografia de Freud e/ou à história da psicanálise, mas como um texto cuja escrita é tomada como originária, parte importante do processo de invenção desse novo saber. Na sequência, também nos interessará extrair os efeitos da relação Freud e Fliess para a teorização na psicanálise hoje.

Junto às cartas enviadas a Fliess havia também os *Rascunhos*, que continham um desenvolvimento teórico mais consistente. Neles o texto é desfocado da relação de amizade, para assumir a voz de autor dirigindo-se a outro anônimo, um público mais amplo. Pode-se dizer que desde a primeira carta, de 24 de novembro de 1887, até a última apareceram assuntos que formam o eixo da correspondência: a clínica, a teorização e a publicação: todos são assuntos de ofício, sempre compartilhados em camaradagem.

Em síntese, as cartas de Freud a Fliess serão tomadas neste trabalho como importante objeto da transmissão da psicanálise, nem tanto pelo que dizem diretamente, mas pelo que a leitura delas faz reverberar. Sua potência está em causar admiração e desconcerto, o que, a nosso ver, força buscas de significação, o que já é a marca de que há algo a ser lido.

Por ora, todavia, à guisa de introdução ao tema, frisamos que, ao falar do lugar de Fliess junto a Freud, a nossa intenção é a de ressaltar o caráter de um lugar fundamental que resistiu às variações. Fliess não foi sempre o mesmo para Freud e, com o passar do tempo, tornou-se perceptível um tom de claro recobrimento do que o distinguia de Fliess, e até mesmo de suas discordâncias. Contudo, Freud nunca perdeu a cordialidade e certa tolerância amorosa para com o amigo. Mesmo depois de rompidos os fios da amizade, em 1900, Fliess foi para Freud, por vezes, uma atormentada e insidiosa lembrança, que se mostrava em

desmaios (na presença de Jung, por exemplo) e em sonhos (conforme confidenciou a Ferenczi ao elaborar seu trabalho sobre a paranoia de Schreber).¹⁰ Além desses episódios, Fliess foi mencionado por Freud, de modo direto ou indireto, em vários textos teóricos. Na vida pessoal, compartilhavam superstições que, na verdade, Freud nunca abandonou totalmente.

Considerando que o ritmo das cartas a Fliess declinou vertiginosamente a partir de 1900, para cessar definitivamente em 1904¹¹ em meio a graves desconfiças por parte de Fliess, a pergunta que subjaz a nosso trabalho é: como se deve entender a afirmação de Lacan de que a conversa com o amigo continuou “em filigrana durante toda sua existência como sendo a conversa fundamental e também que toda obra de Freud seria um vasto discurso a Fliess” (Lacan, 1955, p.158)? De que nos fala isso que permaneceu por toda a vida? Isso que “polariza e organiza a existência de Freud” (idem)? Que estrutura é essa que funcionou a favor do surgimento da psicanálise? Como dizer, também, da viva impressão que essas cartas ainda nos causam e do que se transmite ao lê-las?

A aposta principal que nos colocamos é a de que Fliess funcionou para Freud como um lugar necessário para a invenção da psicanálise, na medida em que os fios que os uniam eram alimentados pelas cartas. Elas têm valor não tanto por seu estrito conteúdo, mas pela oportunidade que ofereciam a Freud de atualizar seu desejo de análise mediante a escrita. Quem foi Fliess para Freud? Se mais tarde as diferenças entre ambos vieram a ser consideradas antagônicas por Freud, como dizer que foram ao mesmo tempo, coadjuvantes da origem da psicanálise?

Para que o lugar de Fliess se revelasse, portanto, procuramos, primeiramente, ser fiéis ao modo como a relação com Fliess e o nascimento da psicanálise atravessaram a vida de Freud, que a eles se referia de modo direto ou indiretamente. Levamos em conta que por diversas vezes Freud manifestou a Fliess, nas linhas e entrelinhas das cartas, que lhe dava um lugar especial. Há

¹⁰ A carta de Freud a Ferenczi de 6.10.1910 será comentada no capítulo III.

¹¹ Vide gráfico do fluxo de cartas em Porge, E. *Freud/ Fliess, mito e quimera da auto análise*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar 1998, p 14.

ainda o que Freud revelou, por carta ou pessoalmente a outros, seus amigos depois de Fliess, sobre a relação entre ambos, e que consta em grande parte da biografia de Jones. Procurei pelas pistas deixadas tanto nas cartas de Freud a Fliess, como em cartas e comentários trocados por Freud com outros correligionários; procurei também recolher nos efeitos de transmissão, no modo incômodo como essa relação tem sido recebida no meio psicanalítico, algo que nos possa dizer do intransmissível que se transmite da relação Freud e Fliess. Por último, recorreremos aos autores que se dedicaram ao tema de modo específico, como no caso dos trabalhos de Erik Porge, e também a Lacan e a alguns outros de seus seguidores – é com a ajuda de todos eles que desenvolvo minhas hipóteses de trabalho. Esses procedimentos estão assim divididos:

No Capítulo I (*No fio da invenção teórica, uma amizade epistolar; uma escrita originária e a pedra no meio do caminho*), contamos algumas das condições que, tanto do lado de Freud como do de Fliess, levaram Fliess a tornar-se o amigo privilegiado. O reconhecimento (por seu próprio fundador) de que a correspondência estava ligada ao “nascimento da psicanálise”, é tomada como importante vetor que a que sempre retornamos ao longo desta tese.¹² Além disso, tomamos o espanto com que são recebidas as cartas pela comunidade de analistas em sua passagem ao público como importante indicador de leitura quanto ao lugar de Fliess na invenção da psicanálise. O espanto se fazia diante de algo que as cartas mostravam e que não podia ser admitido, daí a sua censura logo na primeira edição. A extrema dependência intelectual manifestada por Freud em relação a Fliess foi motivo, também, de grande desconcerto, especialmente entre os psicanalistas que tomaram conhecimento das cartas somente após a morte de Freud.

Foi inevitável, por outro lado – e é o que veremos no Capítulo II (*Um desvio necessário, as traduções e edições*) –, o enfrentamento das questões de tradução e edição dos escritos de Freud, mesmo que esse não fosse diretamente o nosso

¹² Freud revela a sua amiga Marie Bonaparte que as cartas continham questões “pessoais e factuais, sendo que as factuais diziam respeito a todos os palpites e pistas falsas ligados ao nascimento da análise e, desse modo, eram também pessoais”. Ver transcrição (e comentários) dessa carta de 10.1.1937, mais adiante neste trabalho.

foco. Foi necessário levar em conta os caminhos percorridos na seleção, na tradução e na edição das cartas, os quais produziram e produzem efeitos de transmissão. As opções tradutórias e editoriais foram tomadas também como pistas do que é que estava em jogo no nascimento da psicanálise. Os fundamentos da teorização, do objeto da psicanálise e o modo como foram tomados os acontecimento dos primórdios da psicanálise estão presentes na apresentação do material escrito de Freud e no que se disse dele. Foi por essa via que a questão da transmissão se imiscuiu com força. Levando em conta as opções de tradução e edição, foi possível extrair o modo como a relação Freud e Fliess foi contada por outros, em especial os da geração de psicanalistas próximos a Freud, e os tradutores e editores que, desde os anos 1980, retomaram a edição e a tradução dessas cartas. A ordenação das cartas a Fliess no discurso da psicanálise tem primado ora por um rigoroso “espírito de censura”, como diz Porge, ora pela atribuição de que teria havido análise de Freud com Fliess devido à relação de extrema dependência amorosa de Freud manifestada nas cartas. Tais marcas, por sua vez, têm produzido avaliações críticas do modo como foram tomadas pela comunidade dos psicanalistas, e algumas delas, mais atuais, situam as cartas como parte das condições originárias da psicanálise, procurando daí extrair consequências importantes para a discussão dos seus efeitos de transmissão.

A relação entre Freud e Fliess, essa é a nossa perspectiva, parece funcionar qual pedra no meio do caminho – não pode deixar de ser considerada, e, ao mesmo tempo, é preciso fabricar algum dizer sobre ela. Veremos mais adiante como a biografia de E. Jones, que trabalhou no sentido de construir uma imagem oficial de Freud, teve que se haver com o impacto da relação entre esses dois colegas e amigos íntimos. Esse problema voltou a se colocar aos editores das recentes publicações das cartas – alemã, inglesa e francesa – cujo enfrentamento traz importantes questões de leitura crítica das cartas e de transmissão. A depender do modo como são tomadas, as cartas revelam certa posição frente ao saber da psicanálise. Esse capítulo, a despeito de nossa intenção, acabou estendendo-se mais do que pretendíamos, mas era necessário.

No Capítulo III (*O lugar de Fliess na invenção da psicanálise: no umbral do privado para o público, uma fenda que se abre*), partimos dos efeitos sobre Freud dos diferentes momentos de transposição das cartas do espaço de circulação íntimo para o público. Pretendemos, assim, aproximarmo-nos de nossa questão sobre o lugar necessário de Fliess junto a Freud. A justificativa para seu desejo de incinerar as cartas, alegando que revelariam material teórico inacabado e insuficiente para a publicação, é examinada por nós com detalhe. Ela é contraposta à intrínseca impossibilidade de Freud dizer de que revelação de intimidade, afinal, elas se compunham. O inusitado desconforto e pudor de Freud é base para afirmarmos que a perturbação intensa de que é tomado é correlata da importância que elas tiveram para Freud e para o nascimento da psicanálise. Atenho-me ao que Freud diz nesse ‘reencontro’ para embasar nossa hipótese de trabalho: o lugar necessário de Fliess é dado pela estrutura de linguagem e pelo desejo de Freud. Recorremos, ainda, aos dizeres de Freud, dispersos em suas manifestações expressas diretamente a Fliess ao longo da correspondência e a confidências casuais a outros colegas posteriores, para responder à pergunta sobre qual o lugar de Fliess junto a Freud na cena da invenção da psicanálise. A paranóia e a homossexualidade alegadas por Freud são discutidas como elementos que abrem questões para novos trabalhos.

Enfim, caro leitor, para abreviar esta *Introdução*, podemos dizer que as cartas que chegaram até nós, com a inevitável perda da letra impressa que apaga a mão que destilou a tinta em gótico, muitas vezes com “*horror calami*”¹³ ou em verdadeiro “ataque de escrever”,¹⁴ guardam um segredo que inquieta. Por isso mesmo dizemos que elas transmitem algo que é do fulcro da teorização em psicanálise. As cartas têm que ser lidas.

Após a abreviada exposição de caminhos percorridos em busca do que sossegasse nossa pergunta, concluímos pelo elo inextrincável que há entre a escrita das cartas, a teorização da psicanálise e a necessária presença de um

¹³ “Horror à escrita”. Carta de Freud a Fliess de 27.04.1895. Masson 1986, p. 128.

¹⁴ Idem de 6.01.1896. Masson 1986, p. 170.

outro que por seu suposto saber científico, e pelo amor que recobre a falta fundamental, faça ponte para os abismos que são a passagem de um real para a simbolização. Pode-se fazer psicanálise sem que algo pulse onde está presente uma perda fundamental? O sentido da “peste” se mostra aí, e cobra, de modo complexo, o seu preço.

Freud permaneceu escrevendo cartas, depois de Fliess, por toda a sua vida, e algumas correspondências superaram em número de anos a que mantivera com Fliess. Elas continuaram versando sobre psicanálise, incluindo também a vida institucional da psicanálise que se firmava no espaço público, e algo de vida pessoal. Mas aí o tom de conversa fundamental, como diz Lacan, já era outro: a teoria psicanalítica já tinha suas bases e seguidores. Lembremo-nos de que no mesmo ano em que a relação de Freud e Fliess se desfez Freud já iniciava o “grupo das quartas-feiras: “é difícil exercer a psicanálise isolado””, disse ele a Groddeck¹⁵ em carta de 1924, “pois ela é um empreendimento notavelmente sociável”.

Isto posto, esperamos que você, leitor, seja rigoroso em sua crítica, mas tolerante com os inúmeros buracos que ainda encontrará (aquela parte da correspondência que permanece na posta restante), e que também possa desfrutar do que pudemos expor de nosso caminho percorrido.

Boa leitura.

¹⁵ Carta a Georg Groddeck, em 21.12.1924, Freud, S. *Correspondência de Amor e outras cartas (1873-1939)*, tradução de A. S. dos Santos. Edição preparada por Ernest Freud. Rio de Janeiro: Nova Fronteira 1982.

Capítulo I

No fio da invenção teórica, uma amizade epistolar.

A pedra no meio do caminho

*Só quem sabe estar de posse da verdade
escreve como você.[...] Serei todo ouvido.*¹⁶

*Seu,
Sigm.*

*Modificarei o que você quiser e aceitarei de bom grado as contribuições.
Estou imensamente feliz por você me estar oferecendo essa dádiva do Outro,
do crítico e leitor – e, ainda por cima, / um Outro / de sua categoria. Não
consigo escrever inteiramente sem plateia, mas não me importo nem um pouco
em escrever só para você.*¹⁷

*Seu,
Sigm.*

A leitura das cartas de Freud a Fliess impressiona. Nelas pulsa a vida comum de Freud, mas, mais ainda, pulsa o trabalho de Freud no tateio da teorização em processo. A materialidade das cartas e dos rascunhos enviados a Fliess expõe a intimidade da amizade e ao mesmo tempo a intimidade da invenção da psicanálise. Nelas podemos acompanhar discussões clínicas e hipóteses diagnósticas, seguidas de comentários pessoais sobre dificuldades comuns da vida material e econômica, além de notícias sobre a saúde dos correspondentes e suas respectivas famílias – como nascimento ou gravidez. Num mesmo parágrafo encadeiam-se pequenas queixas, preocupações mais sérias, amenidades, esperanças e decepções. Há também indicações literárias e pequenas fofocas e, de vez em quando, algo importante da vida política igualmente ali se manifesta. Único correspondente de Freud cuja marca é de uma “abertura total da personalidade”, como Freud chamará, em carta a Ferenczi a tal abrangência, como veremos mais adiante. Os temas dirigidos ao amigo se interpenetravam nas cartas numa ordem só ditada pelo desejo de contar a outro ao contar com o outro.

Pode-se dizer que desde a primeira carta, de 24 de novembro de 1887, até a última aparecem assuntos que formam o eixo da correspondência: a clínica, a

¹⁶ Carta de Freud a Fliess de 12.12.1897. Masson 1986, p. 286.

¹⁷ Carta de Freud a Fliess de 18.05.1898. Masson 1986, p. 314.

teorização e a publicação: todos são assuntos de ofício, sempre compartilhados em camaradagem.

Alguns autores costumam dizer que Freud tinha desejo de correspondência. De fato, dedicou-se à escrita de cartas desde muito jovem até idade avançada. O cuidado e dedicação de Freud para com sua correspondência se manifestavam, por exemplo, pelo fluxo devidamente anotado e pela hora marcada, diariamente, para a sua escrita. A escolha do papel de carta e mesmo o traço da letra, recebiam a atenção do epistoleiro, fazendo parte do que dizia ao outro¹⁸ – um aspecto que nos é barrado pela homogeneização da impressão das cartas em livro.

Conforme nos conta seu filho Ernest,¹⁹ Sigmund dedicava a sua correspondência “cada minuto livre entre as análises: Freud respondia a todas as cartas que recebia, fossem de quem fossem, e em geral sua resposta estava no correio em 24 horas” (Freud 1982, p. 5). Calcula-se que foram mais de 20.000 cartas ao longo de sua extensa vida. Sua primeira carta à qual temos acesso é de 1873, com 17 anos, a seu amigo de infância, Emil Fluss; e a última foi endereçada a um poeta de nome Albrecht Schaeffer, datada de 19.09.1939, escrita a apenas quatro dias antes de sua morte, em 23 de setembro de 1939 (Freud 1982).²⁰

¹⁸ Em carta de 18 de agosto de 1897 Freud diz a Fliess : “minha letra também está mais humana outra vez, donde meu cansaço está cedendo. Sua letra, como vejo com prazer, nunca varia” (Masson 1986, p. 263). A forma da letra, nesse caso, é pista para falar de si e de como o outro lhe chega. Atenção para o assinalamento de que o outro nunca varia. Se de um lado tal condição pode ser asseguradora de uma desejada estabilidade, por outro, é um indicador preocupante de fechamento ao inconsciente. Difícil saber se não há na última frase de Freud, tão curta, pois mal começa é logo cortada por um ponto, uma ponta de ironia e um traço importante de diferenciação e separação.

¹⁹ Ernest L. Freud, filho mais novo de Freud, que organizou uma seleção variada de cartas de Freud comenta em seu *Prefácio* datado de 1960: “Com essas cartas [as de natureza mais pessoal] se pretende mostrar a extensão de sua [de Freud] natureza, a paixão e a coerência não apenas do jovem enamorado, mas do homem maduro em sua perpétua busca da verdade científica. Elas revelam a delicadeza de seu estilo, seu humor e ironia, a natureza de seu relacionamento com os homens e com as mulheres de quem tratou, com seus amigos, sua família, bem como suas reações a experiências emocionais, artísticas e filosóficas” (Freud 1982). Tal *Prefácio de Correspondência de amor e outras cartas 1873-1939* faz a diferença das cartas a Fliess, as quais foram colocadas ao lado da obra psicanalítica. Ambas as publicações, como veremos adiante, guardam a responsabilidade pela construção da imagem oficial de Freud, encarregando-se de, para usar a terminologia de Foucault (1992), traçar a figura do autor Freud.

²⁰ Segundo Ernest L. Freud, editor e prefaciador de *Correspondência de amor e outras cartas 1873-1939*, publicado em inglês em 1960 e em português, em 1982. [Freud, S., *Correspondência*

Como exemplo de seu desejo de escrita epistolar íntima podemos citar ainda a soma de 1500 cartas trocadas entre Freud e Martha Bernays durante os quatro anos de noivado,²¹ além de um *Registro Secreto* escrito por ambos durante esse período. Segundo o biógrafo Ernest Jones (1989, p. 13), tal registro também foi preservado. Alguns autores colocam essa correspondência dos tempos de noivado como precursora das cartas a Fliess, com o que se pode concordar, uma vez que em ambas há posição de sujeito e há desejo acontecendo. Com Martha, Freud organiza seu lugar de noivo, marido e pai, com Fliess, o de desbravador de outros territórios, o de autor instaurador de discursividade, como o denomina Foucault (1992). Boa parte da correspondência se perdeu,²² mas resta pelo menos a metade, cuja publicação tem-se acelerado bastante desde os anos de 1980. Só pelo breve mapeamento acima relatado poder-se-ia justificar um estudo da relação entre o lugar, para Freud, da escrita de cartas e a teorização em psicanálise.

Os primórdios da amizade

Em 1887 – ano da primeira carta de Freud a Fliess – Freud vivia já há alguns anos grandes transformações em sua vida, um processo que se iniciara em 1883 ao apaixonar-se por Martha Bernays. Em vista de seu projeto de casamento com Martha, logo abandonou a ambição de fixar-se como pesquisador na Universidade de Viena, onde se formara e adquirira respeito por parte de seus mestres e colegas. Aconselhado por estes, dedicou-se a estabelecer sua clínica de doenças nervosas. Como parte desse projeto iniciou a prática clínica como médico especialista em neurologia e estágios em hospital. Em 1885/1886 foi a Paris para um estágio no Hospital *La Salpêtrière*, com Charcot, nome que “brilhava ao longe”, como Freud mesmo nos diz em *Um estudo auto-biográfico* (1924 [1925]). Lá assistiu às aulas e ficou tomado pelo que viu dos pacientes e

de amor e outras cartas (1873 – 1939), tradução de A. S. dos Santos. Edição preparada por Ernest Freud. Rio de Janeiro, Ed. Nova Fronteira 1982].

²¹ Michel Shröter nos informa que uma edição completa dessa correspondência está em curso, ressaltando como importante novidade pois, como diz: *Nous apprendrons là, pour la première foi, à connaître Martha par son propre voix* (Essaim 2008, no. 19, p. 28).

²² Segundo Gerhard Fichtner, “*Les lettres de Freud en tant que source historique*”, *Revue Internationale de l'Histoire de la Psychanalyse*, VI, 1993, p 80, apud Rodrigué, pp. 29 e 36.

ouviu do mestre francês. Ao voltar do estágio casou-se, a 16 de setembro de 1886, e estabeleceu sua clínica particular.

O alto preço que pagava por ser judeu numa sociedade altamente discriminatória foi significativamente acrescido pela repulsa do meio médico a práticas que não se fundavam na cartilha da ciência que florescia com vitalidade. Freud encontrou grandes dificuldades de receptividade no meio acadêmico justamente para o que mais o entusiasmara durante as demonstrações de Charcot: o tratamento das neuropatias através da hipnose. Para o *establishment* da medicina de então, a hipnose aproximava-o de tudo aquilo de que a medicina queria apartar-se, que eram as práticas tão difundidas de “leitura de pensamento”.²³ Freud, que, em consequência de seu percurso anterior de pesquisador em neurologia, ministrava na universidade um curso sobre anatomia cerebral, já não contava, todavia, com o apreço dos colegas. Tal falta de reconhecimento também prejudicava, pela falta de encaminhamentos, o crescimento de sua clínica. Nem mesmo seu grande amigo e incentivador Joseph Breuer o apoiava com a confiança de que Freud necessitava. Lembremo-nos de que foi Breuer quem apresentou a Freud, ainda estudante, o exuberante caso de Anna O.²⁴, a histérica que por primeiro colocou os problemas da prática clínica com a histeria e que, levados às suas últimas consequências por Freud, redundaram na psicanálise. O envio de pacientes é temática importante para o estabelecimento do início da amizade com Fliess, pois, estando no início da clínica, Freud necessitava enormemente que lhe enviassem pacientes para poder desenvolver sua prática e ideias acerca do tratamento da histeria. Lembremos a extrema dificuldade que teve em conseguir um paciente histérico masculino para fazer frente às críticas que recebera por suas ideias logo ao chegar do estágio

²³ Note-se que em 1901 foi justamente a expressão “leitor de pensamentos” que tornou clara a separação entre Freud e Fliess. Conta-se que Fliess, aborrecido com uma interpretação de Freud acerca de sua escolha profissional, acusou-o de se comportar como um leitor de pensamentos. Com isso Fliess atingia Freud no âmago de sua sustentação como cientista, pois minava todo seu esforço para se diferenciar de magos e prestidigitadores, tão em voga nos salões da sociedade de então. É de 19 de setembro de 1901 a carta em que Freud rebateu, tão vigorosamente quanto ressentido, a atribuição de que era “um leitor de pensamentos”: “Se é isso que pensa de mim, jogue meu ‘Cotidiano’ na cesta de papéis sem sequer lê-lo” (Masson 1986, p. 448).

²⁴ Freud conta a sua noiva, Martha, em divertida carta de 13.07.1883, as circunstâncias de convívio amistoso e íntimo nas quais Breuer segredou-lhe sobre sua clínica, em especial sobre o caso de Bertha Pappenheim, e assuntos pessoais (Freud 1982, p. 59).

com Charcot, em 1886, relativamente pouco tempo antes de iniciar a correspondência com Fliess.

Wilhelm Fliess (1858-1928) era médico já afamado na valorizada Berlim, lugar de onde vieram importantes professores para a Faculdade de Medicina de Viena. Ao final de um ano sabático, no qual visitou vários centros médicos da Europa com a finalidade de estudar, Fliess fez sua última parada em Viena, em agosto de 1887, para estágio de três meses no Hospital Geral. Pouco antes de voltar a Berlim, foi encaminhado por Breuer²⁵ para assistir aos cursos de Freud. Fliess parte logo depois, deixando viva impressão em Freud. O bem sucedido colega berlinense, figura fascinante segundo descrição de muitos, parece ter também se encantado com o colega vienense. A distância geográfica, o isolamento de Freud dos meios acadêmicos, e a admiração por Fliess ensejaram a primeira carta.²⁶ Morasse Fliess em Viena, talvez a história fosse outra.

As cartas trocadas entre Freud e Fliess foram cartas entre amigos que privavam de uma relação íntima, parceiros na aventura de encarregarem-se de explicar algo para a humanidade. Freud, instigado por suas observações clínicas, queria explicar os mecanismos que sustentavam estranhos comportamentos e Fliess queria explicar a vida e seus acontecimentos: nascimento, morte, adoecimento e qualquer ocorrência que pudesse ser atribuída aos fatos da vida na natureza, como dizia.

A correspondência iniciou-se após a partida de Fliess, com uma carta de Freud em 24 de novembro de 1887, na qual comentava o diagnóstico de uma

²⁵ Breuer, apesar de indicar Fliess para fazer o curso de Freud, e de ele mesmo assisti-lo em outra ocasião, ainda precisou ser arduamente convencido por Freud de que deveriam publicar em conjunto seus achados sobre a histeria. O tema das aulas era outro, de mais fácil assimilação pela academia: a anatomia cerebral.

²⁶ A publicação das cartas a Fliess pode fazer crer que o desejo de continuidade de contato fosse maior pelo lado de Freud, uma vez que o livro (organizado por Masson) se abre, evidentemente, com uma carta com tal expressão de Freud. Parece ser essa também a interpretação de Porge, pois ele menciona, de modo sucinto, que, ao voltar para Berlim, Fliess recebeu a carta de Freud convidando-o à amizade (Porge 1998a, p. 29). É preciso atentar para o fato de que Fliess deixara com Freud uma paciente com forte investimento transferencial em Fliess. É a essa paciente, à qual Freud chama de *nosso caso*, que é dedicada a primeira discussão diagnóstica da correspondência. Diante do vulto tomado pelas cartas de Freud a Fliess importa pouco, na verdade, saber de quem foi o maior empenho para a retomada de contato e início da amizade. Chamo apenas a atenção para que se leve em conta a implicação de Fliess nesse início da amizade, uma vez que, como temos apenas as cartas de Freud, todo o peso da iniciativa pode ser imaginariamente atribuído a Freud.

paciente enviada por Fliess. Tal carta se abre de modo muito direto e franco com Freud explicitando o desejo de tornar-se amigo do colega berlinense:

*Prezado amigo e colega,
Minha carta de hoje, devo reconhecer, é motivada por assuntos
profissionais, mas cabe-me introduzi-la com a confissão de que
alimenta esperanças de dar continuidade ao relacionamento com o
Sr. e de que deixou em mim impressão profunda, que poderia
facilmente levar-me a dizer-lhe sem rodeios em que categoria
humana o situo.
[...]
Cordiais saudações,
Dr. Sigm. Freud²⁷*

Note-se que essa carta já é uma resposta de Freud ao envio de uma paciente por Fliess, à qual Freud se refere como “nosso caso”.²⁸ O voto de confiança do colega repercute em Freud, que escreve em resposta um relato da hipótese diagnóstica e o tratamento da paciente que, diga-se, manifestava forte apreço por Fliess. Fliess toma iniciativas decisivas com relação a Freud, que se sentia, nesse momento, extremamente solitário e carente de amigos que pudessem estar entre “a nata dos homens”.

Na carta seguinte, a segunda, um mês depois, Freud agradece a Fliess o presente enviado pelo Natal e manifesta sua expectativa de um relacionamento frutuoso. Ele escreve:

*Prezado amigo e colega,
Sua carta cordial e seu magnífico presente despertaram em mim as
mais prazerosas recordações, e o sentimento que vislumbro por trás
desses dois presentes de Natal enche-me de expectativas de um
relacionamento estimulante e mutuamente satisfatório entre nós no
futuro. Não sei como foi que o cativei: aquele pouco de anatomia
especulativa do cérebro não pode ter impressionado seu rigoroso
julgamento por muito tempo. Mas estou muito contente com isso.
Até o momento, sempre tive a ventura de encontrar meus amigos
entre a nata dos homens, e sempre me senti especialmente orgulhoso
dessa sorte. Portanto sou-lhe grato e lhe peço que não se*

²⁷ Masson 1986, p. 15.

²⁸ Carta de 24.11.1887. Masson 1986, p. 15.

*surpreenda com o fato de, no momento, eu nada ter a lhe oferecer em retribuição ao seu presente encantador. Ocasionalmente ouço falar no Sr. – basicamente, coisas maravilhosas, é claro. Uma de minhas fontes é a Sra. A., que, a propósito, revelou-se um caso de neurastenia cerebral comum.*²⁹

Freud cativara Fliess e estava, ele mesmo, maravilhado com isso. Não entendia bem o que o cativara – não seria, certamente, por seu parco saber sobre anatomia, mas, diz ele, ficava “muito contente” com o apreço do colega. Fliess o alçava para estar entre os melhores, operando uma distinção que o separava do homogêneo, do comum anônimo. Solitário como estava, Freud supunha que com Fliess também se tornaria nata.³⁰ E, imediatamente, prosseguia falando de seus projetos de investigação, da família e ao mesmo tempo tecendo os fios da amizade, com votos e reivindicações de amigo:

Nessas últimas semanas, atirei-me à hipnose e logrei toda a espécie de sucessos pequeninos, mas dignos de nota. Tenciono também traduzir o livro de Berheim sobre a sugestão. Não me aconselhe em contrário; já estou preso por um contrato. À guisa de recreação, tenho trabalhado simultaneamente em dois artigos, “Anatomia cerebral” e “Características gerais das afecções histéricas” na medida em que o permitem meus estados mutáveis de ânimo e trabalho. Minha pequerrucha³¹ tem-se desenvolvido esplendidamente e dorme as noites inteiras, o que deixa qualquer pai orgulhoso. Aceite meus melhores votos; não se deixe sobrecarregar pelo trabalho, e quando tiver algum tempo livre e uma razão para isso, pense no
Fielmente dedicado,
Dr. Sigm. Freud
*Minha mulher ficou encantada com seus cumprimentos.*³²

As notícias da vida laboriosa se encerraram com um cuidado amoroso e uma entrega feminina, na qual subscrevia-se como “fielmente dedicado”. Ao final

²⁹ Carta de 28.12.1887. Masson 1986, p. 16.

³⁰ E assim se fazia diferença com seu velho pai, que além de *improvidente*, também mostrara ao filho ainda carente de orgulhar-se de seu pai, um lugar de aquiescência à humilhação, à não pertinência à sociedade dos escolhidos, como no episódio do chapéu que lhe é arrancado por arrogantes jovens vienenses anti-semitas.

³¹ Mathilde, sua primeira filha.

³² Carta de 28.12.1887. Masson 1986, pp. 16 e 17.

da carta, quase como quem fica na soleira da porta sem poder partir, evitando fechar definitivamente a carta, Martha é lembrada: “ficou encantada com os cumprimentos”. Duas mulheres estão presentes nessas primeiras cartas: Martha e a paciente A. Sobre a última os comentários são diagnósticos da clínica neurológica, mas não só: na terceira carta trocada, de 4 de fevereiro de 1888,³³ Freud comentou a suspensão da menstruação e a gravidez da paciente, para a qual reconhecia a possibilidade de ter contribuído com a força de suas opiniões contrárias ao *coitus reservatus*.³⁴ Martha havia parido Mathilde recentemente, a primogênita de Freud, cujo nome foi em homenagem à esposa de Breuer, de mesmo nome. Já se havia referido carinhosamente a sua primogênita logo na primeira carta como: “minha garotinha está em franco desenvolvimento e minha esposa vai melhorando aos poucos”.

Fliess estava solteiro nessa época. Casar-se-ia em 1892 com Ida Bondy,³⁵ de família da burguesia abastada, que também morava em Viena e que mantinha relações de amizade com Breuer. Pelas cartas fica-se sabendo desse casamento, de passagem, por uma nota de rodapé, na qual Freud perguntava sobre o que Fliess gostaria de receber como presente de casamento.³⁶ Não há, estranhamente, qualquer menção anterior ao namoro ou noivado de Fliess. Na carta seguinte, a décima terceira,³⁷ Freud descreve comovido como foi que viu Fliess em seu casamento:

*Caríssimo amigo,
Não tive nenhuma oportunidade, senão na lembrança, de reportar-me à linda noite em que vi você entre os seus, ao lado de sua noiva.
Saiba que nesse meio tempo, meu respeito por sua argúcia em termos de diagnóstico só fez aumentar ainda mais, e quando, “nos rodopios da memória”, ocorreu-me esbarrar em você, aflorou em*

³³ Masson 1986, p. 18.

³⁴ Masson 1986, p. 18.

³⁵ O casamento de Fliess com Ida se deu em 6 de setembro de 1892. Em abril de 1895 Ida ficou grávida de seu primeiro filho, época em que Fliess passou a se interessar pela teoria dos períodos. Abandonou, então, suas pesquisas clínicas e terapêuticas sobre as neuroses nasais reflexas e passou a se interessar pela criação de um sistema especulativo sobre os períodos masculinos e femininos (Porge 1998a, p. 35).

³⁶ Carta de 25.05.1892. Masson 1986, p. 30.

³⁷ Veremos, mais adiante, a análise da quinta carta, que viria na sequência das cartas de início da amizade (um ano), de 29.08.1898. Masson 1986, p. 23.

mim uma ideia reconfortante: agora ele está bem cuidado e em boas mãos. Essa certeza deu também o tom de minha correspondência com você. Não o interprete mal.

E imediatamente a seguir há como que um corte:

A razão de eu lhe escrever é que Breuer me declarou sua disposição de publicarmos juntos nossa teoria pormenorizada da ab-reação, bem como nossos outros chistes em comum sobre a histeria. A parte que eu queria inicialmente escrever sozinho está terminada e, em outras circunstâncias, certamente lhe teria sido comunicada.

[...]

*Do amigo,
Sigm. Freud³⁸*

Escolhida a mulher, Freud autorizava-se a um tratamento de maior proximidade. Essa é a carta em que pela primeira vez usou o tratamento familiar de *Du*, que em português corresponde a *você* ou *tu*, conforme a região geográfica do Brasil.

O momento de vida em que a correspondência entre Freud e Fliess se iniciou não é indiferente. A escolha de uma mulher para projeto de casamento e filhos acontecia contemporaneamente à amizade e ao estabelecimento do interesse profissional / intelectual. Escolhas que se fazem “para o resto da vida”, costuma-se dizer.

A correspondência entre Freud e Fliess recobre um período de 12 anos – 1887 a 1899.³⁹ Ao longo deles, a importância de Fliess para Freud variou. O modo de tratamento nas cartas mostra uma variação quanto à proximidade da relação e o modo de se dirigir a Fliess. A assinatura epistolar de Freud, por exemplo, passa de um inicial *Dr. Sigm. Freud* ou *Dr. Freud*, nas primeiras cartas de 1887, para

³⁸ Carta de 28.06.1892. Masson 1986, p. 31.

³⁹ Em carta a Magnus Hirschfeld (1868-1935), durante a contenda sobre o favorecimento de plágio, Freud marca o tempo da amizade ao se justificar por não fazer ele mesmo sua defesa pública: “tampouco é agradável ser obrigado a dizer palavras duras, publicamente, a um homem com quem se manteve durante doze anos a amizade mais íntima, e dar-lhe ocasião para um acréscimo de produções ulteriores” – carta datada de 1 de fevereiro de 1906 e reproduzida em uma revista berlinense (Porge 1998a, p. 84). Para a determinação da duração da amizade, usamos aqui a própria contagem de Freud para marcar também o fim da correspondência. Nas cartas que se seguiram a 1899 havia tanto o tom do afastamento com cordialidade civilizada, como também o de decepção e corte.

numerosos *Seu Sigm.*, ou simplesmente *Seu S.*, assim subscrevendo-se até mesmo na carta de 27 de julho de 1904, na qual as condições da amizade já não eram as mesmas de modo algum⁴⁰ havia bastante tempo. Saltam aos olhos, todavia, os tratamentos de *messias*,⁴¹ *Querido mago*,⁴² *Daimonie* (Demônio), *Liebster*⁴³ (o mais amado dentre todos), *Caríssimo Guglielmo*⁴⁴ e muitos *Caríssimo amigo*. Alguns desses tratamentos mais intensos foram, curiosamente, contemporâneos à escrita do *Projeto*, a tal ponto que, por si mesmos, mereceriam um estudo aprofundado, articulando o esforço teórico e a exaltação libidinosa no tratamento epistolar, sendo sua contraface paralela as queixas e lamentos hipocondríacos de Freud dirigidos a Fliess, um interesse que deixaremos para outro estudo.⁴⁵

O que dá às cartas de Freud a Fliess um caráter único dentre as demais correspondências é que tal relação é entretecida à teorização nos tempos primordiais da fundação da psicanálise, e é isso que se apresenta de modo muito vívido nas cartas. Ao lê-las, deparamo-nos com uma escrita de minúcias íntimas acerca dos ânimos e desânimos relativos ao difícil trabalho de erguer um estranho saber de raro reconhecimento. Nelas a confidência de estados subjetivos tem o poder de nos introduzir ao ritmo do que ainda estava por vir – o tempo do que estava em processo de formulação. Foi ao escrever as cartas que Freud manifestou sua alegria por crer que encontrava um novo modo de nomear um real

⁴⁰ Os últimos contatos por escrito de Freud a Fliess – três cartas e um bilhete – são do ano de 1904, dois anos após o último bilhete cordial de Freud, de 1902. Tais contatos foram, basicamente, respostas de Freud às desconfiças de Fliess quanto à facilitação do plágio de sua ideia sobre a bissexualidade. As respostas são restritas ao tema, mas cordiais. Freud parece atônito, pego de surpresa. Podemos, todavia, entender que, nessa carta de 27 de julho de 1904 (Masson 1986, p. 467), o descompasso entre a abertura e o fechamento da carta – um meio-formal *Caro Wilhelm* e um íntimo *Seu Sigm.* – estavam ali como prova do que houvera entre ambos.

⁴¹ Carta de 10.07.1893: “Continuo a encará-lo como o messias que, através de um aperfeiçoamento da técnica, irá solucionar o problema que assinalai.” Masson 1986, p. 51

⁴² Carta de 26.04.1895. Masson 1986, p. 127.

⁴³ Em português usou-se na tradução a forma *Caríssimo*. Os tratamentos foram usados nas cartas consecutivas de 24.09.1895 e de 06.08.1895 (Masson 1986, p. 135). O *Projeto* é mencionado em 15.09.1895 e de 23.09.1895.

⁴⁴ Carta de 28.08. Masson 1986, p. 137.

⁴⁵ Sendo ambos médicos, as afecções do corpo já deviam interessá-los há muito tempo, cada um por seu lado. Contudo, poder-se-ia pensar que esse seja um tema relevante para uma indagação sobre o corpo que entra em jogo na escrita desse estranho saber (do) enigmático, do que manca na língua e na linguagem. Não é esse o nosso foco no momento, mas não poderíamos deixar de reconhecer a importância dessa relação entre corpo e linguagem. Em suma, o corpo de que Freud e Fliess falam é um corpo que padece e recebe uma atenção hipocondríaca.

vivido, ou o desânimo com o que depois se revelava insatisfatório. Até mesmo seus estados minuciosamente contraditórios foram manifestados ao amigo, tal como a alegria e conforto no fracasso de quando Freud se deu conta de que sua suposição acerca do trauma na histeria não se sustentava. Mais importante ainda, com as cartas, os dizeres foram além do que podia ser articulado como confidência: a escrita das cartas a Fliess colocaram Freud na cena da invenção. Escrevendo e falando, Freud inventava. Fosse mantido o estado de privacidade dessas cartas pela destruição delas, como queria Freud, jamais nos intrigaríamos com os bastidores que cercaram as origens desse saber. O objeto com que Freud lidava era da ordem de certo segredo que só se revelava ao sujeito na intimidade da fala a outro. Essa é a nossa tese, mesmo que ele, Freud, paradoxalmente, pouco pudesse saber da natureza dessa exigência, por mais que a esmiuçasse.

Por outro lado, as cartas, por serem cartas e por serem endereçadas de modo desabrido a um amigo e colega, além de permitirem ampla diversidade de assuntos, têm o poder de, como um objeto literário, colocar-nos na cena de um acontecimento. Ou seja, se é ao escrever cartas a outro que algo inusitado aconteceu – a psicanálise –, é também ao lê-las, hoje, que somos pegos de surpresa e nos tornamos o público do desenrolar de uma amizade, cujo efeito foi a subjetivação de Freud e a invenção de um saber. Assistimos, tocados, como o esforço de teorização de Freud circunscreve as condições impostas por um objeto que só se deixa apreender por seus efeitos e por um sujeito que só dividido pode acontecer. Nas cartas, Freud aparece em desapegada dependência amorosa em relação ao amigo; há, sim, momentos em que predominam a distância do relato, a avaliação crítica, mas há outros – e são esses que nos interessam – em que pulsa um Freud acontecendo nas cartas e nos textos teóricos, quer na centelha do *Projeto* (1895), quer no difícil processo de elaboração do saber que fundava irreversivelmente a psicanálise, como em *A interpretação dos sonhos* (1900). E é quando Freud mais se dirige a Fliess demandando-o como ouvinte privilegiado, único público – e tantos outros modos de chamá-lo a si – que também podemos saber dele enquanto sujeito dividido. Muitos textos se seguiram a esses e, de um modo ou de outro, podemos muitas vezes entrever Fliess, mas é

fundamentalmente como parte do acontecimento originário que o encontramos. Fliess participou de algo que, como disse Freud a respeito da psicanálise, “acontece apenas uma vez na vida de um homem”. Apenas uma vez.

Para melhor compreendermos o que persistiu nos deslocamentos do “lugar de Fliess” para Freud, poderíamos destacar três eixos ordenadores da correspondência segundo três importantes produções escritas de Freud. A análise minuciosa da relação Freud e Fliess enredada a cada um dos três escritos teóricos – *As afasias, um estudo crítico* (1891); *Projeto* (1895) e *A interpretação dos sonhos* (1900) – pode se mostrar interessante para um estudo.

No presente trabalho, todavia, tomamos outro rumo. Procuramos, com base nos dizeres de Freud sobre Fliess, assinalar o furo de um indizível associado à divisão do sujeito Freud em seu trabalho de invenção. A relação Freud e Fliess, tal como a entendemos, é sustentada fundamentalmente pela materialidade da escrita: as cartas, os rascunhos e textos teóricos publicados. Além disso, ao longo dos anos de correspondência, foram muitos os momentos em que Freud reivindicou de modo expressivo a presença de Fliess, reclamando quer do silêncio, quer da demora em responder às cartas, assim como manifestando seu anseio e alegria pelo encontro pessoal. Os encontros pessoais, tão importantes para Freud que eram chamados entre os amigos correspondentes de “congressos”, fizeram parte da conversa dirigida a Fliess por Freud. Embora desses últimos só tenhamos notícias pelas cartas, é notória a sua importância na manutenção dessa “conversa fundamental”, como a chama Lacan. Nessa perspectiva, cartas e encontros pessoais são diferentes, porém, indivisíveis. A própria troca de fotografias que se deu logo no início da amizade faz parte do lugar dado a Fliess, pois ela, ao tornar presente o ausente, indica a função escópica operando.

Erik Porge lembra que “Freud jamais rompeu completamente as pontes com as concepções de Fliess, tanto mais que havia participado ativamente de sua edificação” (Porge 1998b, pp. 17/18). Conforme esse autor, Freud rejeitava a

“correlação especificamente fliesseana entre os períodos de 23 e 28 dias e a bissexualidade, mas não as noções de periodicidade e de bissexualidade tomadas separadamente” (idem). O próprio Freud reconheceu como sendo de Fliess termos que ele nunca abandonou. Até 1900, diz Porge, a leitura das cartas nos permite participar da

Efervescência criadora, com suas incertezas, suas antecipações, seus recuos e seus projetos. Freud está constantemente desperto, povoado por descobertas que o ultrapassam, em certo sentido. É pelo fato de isso lhe acontecer a contragosto, em parte, que ele tem que participá-lo a alguém. Fliess é o alguém que concorda em ouvi-lo e o encoraja a superar os obstáculos. Freud sempre volta repleto de dinamismo dos encontros com seu amigo (Porge 1998a, p. 17).

Para Ilse Grubrich-Simitis,⁴⁶ o estatuto particular dessa correspondência é tal que não pode ser assimilada às demais correspondências do mesmo autor. As cartas a Fliess constituem, para a autora, uma “escrita originária” – *“eine Urschrift”* – na qual o leitor pode seguir as origens do pensamento de Freud. É baseando-me nessa concepção que pretendo afirmar que foi preciso um Fliess de carne e osso, com enxaquecas e “períodos ótimos ou ruins” para que a fala se desenrolasse. A relação Freud e Fliess é tomada neste trabalho como fato de estrutura. A escrita das cartas a Fliess foi constitutiva da psicanálise e do autor Freud. Trata-se de reconhecer o ato de Freud no caráter pulsante da linguagem e na condição de que na língua nunca se diz tudo.

Um espólio incômodo e a con-figuração oficial da obra e do autor

Após a morte de Freud e cessada a Segunda Guerra Mundial, fazia-se necessário à Associação Internacional de Psicanálise (IPA) organizar o espólio deixado por Freud. O mestre desaparecera e a psicanálise já contava com razoável difusão. Com traduções circulando pelo mundo, entendeu-se que chegara o momento de controle do discurso da psicanálise e da imagem de seu

⁴⁶ Citada por Françoise Khan e François Robert em *Réponse à Michel Schröter*, in *Essaim Revue de Psychanalyse*, no. 19, automne 2007. Paris : Édition Érès.

fundador. Ernest Jones foi o único biógrafo de Freud enfaticamente reconhecido pela IPA, a ponto de ter permanecido por muitos anos o biógrafo oficial de Freud. Os demais atos de unificação da psicanálise tiveram como protagonistas principais: James Strachey – que cuidou de organizar em “obras completas” os escritos esparsos de Freud – e Anna Freud⁴⁷ que, juntamente com outros, organizou as cartas.

Os relatos da chegada ao público das primeiras publicações das cartas de Freud a Fliess assumiram um caráter de revelação de segredo insuspeitado, especialmente pelos analistas que não privaram de intimidade com Freud. Emilio Rodrigué, que frequentava o meio psicanalítico na época da primeira publicação, em 1950, diz: “Foi preciso que os analistas assimilassem o impacto das revelações, resignificando a vida privada do Mestre; para mim e para o analista comum o único grande amigo [de Freud] era Breuer; não se sabia da existência de Fliess” (Rodrigué, t. I, p. 29). Por essa declaração bem se pode entrever a repercussão desse fragmento de real da vida de Freud entre os psicanalistas da primeira geração, os que conviveram com Freud, tal como Anna Freud, que disse “meu pai nunca teve uma relação semelhante com um amigo”.⁴⁸ Essa expressão, mais do que informativa sobre o pai, confirma o lugar especialíssimo de Fliess junto a Freud por 12 anos consecutivos. Mas o comentário de Anna Freud parece expressar bem o efeito desconcertante que as cartas a Fliess tiveram no meio psicanalítico da época: peça desencaixada do quebra-cabeça discursivo sobre a psicanálise e seu inventor. Ao fim, Anna Freud assinou, juntamente com Marie Bonaparte e Ernest Kris, a primeira publicação selecionada da correspondência.

A seguir trataremos com algum detalhe das ordenações discursivas da psicanálise. As ordenações visavam tanto à formação de uma imagem identitária para Freud e a psicanálise, como a dar conta daquilo que se revelara como sendo um acontecimento insuspeito, espantoso. Para tanto, agrego alguns comentários a respeito da relação Freud e Fliess, manifestados especialmente na biografia de Jones. Parto de alguns dizeres oficiais a respeito desse acontecimento no intuito

⁴⁷ Anna, a mais nova dos seis filhos de Freud, nasceu em 3 de dezembro de 1895 e faleceu em 1982, aos 87 anos.

⁴⁸ Citado por Elisabeth Young-Bruehl, *Anna Freud*, Paris, Payot, 1991. Porge 1988b, p. 9.

de recolher os modos de recobrimento dessa relação originária e na esperança de aí encontrar as pistas para depreender o lugar fundamental de Fliess junto a Freud. As publicações, edições e traduções da obra de Freud incluem-se no material pesquisado.

A relação Freud e Fliess falada por outros

Para a relação Freud e Fliess, Ernest Jones reserva o capítulo XIII do primeiro tomo da biografia, intitulando-o *O período Fliess (1887-1902)*, e abre-o dizendo:

Chegamos aqui à única experiência realmente extraordinária da vida de Freud. [...] para um homem já quase de meia idade, bem casado e pai de seis filhos, nutrir uma amizade apaixonada por alguém intelectualmente inferior e durante anos subordinar seu juízo e opiniões aos desse outro homem – isso é também incomum embora não inteiramente estranho (Jones 1989, p. 292).

Jones atribuiu à “psiconeurose” de Freud um papel importante no seu processo criador. Mas, vê-se que tal atribuição não é suficiente para o biógrafo. Ele parece estar diante de algo de difícil nominação, pois coalha seu texto com expressões como: “assombroso”, “incomum”; “estranha e extrema dependência”; “uma adolescência prolongada” (idem, p. 309 a 315) etc. Em síntese:

É realmente assombroso como os dois fizeram para por dez anos trocarem amplamente ideias nessa aparente harmonia. Nenhum deles podia ter tido muita compreensão real do trabalho do outro; tudo o que pediam era mútua admiração por ele (idem, p. 315).

Uma relação narcísica, sim, mas como dizer dela?

Esse título *O período Fliess* não deixa de ser curioso se levamos em conta que “período” é justamente o termo usado por Fliess para uma parte significativa de sua teoria, que era associada à afirmação da natureza bissexual da vida biológica, cujo funcionamento se dava pela variação segundo períodos de 23 e 28 dias, sejam mulheres ou homens respectivamente. O termo “período”, usado para o título desse capítulo da biografia de Freud, que trata da relação com Fliess, ganha a conotação da presença do masculino e do feminino na relação entre os

dois, ao mesmo tempo em que não explicita de que modo se dá essa mesma incidência. Tal expressão, “período”, é também usada por Jones para caracterizar a relação com Breuer, e para nenhum outro mais. É como se usando o termo “período” Jones afirmasse a brevidade das relações, atento a um tempo que tem começo e fim: um “período” se encerra por sua superação, e não há lugar para o que possa restar dele, uma vez que a suposta superação o esvazia. Então o que resta de um período é apenas a historieta que se pode contar e imaginar, algo que se ultrapassa. Por essa visada de Jones, que desconhece os restos que sobram de todo soterramento, a atemporalidade do inconsciente não conta. Bastante diferente dessa posição é a de Lacan, assentada em sua concepção de que o inconsciente é estruturado como uma linguagem, como veremos ao longo deste trabalho. Por sua aporia, podemos conceber um lugar para Fliess que ultrapassa em muito o que seja algo limitado por um período. Fliess é parte do inconsciente de Freud na medida em que é com ele que se atualiza o desejo de Freud. De modo transversal, das múltiplas maneiras de falar do “período Fliess”, Jones toca no que o próprio Freud reconheceu em conversas reservadas com os mais próximos – o interesse homossexual. Mas, como outros biógrafos, não consegue sair da linha do preconceito e da tolerância clínica. O mal disfarçado espanto diante das cartas não abre caminho para a sua articulação estrutural às condições de origem da psicanálise.

Por ser um modo de dizer que não é incomum, vale a pena continuarmos acompanhando o embaraço de Jones, que parece desorientado com o que sabia da relação Freud e Fliess:

Por mais desagradável que possa ser aos adoradores de ídolos a ideia, tem que ser dita a verdade de que Freud nem sempre possuía a serenidade e a segurança interna tão características dele nos anos em que se tornou bem conhecido. [...] Há muitos indícios de que por dez anos aproximadamente – compreendendo, grosso modo, a década de 1890 – ele sofreu de uma psicose muito considerável (Jones 1989, t. I, Cap. XIII, p. 308).

Tais considerações são coerentes com a psicanálise professada na IPA de então, severamente criticada por Lacan. “Serenidade e segurança” vieram a ser mesmo os ideais de uma análise bem sucedida, pois do analisante se esperava a

identificação ao ideal de ego do analista, este sim com pleno desenvolvimento genital: maduro e conformado. Longe, muito longe da contaminação pela “peste” que Freud havia vaticinado.

Passadas algumas décadas, e a partir de outra posição, outros biógrafos enfrentaram a relação Freud e Fliess com algumas interrogações que não diferem muito das considerações do “primeiro” biógrafo: como foi possível aquela relação durar tanto tempo, ser tão importante para o inventor da psicanálise e, ao mesmo tempo, ser tão díspar? Peter Gay (1989, p. 67) entende que a credulidade tão irrestrita de Freud para com Fliess, vindo justamente de alguém que se acreditava um obstinado homem de ciências, merece interpretação.⁴⁹ Todavia, a maior parte das interpretações desse biógrafo são, digamos assim, curiosas, senão altamente preconceituosas. Segundo Gay, “Martha não era uma companheira para o marido, em seu longo e solitário avanço rumo à psicanálise”, uma vez que ela era arredia aos assuntos relativos à sexualidade. “Sua mulher, diz Gay, praticamente tornou Fliess necessário”. Esse biógrafo ainda agrega, em conclusão, que “a família não diminuía seu sentimento desalentador de isolamento”. Foi, então, “esta a tarefa de Fliess”, diz Gay (1989, p. 72) e, sem situar propriamente a importante afirmação abaixo, diz o biógrafo:

não havia mais ninguém, em Viena ou em qualquer outro lugar, que pudesse prestar esse serviço a Freud, nem mesmo sua espirituosa e inteligente cunhada Minna Bernays. Mas, o Fliess que assim preenchia o modelo do perfeito ouvinte de Freud era em parte, invenção do próprio Freud (idem, p. 94).

No mesmo parágrafo da citação acima, Peter Gay faz referência ao fato de Fliess ser para Freud o “insubstituível outro”, e cita, tomando por base o seguinte trecho de carta datada de 4 de janeiro de 1899, ao qual agrego abertura e fechamento:

Querido Wilhelm,
[...]

⁴⁹ O capítulo em que Gay trata da relação entre os amigos tem o título de *A teoria em formação*, e os subtítulos são: *Um amigo – e inimigo necessário*; *Históricos, projetos e dificuldades*; e *Auto-análise*. O leque amplo que se estende para falar de Freud e Fliess mostra-nos bem a extensão da presença de Fliess na vida de seu colega.

Veja só o que acontece. Cá estou eu, vivendo mal humorado e nas trevas, até que você chega; faço meus desabafos; reavivo minha chama vacilante em sua chama sempre firme e volto a me sentir bem; e, depois de sua partida, eis que torno a ter olhos para ver, e o que eu vejo é belo e bom.

[...]

Seu,

Sigm.⁵⁰

O que intriga na manifestação de ambos os biógrafos é que mesmo descrevendo aspectos da relação entre os dois amigos, nenhum dos dois deixa ângulo para que se entreveja a relação entre a teorização de Freud e a importância de Freud ter com quem contar. O espanto e desconcerto que as cartas produzem levou a um recobrimento de sentidos que acabam por girar em círculos. Tudo se passa como se Fliess fosse um tosco remendo à serviço de uma tosca fragilidade de Freud. Ambas as condições, amplamente superadas na maturidade do mestre!

Prossigamos, todavia, para reencontrar mais adiante o fio dessa meada.

Quando muito mais tarde volta à tona o interesse pela publicação das cartas, em 1978, Anna Freud escreveu em carta a Masson⁵¹ que seu pai:

nunca lhe falou sobre Fliess, exceto de maneira muito parcimoniosa e já no fim da vida, depois que suas cartas a Fliess foram descobertas. Na opinião dela, a razão disso estaria em que o rompimento era ainda doloroso para Freud, mesmo decorridos tantos anos (Masson 1986, p. 4).

Uma amizade muito íntima perdida no tempo, um segredo, a dor pela separação decepcionada: esses são alguns dos significantes que circulavam no

⁵⁰ Masson 1986, p. 340. Para esse trecho de carta, optei pela tradução de V. Ribeiro da versão de Masson, mais fiel ao original que a tradução brasileira de Gay, por D. Bottmann. Nesta, o que consta é: "Veja o que acontece.[...] Aqui vivo eu rabugento e nas trevas, até você vir; eu me repreendo, acendo minha luz bruxuleante na sua luz calma, sinto-me bem de novo, e, após sua partida, volto a ter olhos para ver, e o que eu vejo é bom e belo" (Gay 1989, p. 94). O trecho em Masson, em inglês, é: *Now look what happens. Here I live in ill humor and in darkness until you come; I get things off my chest; rekindle my flickering flame at your steadfast one and feel well again; and after your departure, I again have been given eyes to see, and what I see is beautiful and good* (Masson 1995, p. 339).

⁵¹ Foi em 1978 que Masson procurou pela primeira vez Anna Freud com o objetivo de publicar a correspondência Freud e Fliess, ainda inédita. Estava-se, então, próximo do quadragésimo ano da morte de Freud e cinquenta da de Fliess. Sobretudo, Anna Freud estava em idade bastante avançada, assim como a geração mais próxima a Fliess. A nora deste, já viúva do filho de Fliess, assim como Anna, foram apontadas como importantes colaboradoras na obtenção de informações para a pesquisa. Nenhuma, de fato, segundo a introdução de Masson, chegou a ver o livro publicado.

meio psicanalítico, mas que, a nosso ver, recobrem o espanto frente ao obsceno da cena de divisão do sujeito Freud em ato. A “fragilidade e a dependência” do inventor da psicanálise falam pouco do acontecimento Freud/Fliess.

É precisamente esse desconcerto causado pelas cartas a Fliess e certo modo de falar sobre a relação Freud e Fliess – a qual, ao fim e ao cabo, nunca dá inteiramente conta da relação de dependência amorosa entre os amigos – que nos faz pensar em um lugar que é dado pela Linguagem, e não por qualquer outra circunstância. As cartas causaram espanto na época de sua revelação ao público, a ponto de serem cortadas em sua carne pela ação de seus censores. Elas foram resgatadas em nome do interesse científico e histórico, mas, curiosamente, sob essa mesma razão foram censuradas. Porge nos lembra que tendo escapado à censura dos nazistas, as cartas a Fliess não escaparam à dos psicanalistas (Porge 2008, p. 21). Por outro lado, despertou naquele que outrora as subscrevera, de modo apaixonado e entusiasta, o desejo de fazê-las desaparecer em cinzas. O espanto se dava como efeito da queda da idealização cativante de Freud, mediante a qual a aparência faz semblante de existência. É no cerne da linguagem que as cartas tocam, e é isso que justifica que elas sejam supostas parte importante da cena de invenção da psicanálise.

Tocar em tal especificidade – a do espanto – nesse trabalho só se justifica porque não podemos deixar de considerar os efeitos de transmissão produzidos pelo impacto do aparecimento da cena do “nascimento da psicanálise”, como indicou Freud. Para aqueles que deviam decidir sobre o legado material de Freud, as cartas eclodiram como um real que exigia significação, uma vez que se tratava de um objeto incontornável que forçava que se dissesse algo dele. Não era um objeto qualquer, pois as cartas eram um fragmento veemente da vida daquele que inventou um saber que se servia de seus próprios sonhos para constituir o novo saber. Por outro lado, para os primeiros psicanalistas havia, também, a missão de organizar materialmente os escritos de Freud, organizar um dizer sobre esses escritos para passar adiante a psicanálise, num quadro de pós-guerra e de êxodo dos analistas fugidos da perseguição nazista. Como efeito dessa missão acabou

acontecendo uma formação de compromisso, na qual se passou a uma psicanálise domesticada, palatável a gostos mais amplos, esvaziada de qualquer traço da peste anunciada por Freud, esquecida da relação sujeito e verdade, e do desejo do analista.

As cartas de Freud a Fliess são sim obscenas, no sentido de que trazem os bastidores do nascimento da teoria psicanalítica para a boca de cena. Tal obscenidade é iluminada pela curiosidade para com a vida privada que se supõe que as cartas revelam, mas, ainda mais, pelo espanto que se entrevê nas reações ao modo como se apresentava a amizade entre Freud e Fliess. Trata-se mais que tudo do que não é dito explicitamente, da revelação da estrutura que subjaz à passagem para o escrito: “a quem escrever?” Trata-se da exposição do que está implicado na estrutura da linguagem. “A ciência, se a examinarmos de perto, não tem memória. Ela esquece as peripécias em que nasceu uma vez constituída, ou seja, uma dimensão de verdade, que é exercida em alto grau pela psicanálise” (Lacan 1966, p. 884). É importante lembrar a expressão de Lacan em *A ciência e a verdade* quanto ao “drama subjetivo do cientista”. Esse drama, o de enfrentar os fundamentos do saber científico, tem um custo: o encontro da dimensão da verdade esquecida no momento em que o saber se constitui. Voltar aos fundamentos – uma crise na física e na matemática, por exemplo – implica reabrir a dimensão da verdade, aquela que concerne ao sujeito. Isso se faz de um modo tal que o complexo de Édipo não é suficiente para dar conta, diz Lacan. Reconhecendo que essa questão é pouco estudada, Lacan prossegue em seu artigo levantando a questão da relação entre ciência e psicanálise apontando justamente a forclusão em que se sustenta a ciência, na medida em que a ciência se define por nada querer saber da verdade como causa. Quanto à psicanálise, entendemos que a escrita das cartas a Fliess está aí justamente para revelar-nos algo da montagem estrutural necessária à relação do sujeito com a verdade. Fliess joga o importante papel de suportar o lugar de terceiro necessário à divisão do sujeito Freud.

Contudo, uma vez reconhecida a importância das cartas para a psicanálise, que marca se lhes deu? Que costura se fez, ou se pode ainda fazer, entre esses

dois corpos, as cartas e rascunhos e os textos teóricos publicados? O que nasce na cena privada e o que desde o início já se destinava ao público, como se entrelaçam? As cartas a Fliess aparecem como um queloide no conjunto dos escritos deixados por Freud. Ela é parte constitutiva da cena da invenção da psicanálise e, como tal, se transmite.

As escolhas de Freud: modo de escrita e o “espírito crítico”

O desejo de análise

Juntamente com a carta de 29 de agosto de 1888, a quinta desde o início da correspondência com Fliess, que é, lembremos, de novembro de 1887, Freud apresentou um claro posicionamento ao mencionar suas escolhas. Nesta carta ele diz que envia ao amigo “um livro, um artigo e uma fotografia”. O tratamento de abertura da carta ao colega médico, já com alguma projeção profissional, mantém certa formalidade – “Prezado amigo” – reflete ainda alguma distância, pois privava de ainda incipiente intimidade. O livro enviado, sobre sugestão, foi de Bernheim, para o qual Freud fez o prefácio; o artigo, que fazia parte de uma coletânea, era de Freud mesmo, e foi acompanhado do comentário de que seu artigo sobre anatomia cerebral fora “drasticamente reduzido”, e da avaliação de que o valor científico de todo o volume não era muito grande. Quanto à foto, era o atendimento a uma demanda de Fliess, marca de lembrança do tempo do curso em Viena, ministrado por Freud, no qual ambos se conheceram, sendo Fliess um aluno indicado por Breuer. Com a foto fixava-se também o fascínio do encontro, a promessa de memória continuada, presença na ausência. Tratava-se, então, de três elementos que mapeavam as trocas entre os amigos que iniciavam os primeiros passos de uma amizade singular.

Na carta a que nos referimos acima Freud respondia a comentários de Fliess acerca de seus caminhos profissionais. Sabemos, pelas biografias de Freud, das dificuldades financeiras e de falta de reconhecimento pelas quais Freud passou, pois além de ser de família pobre, era um judeu em seu tempo

histórico. Nessa carta entrevemos Freud falando sobre como se situava frente aos conselhos de Fliess quanto ao caminho que deveria seguir para estabelecer-se a contento, econômica e profissionalmente. O que desejamos ressaltar é o modo como Freud se situa e estabelece os limites éticos que o definem. Veremos como o sentido do julgamento crítico e seu desejo de análise esteve presente desde cedo para Freud. Seguem quatro trechos consecutivos, embora apresentados fragmentariamente, da carta a Fliess de 29.8.1896:

*Prezado amigo,
[...]
Sem nenhuma reserva, acho que o Sr. está com a razão, mas não
posso fazer o que me pede. Ingressar na clínica geral em vez de
fazer uma especialização, trabalhar com todos os meios possíveis de
investigação e cuidar inteiramente do paciente - este é decerto o
único método que promete satisfação pessoal e êxito material; mas,
para mim é tarde demais para isso.⁵²
[...]*

Fliess estava com a razão, mas Freud não podia segui-la e, então, na sequência, arrola as suas próprias razões:

*Não aprendi o bastante para ser médico clínico e há em meu
desenvolvimento médico uma falha que, mais tarde, foi
trabalhosamente remendada. Consegui aprender apenas o bastante
para tornar-me neuropatologista. E agora me faltam, não a
juventude, é verdade, mas o tempo e a independência para
compensar essa falha.*

Contudo, além desses motivos ligados a circunstâncias biográficas, há outros, que se encadeiam imediatamente, e que nos interessam particularmente, pois indicam claras escolhas de Freud:

*Além disso, o hábito da pesquisa, ao qual sacrifiquei muitas coisas,
minha insatisfação com o que se oferece ao estudioso e a
necessidade de entrar em detalhes e de exercer um juízo crítico
interferem em meus estudos.*

⁵² Carta de 29.8.1896. Masson 1986, p. 24.

Ressalto a frase na qual menciona alguns motivos que quase falam por si: o “hábito de pesquisa”, a insatisfação em relação ao material bibliográfico e a “necessidade de entrar em detalhes e de exercer um rigoroso juízo crítico”. Um hábito, uma insatisfação e uma necessidade. Necessidade de entrar em detalhes e de exercer juízo crítico. E então conclui:

*Assim, parece que preciso continuar a ser o que sou; mas não tenho
ilusões sobre a inadequação desse estado de coisas.*

[...]

*Seu sinceramente dedicado,
Dr. Sigm. Freud*

Freud, um esmiuçador, situava-se fora de um certo circuito pragmático aconselhado pelo amigo: “não posso fazer o que me pede”, diz ele. Fazer clínica geral em vez de especializar-se, trabalhar como médico clínico, atender pacientes eram práticas para as quais não só não se preparara, como nunca estiveram em seu horizonte. Resignado, Freud deixava subentendido que pagava o preço por colocar-se à margem da trilha do sucesso: “não tenho ilusões sobre a inadequação desse estado de coisas”. Tratava-se, então, de uma questão ética, e dela Freud não podia arredar-se. Esta era a singularidade de seu caminho.

Quanto ao hábito de pesquisa, Freud nos deu inúmeras indicações de seu interesse, desde o tempo de estudante de medicina, deixando-nos importantes contribuições como a descoberta do reagente que permitiu a observação microscópica de células nervosas, até o fato de ter chegado bem próximo à descoberta do uso anestésico da cocaína. A esse hábito de pesquisa que se iniciou nos laboratórios de neurologia associava-se outro não mencionado por ele, que era o hábito de leitura e escrita – práticas de um “observador do mundo”, como diria em seu *Estudo Autobiográfico* (1925). Freud escreveu até o fim de seus dias, escreveu por vezes obcecado por suas interrogações, como é o caso de *Moisés e o monoteísmo* (1939 [1934-38]) seu último livro. Escreveu também revendo-se, retornando aos seus próprios escritos, como em *O Ego e o Id* (1923). Freud escreveu de sua posição de “observador do mundo”, mas um observador que a partir de certo momento, se lançava de corpo inteiro, como fez de modo

especial em seus textos realizados com matéria de sua própria vida, como: *A interpretação dos sonhos*, *Psicopatologia da vida cotidiana* e *Os chistes e sua relação com o inconsciente*. E consideremos: escrever não é qualquer coisa.⁵³

Quanto à insatisfação com a bibliografia, Freud fez referência em diferentes correspondências, sendo que *As afasias, um estudo crítico* (1891) é um bom exemplo primevo, no qual ele discorda de seus mestres e questiona o saber dominante em sua época. Contudo, o que não podia deter, o que se impunha e o escravizava era a “necessidade de entrar em detalhes e de exercer rigoroso juízo crítico”.

A série que Freud encadeia – hábito de pesquisa, insatisfação com que se oferece ao estudioso, a necessidade de entrar em detalhes e de exercer um juízo crítico – nos remete ao leitor que Freud era. A precoce introdução à leitura da história da Bíblia foi apontada por ele mesmo em seu *Estudo Autobiográfico* (1925) como tendo “efeito duradouro” sobre a orientação de seu interesse (Freud 1925, p.18). Os efeitos profundos da leitura e interpretação da Bíblia judaica e sua relação com o outro/Outro, associada às particularidades da língua, foi ricamente desdobrada por Betty Fuks em seu livro *Freud e a judeidade* (2000). Neste belo trabalho a autora lembra que a prática milenar de leitura / escrita do Texto Sagrado é uma práxis singular de interpretação. O princípio desta prática, segundo a autora, é dado por “deixar às letras a possibilidade de serem letras e de aproveitar os brancos do texto como reserva de sentido sempre disponível para o leitor interpretar” (Fuks 2000, p. 118). É especialmente no capítulo *Interpretação: errância e nomadismo da letra* que a autora nos oferece elementos para pensarmos Freud como interprete singular das minúcias. Não desenvolveremos aqui as idéias e argumentos da autora, mas este é, sem dúvida, um texto de referência ao qual remetemos nosso leitor. Lembremos que Lacan ressaltou também a importância da estrutura literal da tradição judaica, a qual se imprime na

⁵³ Lembremos como Marguerite Duras falava sobre o que era para ela o ato de escrever: “[Escrever] é isto que é desconhecido de si, de sua cabeça, de seu corpo. Nem mesmo é uma reflexão. Escrever é uma espécie de faculdade ao lado, paralela à pessoa, uma outra pessoa que surge e avança, invisível, dotada de pensamento, de cólera, e que, algumas vezes, por seu próprio fazer, pode perder a vida” (Duras 1993, p. 64). Se isso certamente vale para o campo da literatura, talvez valha também para a invenção de um saber.

estrutura da língua. Em *Freud no século – Conferência de 16 de maio de 1956*,⁵⁴ Lacan lembra a importância da tradição judaica de Freud. Ela, diz ele,

nos conduz sem dúvida muito longe no coração da estrutura com a qual Freud respondeu a suas questões. Seguramente, para bem compreendê-lo, seria preciso desde agora evocar a que ponto ele reconhecia sua dependência para com a tradição judia e a sua estrutura literal (1985, p. 266).

Retomando o trecho de carta acima, entendemos que os itens arrolados por Freud substanciam-se em sua escrita teórica como suporte de seu desejo. Tratava-se de algo forçoso. Freud submetia-se: “preciso continuar a ser quem sou”. Dito assim, Freud dá continuidade à mesma carta, imprimindo outro rumo ao assunto tratado, passando a relatar, com satisfação, que seu trabalho continuava em atividade. O vienense oferece um panorama do que chamava de suas ideias científicas e ao fazê-lo reforça os fios que tecem a amizade nesta que é, como lembramos, a quinta carta. Freud faz, então, gratas referências às contribuições de Fliess: “A ‘Anatomia do cérebro’, diz ele animadamente, está ainda em germinação, como estava na época em que o Sr. me deu ideias novas”.⁵⁵

Mas, para melhor sustentarmos nossas idéias sobre o estilo de Freud, caminhemos mais atrás, para colher de modo ainda mais espontâneo e vívido o desejo de Freud. Cerca de cinco anos antes, em carta de 6 de outubro de 1883, de modo mais pessoal, Freud revelou a Martha, com quem se casaria três anos mais tarde, os gostos que orientavam suas escolhas. O tom era informal e acalorado. Nesta carta ele já mostrava sua impaciência e sua independência. Recusava-se ao que se lhe apresentava, restando-lhe o único caminho de fazer diferente. Escreve ele a sua noiva:

Meu tesouro adorado,

[...]

⁵⁴ Lacan, J. *Freud no século – Conferência de 16 de maio de 1956, O Seminário, Livro 3, As psicoses* (1955-1956). Rio de Janeiro. Jorge Zahar, 1985 (p. 263-277).

⁵⁵ Atenção para esse sinal de Freud quanto à importância de Fliess para si. Era um momento em que Freud encontrava-se enfrentado todo tipo de resistência. Freud ouve as ideias de Fliess e as toma como importantes contribuições. Diga-se de passagem e em acréscimo que mais tarde ele atribuiu a Fliess o uso dos termos “sublimação” e “período de latência” (Jones 1989, Vol I, p. 319).

*Estou abrindo meu caminho na medicina à custa de leituras.
Minhas primeiras colaborações foram publicadas hoje,
naturalmente sem assinatura. Quanto mais fundo penetro na
medicina, mais difícil se torna escrever para publicar. Não porque
tenha que satisfazer exigências maiores do que antes. Não, é
porque a maior parte do que se publica exige muito espírito de
sacrifício.*⁵⁶

Em seguida, a crítica fica mais clara, detalhada, e podemos entender melhor o que o mortificava e que o animava. Vejamos:

*Se os autores de trabalhos dessa natureza tivessem mais
autocrítica, nove décimos deles não seriam autores. Tenho que ler
muita matéria medíocre e, o que é pior, incorreta, e não posso eu
escrever desta maneira. Na medicina a maior parte da inteligência
da gente se consome em refugar o que é inútil. Porém, esta é uma
maneira obscura de ser inteligente. De qualquer maneira, espero
que uma absorção mais profunda na matéria me dará o desejo e a
capacidade de produzir algo útil.*

[...]

*Com saudades muito afetuosas do
Seu
Sigmund*

Estes trechos de carta valem por si, quase dispensam comentários. Freud ironiza quanto à falta de auto-crítica dos autores e se exclui, terminantemente, de estar dentre eles: “não posso eu escrever desta maneira”. O futuro inventor da psicanálise revela que quer escrever algo de útil, e não medíocre. Não quer ficar refutando o que já é ruim, quer diferir. Crítica contundente e, por outro lado, o reconhecimento de sua posição: gostava de ir aos fundamentos e esta era sua exigência ética. A visada de Freud para a produção de algo que o ultrapassasse esteve presente desde sua juventude como um desejo de diferença absoluta, provável gérmen de um modo forte de relação com o público e da construção de seu nome de autor.

⁵⁶ Freud, *Correspondência de amor e outras cartas* (1873-1939), Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1982, p. 88. Esta nota se refere aos dois trechos de carta apresentadas no presente contexto.

Os dois trechos da carta a Fliess e a Martha revelam Freud recusando-se ao caminho da eficácia pragmática. Ele não tomava para si os conselhos do colega admirado e bem sucedido, cujo resultado seria mais imediato, porém com o “único” senão de que não estaria sendo ele mesmo. Recusava-se também a ler e escrever o que chamava de “matéria medíocre: incorreta e inútil”. Em ambos os excertos aparecem, explícita ou implicitamente, como perspectivas que orientavam sua ética, o exercício do juízo crítico e o desejo de produzir algo útil e inteligente. Desejo de legado à humanidade.

No capítulo três de *A incompletude do simbólico*, Le Gaufey⁵⁷ chama a atenção para o fato de Freud ter sido aluno dos seminários de Brentano e também por ter traduzido J. S. Mill, interessado pelas questões da lógica. Tal fato, porém, diz o autor, não permite por si só designar a Freud o lugar de quem viria a tocar nos problemas fundamentais da lógica simbólica. Embora ele fosse contemporâneo da crise dos fundamentos da matemática, Freud a desconheceu. A radicalidade de sua contribuição pode, então, ser atribuída muito mais ao seu *estilo* e ao que fez com o conjunto de informações a que esteve exposto, do que ao conjunto de informações propriamente dito.

Então, se Freud não escrevia para refutar, escrevia para inventar e constituir seu legado com vistas a, enfim, transmitir sua leitura de “observador do mundo”.

O tratamento do real pelo simbólico – a práxis

Ao introduzir o *Seminário 11*, Lacan (1973) faz um exame cuidadoso dos fundamentos da psicanálise, apontando o espantoso afastamento do pensamento pós-freudiano do que seria a originalidade de seu fundador. Começa por colocar questões sobre o que é a psicanálise, o que é que funda a psicanálise como práxis. Tomando esse termo como ponto de partida para desenvolver seu trabalho, Lacan situa práxis como “o termo mais amplo para designar uma ação

⁵⁷ Le Gaufey, G. *L'incomplétude du symbolique – de René Descartes à Jacques Lacan*, 1996. Paris: E.P.E.L.

realizada pelo homem, qualquer que ela seja, que o põe em condições de tratar o real pelo simbólico” (Lacan 1973, p. 150).⁵⁸ Esse ponto de partida tão brevemente referido aqui é a meu ver todo o problema do fundamento, visto que indaga por essa operação tão primeira que é o tratamento do real pelo simbólico. Todo ser falante está condenado, desde sua entrada na linguagem até o fim de seus dias a essa operação com a qual se constitui e continua constituindo a si e ao mundo. E, como diz Lacan em sequência ao acima referido, “se nisso ele encontra menos ou mais imaginário tem aqui valor apenas secundário”.

Importa a afirmação de que se a experiência é o campo da práxis, a ciência moderna opera de modo a deixar de lado a “alma” daquele que experimenta.⁵⁹ Por analogia às preconizações aos alquimistas, Lacan considera que é preciso levar em conta a “*alma do operador*”. Isso o leva a se perguntar sobre qual é o desejo do analista: “O que há de ser do desejo do analista para que ele opere de maneira correta?” (1973, p. 17).

Em *Nota sobre a formação teórica de um psicanalista*, Bernard Vandermersch (2003)⁶⁰ fala-nos do “desejo singular” de Freud, de sua transferência a Fliess, e uma boa dose de sorte, como condições do advento da psicanálise. Não se trata, adverte ele, do desejo da pessoa de Freud, mas daquilo que nele permite o surgimento da psicanálise; o desejo de psicanalista não é o desejo deste ou daquele que pratica a análise, mas disso que permite que o tratamento vá a seu termo. Segundo Vandermersch, no referido *Seminário 11*, Lacan faz uma formulação que tem resistido muito bem:

Não é um “desejo puro” (purificado de toda consideração em relação ao objeto do amor), mas “desejo de obter a diferença absoluta”, aquela que intervem quando, confrontado com o

⁵⁸ Lacan, em *Seminário 5*, lembra: “Bem sabemos, hoje em dia, que as coisas não são insensíveis à aproximação do significante, que elas se relacionam com a ordem do *logos* e que essa relação deve ser estudada. Estamos, mais do que nossos predecessores, em condições de perceber que a linguagem penetra nas coisas, deixa-lhes sulcos, levanta-as, subverte-as um pouco” (1999, p. 367).

⁵⁹ Todavia, todo esse esforço de desconhecimento se fratura em momentos de crise. Já tivemos exemplos na história, como no caso, referido por Lacan, da criação da bomba atômica e de suas ‘experiências’ – quando toda a sociedade passou a se perguntar qual é o desejo da física e do físico, e mais recentemente de modo, digamos, mais discreto e intermitente –, quanto à biologia e à orientação de suas pesquisas nos dias de hoje.

⁶⁰ Vandermersch, B. *Note sur la formation théorique de l'analyste* Rev. *Essaim* n. 11, 2003, pp. 155-164

significante primordial, o sujeito vem pela primeira vez em posição de se assujeitar (Lacan 1999).

Mesmo que seja difícil atribuir tal desejo a um sujeito, diz Lacan, podemos pensar que alguma coisa desse desejo que leva ao assujeitamento está implicado no desejo de Freud. A posição de Vandermersch é a de reconhecer que se Freud tinha a ciência como ideal para a psicanálise, forçando-a nesse campo para separá-la do saber sobre certezas fundamentais do ocultismo e especulação estéril, é que Freud queria uma psicanálise que operasse e que soubesse explicar-se.

Essa questão é tão seriamente tomada por Lacan, segundo o que depreendemos de Vandermersch, que é na consideração desse desejo original que resta o ponto essencial a integrar na conceitualização da análise e, portanto, na formação para a sua prática. Importa saber como Lacan articula a psicanálise com a ciência depois de algumas consequências a serem tiradas da incidência do desejo do analista na relação do psicanalista com o saber e na sua formação teórica. Ainda seguindo Vandermersch, é preciso sublinhar de início a singularidade do saber engendrado pela psicanálise em relação ao saber científico.

Ainda no *Seminário 11*, Lacan chama a atenção para o espantoso de uma de suas próprias afirmações. Depois de salientar alguns dos traços distintivos do inconsciente freudiano, diz que é Freud quem dá a marca de inconsistente ao inconsciente e que:

O estatuto do inconsciente, que lhes indico tão frágil no plano ôntico, é ético. Freud em sua sede de verdade diz: O que quer que seja, é preciso chegar lá – porque em alguma parte, esse inconsciente se mostra. E isso ele diz dentro de sua experiência daquilo que era para o médico, até então, a realidade mais recusada, mais coberta, mais contida, mais rejeitada, a da histórica, no que ela é – de algum modo, de origem – marcada pelo signo do engano (Lacan, 1973, p. 37).

Tais afirmações não devem ser tomadas de modo romântico, idealizado. A coragem e determinação de Freud, por mais valiosos que sejam a nós, são feitos; Freud é “empurrado” nessa direção, como podemos acompanhar em

algumas passagens de suas cartas, a partir de algo, “da coisa”. Mais do que escolher uma posição, Freud se submete a ela. A posição que procuramos circunscrever, portanto, não é a que se esgota nos dados biográficos de Freud, embora eles contem, mas a posição de Freud frente a seu desejo.

Voltemos ao que Lacan (1973) nos aponta acerca do inconsciente freudiano:

O inconsciente freudiano não tem a ver com as formas ditas inconscientes que o precederam, nem com o inconsciente romântico da criação imaginante. Não é o lugar das divindades da noite. O que em Freud se distingue, então?

A todos esses inconscientes sempre mais ou menos afiliados a uma vontade obscura considerada como primordial, a algo de antes da consciência, o que Freud opõe é a revelação de que, ao nível do inconsciente, há algo homólogo em todos os pontos ao que se passa ao nível do sujeito; isso fala e funciona de modo tão elaborado quanto o do nível consciente, que perde assim o que seria seu privilégio (1973, p. 29).

Lacan é quem primeiro aponta para a novidade de Freud, que é o sujeito freudiano: “isso fala e funciona de modo tão elaborado quanto o do nível consciente, que perde assim o que seria seu privilégio. [...] O encaminhamento de Freud é cartesiano”; e completa Lacan: “Eu insisto em que há um ponto em que se aproximam, convergem, os dois encaminhamentos, de Descartes e Freud” (1973, p. 38).

A operação absolutamente inaugural da leitura de Freud feita por Lacan – que se constitui no retorno a Freud – é, para Shoshana Felman,⁶¹ assim caracterizada por permitir reconstruir o contato de Freud com seu estranhamento. Diz a autora:

É um retorno cujo objetivo, paradoxalmente, não é tanto tornar Freud familiar, mas reconstruir o contato com seu estranhamento: um retorno a um Freud constitutivamente estrangeiro – até para ele mesmo, Freud. Um retorno à batalha entre Freud e a impossibilidade de tradução; um retorno ao inconsciente – tanto no texto como do texto de Freud, não o tomando como resposta apaziguadora, mas como uma questão irredutivelmente estranha.⁶²

⁶¹ S. Felman, *Jacques Lacan and the adventure of insight – psychoanalysis in contemporary culture*. Harvard University Press, 2004.

⁶² Tradução nossa de: “*It is a return whose function, paradoxically, is not so much to render Freud familiar as to renew contact with his strangeness: a return to a Freud constitutively foreign – even to himself; a return to Freud's struggle with the radical impossibility of translation; a return to the unconscious – both in Freud's text*”

E prossegue Felman, citando Lacan:

Esta reforma do sujeito, que é aqui inaugural, deveria ser relacionada com a que se produz no princípio da ciência, comportando esta última certo adiamento no que tange às questões ambíguas a que podemos chamar questões da verdade.⁶³

Felman articula o retorno a uma questão metodológica que Freud inaugura e a ela se submete, constituindo um novo modelo de cientificidade. Sublinhemos a frase: “o que se produz nos primórdios da ciência” como se referindo à constituição dos fundamentos da ciência que estrutura seu objeto, mais do que a uma questão histórica. A autora citada prossegue apontando o que chama de “o insight mais crucial e de maior alcance de Lacan” como sendo o de:

Ter analisado a operação freudiana constitutiva como procedente do sintoma que é seu objeto, ter analisado a psicanálise como procedente da transferência de Freud, mas ter feito isto não à maneira limitada de críticos psicologizantes – de forma a descartar a teoria, invalidar ou reduzir a operação – mas, ao contrário, de forma a explicar seu princípio novo de fecundidade e seu tipo revolucionário de rigor científico⁶⁴ (Felman 2004, p. 63).

Em *O que é “um retorno a ...”*? Nina Leite⁶⁵ está interessada em seguir os caminhos do sintagma *um retorno a ...* na obra de Lacan, efeito de ele declarar ter-se sentido “convocado” pela conferência de Foucault *O que é um autor?* (1992), à qual assistiu. A autora busca nos passos de Lacan, primeiro em posição de um leitor de Freud, que se serve de alguns de seus escritos para suas ideias, e depois na posição de comentador, em que ele considera toda a obra de Freud. Do

and of Freud's text – not as a domesticated, reassuring answer but as an irreducibly uncanny question” (2004, p. 54).

⁶³ Tradução nossa de: “The reformulation of the subject, which is inaugural here, should be linked to the reformulation produced by the very principle of science itself entailing a certain postponement with respect to those ambiguous questions that can be called questions of truth” (Lacan, apud Felman, p. 63).

⁶⁴ Tradução nossa de: “To have analyzed Freud's constitutive operation as itself proceeding from the symptom that is its object, to have analyzed psychoanalysis as itself proceeding from Freud's transference, but to have done so not – in the narrow-minded manner of psychologizing critics – so as to discard the theory, to invalidate or reduce the operation – but, on the contrary, so as to account for its new principle of fecundity and for its revolutionary type of scientific rigor.”

⁶⁵ Leite, N. *O que é “um retorno a...”*?, apresentado na Escola de Psicanálise de Campinas (agosto de 2007 - mimeo).

Seminário 1 de Lacan, a autora colhe uma afirmação importante, que aponta para a visada metodológica de Lacan, que tem todo o seu valor para o presente trabalho; Lacan, diz Leite, referindo-se ao texto de Freud, afirma:

Este escrito manifesta uma vez mais o valor fundamental de todos os escritos de Freud. Cada palavra merece ser medida em sua incidência precisa, em sua ênfase, em seu giro particular, merece ser inserida na análise lógica mais rigorosa. E explicita que não se trata de interrogar o texto freudiano sobre as suas relações com aquele que é o seu autor, mas de tratá-lo como uma palavra verdadeira, no seu valor de transferência (Lacan, *Seminário 1*, apud Leite).

Falar em “uma palavra verdadeira, no seu valor de transferência” me leva a frisar a importância do “*leitor em transferência*”. Daí a importância do trabalho de Leite neste momento, pois ele permite um discernimento quanto ao que seja o *retorno a ...* do ponto de vista da psicanálise, tomando como paradigma os efeitos de transmissão na leitura de Lacan, outro autor. Apontando para o Lacan que transforma o discurso da psicanálise fazendo-o freudiano, Leite observa:

Lacan se toma então como/no lugar de endereçamento das palavras de Freud, ele é convocado pela sua palavra e, como freudiano, produz texto a partir do texto freudiano. Em 1974, em uma entrevista à revista italiana *Panorama* Lacan afirmou: “A psicanálise é Freud. Se se quer fazer psicanálise, há que referir-se a Freud, em seus termos, em suas definições, lidas e interpretadas em seu sentido literal”.⁶⁶

A frase relevada pela autora e dita por Lacan parece pouco, banal, se não a associarmos solidamente ao que a introduz. O “sentido literal só é lido e interpretado” pelo fato de Lacan ter se posicionado “no/como lugar de endereçamento das palavras de Freud”. Há certa posição de leitor a ser ocupada para que a *palavra* tenha a potência de convocar.

A linha divisória que marca o nascimento da psicanálise como um campo heterogêneo e conexo ao saber científico é essencial ao horizonte deste trabalho, uma vez que se trata de Freud inventando a psicanálise num constante lugar de diferença. Em exílio, Freud busca tecer os fundamentos da “sua” psicologia; faz sua cunha fundado em sua certeza, como diz Lacan, mantendo a ciência como

⁶⁶ Op. cit.

ideal, mas fazendo sempre outra coisa, sujeito assujeitado em relação a seu objeto, entregue à sua invenção. Como instaurador de discursividade, há em Freud um texto em excesso e retraimento. Nele é impossível reconhecer proposições falsas, há “ato de fundação e enunciados não pertinentes ao novo campo”, como diz Foucault (1992, p. 62). Fliess entra na cena que instaura, e no que aí se desenrola, como um assegurador de certeza, como veremos mais adiante.

Retorno ao texto de Leite, pois sua conclusão é de importância para falar da ambição deste trabalho e de sua diferença quanto a outros modos de tratar a relação Freud/Fliess. A autora alerta em conclusão: “há uma não transparência na relação entre o texto ao qual se retorna e o autor; o retorno a...” não é uma proposta simples e evidente, é preciso muito mais do que citar o nome do autor, é preciso fazer um deslocamento: do (re)*torno* para o “(re)*fazer a volta*”, com o que fica sublinhado um certo fazer e o que dele/nele *enlaça*.

Suponho que importa, por exemplo, o *fazer como* Freud naquilo que diz respeito ao objeto da psicanálise: o fazer como Freud é, arriscando-nos à simplificação, deixar-se convocar pelo sempre enigmático objeto, e pelo método paradoxalmente imprescritível; sempre um caminho singular, portanto. O preço é o exílio de um saber que se queira completo, da unidade que estabelece e domina.

O desejo de Freud, o desejo do analista

Na verdade, não há coisa alguma para a qual o homem, por sua organização, seria menos apto do que a psicanálise.
Freud em carta a Binswanger⁶⁷

Lacan aponta que Freud entra na relação do desejo com a linguagem ao escutar a histérica, pois é no movimento mesmo da fala que a histérica constitui seu desejo. É o gênio de Freud, seguindo persistentemente sua intuição, que faz Lacan se perguntar com certa inquietação: “Por qual privilégio o desejo de Freud

⁶⁷ Binswanger, L. *Discours parcours et Freud*, 1979 (apud Cottet 1989, p. 17).

tinha podido encontrar, no campo da experiência que ele designa como inconsciente, a porta de entrada [para a psicanálise]”?⁶⁸

Em *Freud e o desejo do psicanalista* (1989),⁶⁹ no capítulo “O ato analítico de Freud”, Serge Cottet nos diz:

Essa experiência [a psicanalítica] não encontra sua razão de ser em outro lugar senão no desejo do próprio Freud que a inventou. Necessidade alguma, além da paixão de Freud, pode dar conta dessa “peste” que não se refere a qualquer necessidade pública (Cottet 1989, p. 17).

Nenhuma outra “razão de ser”, diz o autor, para esse saber que advém da experiência de Freud, de seu desejo singular. Eis a razão pela qual a via biográfica jamais poderá dar conta do que há de “peste” na experiência psicanalítica. Continuamos nos servindo das palavras de Cottet, porquê elas dizem melhor do impossível da experiência psicanalítica e do porquê da insuficiência de uma visada simplesmente historiográfica. Esses são pressupostos que gostaríamos de fixar:

Estas linhas comprovam que “ao menos um” que não recuou diante dela,⁷⁰ que deu provas de certa aptidão, era descrente quanto às possibilidades de transmissão da análise. Ou seja, não há muitas razões para que permaneça aberta a via que ele abriu – salvo uma vontade de reabri-la igual à sua. É só constatar nos numerosos artigos e obras consagradas à biografia de Freud para nos apercebermos que nenhum deles é capaz de dizer porque este inventou a psicanálise e não outra coisa qualquer. Não se trata, por outro lado, de um fracasso, pois é algo pura e simplesmente impossível. Não se psicanalisa uma obra, e a de Freud menos que qualquer outra. [...] Entretanto, não faltaram paixões a seu inventor, e a ardente ambição de fazer nome não foi a menor delas (Cottet 1989, p. 17).

Cottet toca na importante questão da abertura da via inconsciente, do não recuo da experiência psicanalítica, cujo único móvel de sustentação só pode ser atribuído ao desejo de Freud. Desejo, algo de difícil apreensão, sempre causado

⁶⁸ Lacan, J. *Seminário 11*, 1999, p 17.

⁶⁹ Cottet, S. *Freud e o desejo do psicanalista*. Tradução de A. Roitman. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1989.

⁷⁰ Lembremo-nos de Breuer pioneiro no contato com a força do desejo da histérica, que não suportou acompanhar Freud na continuidade de sua *experiência*.

pelo que resta da divisão do sujeito frente à falta do Outro, raiz de sua constituição como sujeito.

Em *A coisa freudiana ou o Sentido do retorno a Freud em psicanálise* ([1956] 1998), Lacan força um retorno ao sentido de Freud: o de trazer a peste. A peste parece não ser outra senão a de que não há fala senão na linguagem, sendo a linguagem uma ordem constituída por leis; linguagem não é comunicação, não é informação e não é código, diz ele, e também não pode ser reduzida à superestrutura, uma vez que tem a ver com duas redes que não se superpõem: a do significante e a do significado. A descoberta freudiana traz a questão da verdade como enigma, sempre se esquivando. Lacan acrescenta: um psicanalista deve introduzir-se facilmente na distinção fundamental entre o significante e o significado, e começar a se exercitar nas duas ordens de relações por eles organizadas.

Para falar de seu retorno a Freud, Lacan usa como metáfora o mito de Actéon, apaixonado por Diana, deusa caçadora, virgem que não se deixa ver. Surpreendida em sua nudez por Actéon, que perambulava com os seus cães de caça, a deusa o transforma em um cervo, metamorfoseando o caçador em caça. Actéon só se dá conta de sua transformação no momento em que se escuta (tal como Narciso, quando se vê nas águas da fonte), pois pretendendo falar, solta grunhidos. É somente nesse momento de perda de sua imagem que vem a sua desdita: tenta falar mas não pode ser reconhecido por seus cães farejadores, que acabam por devorá-lo. Assim também se encontra o analista atual, diz Lacan, uma vez que é nas “arestas do falar que está a verdade que fala”.

Isabella Tardini Cardoso em seu artigo *Metamorfoses do desejo em Actéon de Ovídio* (2005) nos ajudou muito a ler essa passagem do texto de Lacan. Lacan, segundo a autora, serve-se do poema de Ovídio para metaforizar o que está em questão no retorno que se impõe. Freud é o que busca a verdade e é também o que é dilacerado por ela. O inventor da psicanálise passa de caçador a caça e transformado em mito por seus seguidores, se esfacela. Isabella aponta o seguinte veio de leitura para o uso do mito por Lacan:

No momento em que Freud passa a ser a verdade da psicanálise, Lacan diagnostica não apenas uma retomada cíclica do mito de

Actéon, gerando não apenas uma troca de papéis entre os personagens, mas ainda a transformação de Freud – Actéon na verdade divinizada (Tardini Cardoso 2005, p. 53).

Isabella aponta para um movimento de transformação que é circular, uma metamorfose que implica em destruição. É só depois de transformado em cervo que se manifesta em Actéon um desejo: “ele ansiava por gritar para que seus cães o reconhecessem” (Cardoso 2005, p. 58), elucida-nos a autora. Trata-se, para Isabella, do *desejo de ausência*, que surge após a metamorfose. Com efeito, diz Lacan: “é na desagregação da unidade imaginária constitutiva do eu que o sujeito encontra o material significante de seus sintomas” (Lacan 1998, p. 428). Uma vez que é nas *arestas do falar* que está a verdade que fala, também o analista está condenado perpetuamente a ser abandonado por cães que não o reconhecem. Freud se empenhou sempre em recomençar sua busca. Mas, não é disso que se trata. Trata-se de recomençar a busca após a metamorfose, após o estranhamento. Assim também se encontra o analista atual, diz Lacan: ao falar do eu, lugar de desconhecimento, meio da fala endereçada, Lacan descreve o seu funcionamento paradoxal:

É despedaçado que ele toma a palavra, e é inteiro que ele se presta a não a ouvir. Com efeito, é na desagregação da unidade imaginária constitutiva do eu que o sujeito encontra o material significante de seus sintomas (Lacan 1998, p. 428).

Despedaçada a unidade imaginária do eu, a verdade se faz ouvir. E essa verdade devora.

Chamamos a atenção para o peso dessa condição do encontro com o “material significante: a desagregação da unidade imaginária constitutiva do eu.” Se Freud estabelece e insiste na rigorosa separação entre o campo do eu e do inconsciente, e nas manifestações enviesadas do inconsciente, ele próprio é presa do que Lacan chama de o *drama do conhecimento*, o que faz necessário que se busque de novo o sentido de sua invenção. Tal desafio é parte da formação dos analistas que o sucederam e sucedem. O resgate do sentido da experiência freudiana e seu motor, como diz Lacan, fazem parte do projeto de um retorno a Freud.

Em *Note sur la formation théorique de l'analyste* (2003), Bernard Vandermersch,⁷¹ seguindo Lacan em seu seminário *Os quatro conceitos fundamentais da psicanálise* (1999), relembra que foi a histérica que formou um psicanalista: Freud. Freud deu ouvidos ao desejo histérico, coisa que nem Breuer, nem Charcot puderam escutar. Atrapalhou-os a experiência do sexual na clínica – o real do inconsciente. Algo do desejo d'Isso se fez presente no desejo originário de Freud: deixando-se guiar por seu desejo, Freud levou a termo o tratamento da histérica, criando a teoria psicanalítica a partir dessa clínica que o inquietava. A suposição é a de que Freud prosseguiu no caminho, sustentado por seu desejo de saber do que não se pode saber. Para circunscrever minimamente a expressão 'desejo do psicanalista', criada por Lacan, Vandermersch relembra desse autor que não se trata do desejo daquele que pratica a análise, mas daquilo que permite que o tratamento vá a seu termo, para dizê-lo minimamente (Vandermersch 2003, p. 156).

Mas, Fliess estava presente nesse percurso de Freud, e é mesmo como bastidor que deve ser levado em conta. Afinal, trata-se da própria psicanálise, sempre interessada em ir além das cortinas e cenários do palco. Nessa direção, Vandermersch situa a psicanálise como efeito do que chama de um 'encontro feliz' entre: o desejo singular de Freud, sua transferência sobre Fliess, e uma boa dose de sorte.⁷² Podemos considerar que o primeiro e segundo termos se imbricam na fabricação do fenômeno da transferência, e que o terceiro pode ser traduzido pela temporalidade inconsciente, a que faz a *occasio*. É preciso lembrar, quanto ao termo transferência, o que nos diz Lacan sobre ele, no seminário *A angústia* (2005):

Creio que a referência à transferência, ao limitá-la unicamente aos efeitos de reprodução e repetição, é estreita demais e mereceria

⁷¹ Vandermersch, B. *Note sur la formation théorique de l'analyste*. *Essaim* n. 11, 2003, pp. 155-164.

⁷² Entendemos que o termo 'sorte' ('une bonne part de chance' - 'chance' pode ser em português sorte e/ou acaso), além de referir-se à confluência de acontecimentos oportunos, pode ser entendido como *occasio*, ocasião, um termo trabalhado por Veras em *Lingüisterria: um chiste* – tese de doutorado, IEL, Unicamp, 1999, ao considerar a fundamental dimensão da temporalidade inconsciente.

ser ampliada. De tanto insistir no elemento histórico, na repetição do vivido, corre-se o risco de deixar de lado toda uma dimensão não menos importante: a dimensão sincrônica, aquela, precisamente, do que está incluído, latente na posição do analista, e através da qual reside, no espaço que a determina, a função do objeto parcial.

Foi isso que, ao falar da transferência, se vocês estão lembrados, designei pela metáfora bastante clara, parece-me, da mão que se estende para o pedaço de lenha. No momento em que vai alcançá-lo, a lenha se inflama e na chama aparece outra mão, que se estende para a primeira. Foi o que designei igualmente, ao estudar *O banquete*, de Platão, pela chamada função do *ágalma* no discurso de Alcebíades (Lacan 1905, p. 106/107).

O que sublinhamos aqui é a sincronia incluída no espaço que determina a função do ágalma, daquilo que maravilha. Vandermersch situa Fliess como “um médico tão fechado ao inconsciente que não se deixa levar ao erro de seu desejo”,⁷³ e permite-nos pensar, juntamente com Porge, que foi a certeza de Fliess que maravilhou Freud. Reconhecendo no amigo um *Kepler da biologia* (Carta de 30 de julho de 1898), Freud o supôs seu parceiro de exploração de territórios não desbravados. Todavia, anos mais tarde, em 1906, Freud respondeu ironicamente à curiosidade espantada de Jones sobre: como faria Fliess “quando um ataque de apendicite ocorria um número irregular de dias depois de um ataque anterior. Freud, conta-nos o biógrafo, olhou para mim meio zombeteiramente e disse: ‘Isso não incomodaria Fliess. Era um matemático exímio e multiplicando 23 e 28 pela diferença entre os dois e somando e subtraindo os resultados ou ainda por meio de cálculos aritméticos mais complicados, ele sempre chegaria ao número que desejasse” (Jones, E. 1989, vol. I, p. 295).

É o encontro com Fliess que oferece a oportunidade de “divisão de trabalho”, de “formação de uma comunidade”, à qual Freud se refere em *Os chistes*, ao falar das condições necessárias à terceira pessoa para que algo se crie e o chiste aconteça. A não manifestação de barreiras às “ideias amalucadas” de Freud por parte de Fliess, como diz Lacan, permite que aquele insista no enigma tanto na teorização, na clínica, como na “auto-análise”. Esse encontro foi a condição

⁷³ Tradução nossa de: ‘un médecin assez fermé à l’inconscient pour ne pas égarer ce désir’, em Vandermersch, B. *Note sur la formation théorique de l’analyste. Essaim* n. 11, 2003, p. 157.

necessária, embora não suficiente, para Freud erguer as ideias fundamentais da psicanálise.⁷⁴ Havia já em Freud um nicho para um Fliess, algo que, efetivamente, só podemos dizer *a posteriori*, pois nem Freud nem Fliess poderiam antecipar tal acontecimento. Foi preciso o encontro incandescente para que a psicanálise se desse a ver.

A relação Freud/Fliess teria como destino o soterramento após o desastroso processo de acusação a Freud de favorecimento ao plágio, por parte de Fliess. Todavia, seu nome voltou a Freud não poucas vezes, como é próprio do inconsciente, segundo, esparsamente confessava a seus correspondentes mais íntimos. Foi pelo resgate das cartas de Freud que estavam em poder da família Fliess que hoje podemos valorizar as menções ao ex-amigo ao longo de sua vida. Até então pensava-se que o grande amigo e parceiro da criação da psicanálise fora Breuer. Podemos dizer com Lacan, que foi Fliess quem polarizou e organizou a existência de Freud (*Seminário 2*, lição de 9 de fevereiro de 1955, p. 158). Há inusitadas irrupções de lembrança da relação com Fliess em momentos precisos como nos desmaios de Freud frente a Jung, e na confiança ao amigo Ferenczi⁷⁵ acerca de sua superação de uma *tendência homossexual*, na conhecida afirmação da paranoia de um e sucesso de outro. Desenvolvemos esse tema mais adiante.

Vandermersch, no artigo referido, está preocupado com a formação teórica do analista, e sublinha, mais precisamente, que o ponto essencial a ser integrado na conceitualização da formação da prática analítica é o desejo de Freud. Para desenvolver sua ideia, cita Lacan no *Seminário 11*: desejo de obter a “diferença absoluta”.

É preciso reconhecer essa condição na teorização da psicanálise, e Vandermersch nos auxilia nisso ao fazer o esforço de diferenciar três modos de

⁷⁴ Em carta a Josef Popper-Lynkeus de 4.08.1916, Freud fala de Fliess com respeito e aceitação de suas ideias: “A dissertação de quase 100 anos do Dr. Heinei Straus é realmente notável. Contém várias coisas com as quais um amigo meu W. Fliess, de Berlim, se preocupava muito. Por observação própria este ressuscitou a apreciável descoberta da existência de dois ritmos tais, um masculino de 23 dias e um feminino de 28. Mesmo depois que essa amizade chegou ao fim mantive alguma fé nesta ideia” (Freud, Ernest, 1982, p. 367). Por aí se vê que as ideias de Fliess ecoavam as de Freud naquilo que elas sustentavam algo que era da ordem da “fé”.

⁷⁵ Sándor Ferenczi (1873-1933), psiquiatra e psicanalista húngaro, com o qual Freud trocou cerca de 1200 cartas, numa amizade que durou um quarto de século.

gozo na teorização: o gozo de “um saber puramente subjetivo imposto pela sugestão”; o gozo que ao contrário do primeiro mencionado, se “abriga na falsa modéstia das ciências experimentais por se pretender científica” (idem, p. 163), e aquele da teorização que se autoriza a chamar-se de psicanalítica. A teorização em psicanálise se articula sob a divisão do sujeito entre saber e verdade. Esse modo de produzir teoria só é consistente com seu nome – teorização em psicanálise – se trouxer impresso o traço “ensanguentado e rebentado” ⁷⁶ do sujeito que se estrutura na relação Sujeito e Grande Outro. Para o presente trabalho, a abordagem das cartas de Freud a Fliess são indissociáveis da condição originária de um saber, da presença do desejo de Freud na fabricação desse saber. Desejo de “diferença absoluta”,⁷⁷ sobre a qual o autor explicita:

esta diferença é absoluta por não ser relativa à mais ou menos grande *écart* entre dois significantes, ou duas significações, mas à autodiferença do significante. Ela tem por referência o *phalus* como isso que suporta a lei do significante, aquela de ser diferente dele mesmo sob pena de se degradar em signo (2003, p. 164).

A concepção do autor citado se apóia inteiramente no desenvolvimento da concepção lacaniana do inconsciente estruturado como uma linguagem, especialmente a do desejo articulado à lógica do significante, mesmo não sendo ele mesmo articulável.

Vale lembrar, ainda, que no *Seminário 8, A transferência*, Lacan desenvolve a complexa relação entre amor, saber e verdade. Lacan encontra na clivagem cartesiana entre saber e ciência, da qual emerge o sujeito da ciência, a oportunidade do surgimento do sujeito do inconsciente, por um movimento de retorno do forcluído, ou seja, de toda ambiguidade e equivocidade colocada fora pela operação metódica cartesiana. Lacan situa a contribuição de Freud nessa justa fratura cartesiana como uma operação racionalista à qual se deve o avanço da ciência. A consequência disso é que a manifestação do sujeito do inconsciente

⁷⁶ Vandermersch traz essa expressão usada por Lacan no *Seminário 13, O objeto da psicanálise*, lição de 1 de junho de 1966: “*la trace sanglante et éclatée du sujet*”, referente à estrutura de divisão do sujeito. O autor indica em nota de rodapé (*Sanglant fait ici référence à la “livre de chair” soit à la castration nécessaire à ce que l’objet a puisse remplir sa fonction. Éclaté fait référence à la structure de coupure du sujet.*). Tomamos “*éclatée*” como rebentado, pois guarda o sentido de estourado, explodido, mas também de arrebatado em rebentos.

⁷⁷ Lacan, *Seminário 11*, citado por Vandermersch.

– efêmero, pulsante, só conhecido por seus efeitos – deverá sempre ser levada em conta no campo da psicanálise. O objeto da psicanálise é o objeto *a*, tal como o formula Lacan, como objeto inabordável, impróprio à especularidade, efeito da divisão do sujeito. A questão da relação entre a verdade e a ciência se faz lembrar aqui. Na relação da psicanálise com seu objeto, o que se pode dizer é que a verdade, como nos alerta Lacan, está do lado do sujeito e não nos objetos, como se ela estivesse oculta, à espera da descoberta que a revele.

Em sua aula de 23 de janeiro de 1974, no livro *O poder psiquiátrico*, Foucault (2006) nos fala de duas séries de verdades que se situam por contraste na história ocidental desse conceito. Uma é a verdade-acontecimento e a outra a verdade demonstração, sendo a primeira, historicamente mais arcaica, a que será recoberta pela segunda verdade, a da ciência. A verdade acontecimento não se alinha à relação do objeto ao sujeito, ela tem “seus instantes favoráveis, seus lugares propícios, seus agentes e portadores privilegiados” [...] é uma verdade que “passa”, no sentido de que ela não está no objeto à espera de ser revelada, mas ela “passa como um relâmpago, rapidamente [...] está ligada à ocasião, “*kairós*”, é preciso apreendê-la” (idem, p. 303). A *verdade-raio*, como a chama Foucault, não tem método, não tem pedagogia, não tem predecessor em que se possa apoiar, pois ela só se deixa apreender de acordo com a ocasião; é da ordem da caça, do risco, nada a ver com a relação com o conhecimento que se acumula. Para Foucault, a verdade-acontecimento estabelece uma relação de dominação e vitória, de poder, e não de conhecimento, não podendo ser demonstrada. Não é possível repetir, como no caso da verdade da ciência, deve sempre ser retomada do ponto inicial. Ela está – como dissemos antes – do lado do sujeito, e só se deixa capturar mediante dispositivos, por artimanhas, como nos diz Foucault.

Capítulo II

Um desvio necessário

As edições, as traduções e o “espírito de censura”

Um retorno a Freud significa uma reviravolta.
Jacques Lacan⁷⁸

A conjuntura era forte demais, a oportunidade sedutora demais para que não se cedesse á tentação oferecida: abandonar os princípios para fazer repousar a função da diferença. [...] De certo é mais fácil apagar os princípios de uma doutrina que os estigmas de uma origem.
Jacques Lacan⁷⁹

A intenção desse capítulo é situar os efeitos de transmissão a partir da apresentação das cartas através das edições e traduções. Essa parte do trabalho se impôs como um quase desvio, necessário, uma vez que o problema das edições e traduções das cartas a Fliess se colocou logo de início. A apresentação material da escrita não pode ser tomada como uma questão simples e de efeitos menores.

Pelo modo como as cartas a Fliess foram reunidas, traduzidas e comentadas podemos entrever, por exemplo, não só o modo como foi recebida a revelação da relação entre Freud e Fliess como também qual é a marca que se lhe quis imprimir. Veremos que tais marcas não diferem tanto dos modos pelos quais a própria psicanálise teve abertas suas trilhas. Além disso, é na teia de fios discursivos com que foram entretecidas essas cartas que podemos encontrar algo do resto intransmissível que continuou a produzir novos modos de dizer delas.

O quase desvio deste capítulo, portanto, prende-se ao fato de que não se possa seguir adiante falando das cartas sem que o modo como elas chegaram até nós seja considerado. Esse próprio modo de circulação, por outro lado, produz efeitos de transmissão sobre o lugar de Fliess na cena da invenção da psicanálise. Sobre os aspectos materiais do objeto da transmissão, Erik Porge nos diz, em *Transmitir a clínica psicanalítica* (2009):

Na transmissão da clínica psicanalítica, é preciso contar com o que se transmite – o fato clínico ou assim suposto – e com o meio de transmiti-lo. [...] É possível acomodar seu olhar ao modo de transmitir e fazer da transmissão um objeto de estudo, levando em conta até mesmo os aspectos mais materiais dessa transmissão:

⁷⁸ Lacan, J. *A coisa freudiana*, 1998, p. 403.

⁷⁹ Idem, pp. 403-404.

paginação, caracteres tipográficos, capa, formato, referências bibliográficas, ilustrações... O meio de transmitir faz parte do que é transmitido, e às vezes é difícil distinguir um do outro; ele atua sobre o leitor, chegando mesmo ao caso em que o meio de transmissão, o suporte da mensagem, é a própria mensagem (Porge 2009, p. 14).

“O meio é a mensagem” foi a máxima do filósofo da comunicação Marshall McLuhan no fim da década de 1960. Porge parece reportar-se aqui à teoria da comunicação: o artefato com que lidamos – o livro que porta as cartas impressas – suporta em sua materialidade a própria mensagem da comunicação, a ponto de que se possa fundi-los em um só: o suporte é a mensagem. Mas, como todo enunciado, há ainda o que se enuncia nele. Estamos, então, interessados no que passa do intransmissível no que é transmitido. Importa mais o como se faz naquilo que se faz.

O processo de publicação deve ser levado em conta na transmissão, pois resulta, a cada passo, de inúmeras decisões quanto a detalhes que têm consequências importantes. Reunir, traduzir, editar é todo um caminho que fabrica o objeto que circulará no espaço público.⁸⁰ São decisões sobre corrigir ou não determinada pontuação ou concordância, se em determinado ponto há um erro ou um lapso e, na impossibilidade de distinguir um do outro, optar por mantê-lo ou não. As rasuras no original são apagamentos, tal como a psicanálise os concebe, ou são simples correções? No caso das cartas a Fliess, por exemplo, há operações necessárias tanto ao estabelecimento dos textos manuscritos das cartas e dos rascunhos, como à tradução para outra língua. Tais operações levam a substituições no texto original, abrindo possibilidades a outra composição textual, que, por sua vez, introduz novos apagamentos. Onde se poderia ler um lapso considera-se erro, e toma-se a decisão de corrigi-lo; ou sacrifica-se uma sutileza do emprego: ambas as decisões levam a possibilidades de leituras diversas do texto. Trata-se de operações nada transparentes e diretas: há perdas na transposição, o que produz maior proximidade ou afastamento em relação à

⁸⁰ Excluo propositadamente a importante e complexa questão das regras de mercado que regem a circulação das obras protagonizada pelas editoras na publicação de obras. Não o faço por desconsiderar sua importância e determinação de efeitos de transmissão, mas pela exiguidade de espaço e foco.

letra de Freud. Uma pergunta inquietante é: em que medida os atos de tradução e de edição fazem passar o desejo de Freud, ou não?

Para análise dos efeitos do surgimento das cartas a Fliess destacamos três momentos bem determinados, seguindo a ordem cronológica de aparecimento: I – o momento em que as cartas reaparecem ainda no espaço da intimidade de Freud, primeiro pelas mãos de Ida Fliess e depois por Marie Bonaparte, que comunicou a Freud a oferta de venda das suas cartas a Fliess por um livreiro de Berlim; II – o momento em que as cartas entraram em circulação como parte da obra de Freud, sob o aval dos seus herdeiros, aqui incluindo a filha de Freud e os primeiros psicanalistas, seus discípulos mais próximos; III – o momento em que as publicações das cartas foram retomadas, gerando pelo menos três edições recentes: a de língua inglesa, a alemã e a francesa. A edição brasileira é tradução da edição em língua inglesa, seguindo seu mesmo padrão editorial.

Cada uma das edições acima destacadas tem suas particularidades específicas. A análise se fez sob o ângulo de três perspectivas, que não estão necessariamente em sequência: 1) o que Freud disse e como lidou com o reaparecimento das suas cartas a Fliess; 2) como seus seguidores imediatos lidaram com a relação Freud e Fliess e com as cartas após a morte de Freud; e 3) como as cartas se apresentam para nós nas recentes publicações. Sobre as publicações depois da morte de Freud, procuramos responder às perguntas: quais os efeitos das opções de edição e tradução nos diferentes momentos de sua aparição: logo após a morte de Freud e mais recentemente? A exploração que fazemos não visa especificamente às questões de tradução e edição, mas, primordialmente, a buscar o lugar atribuído à relação Freud e Fliess na invenção da psicanálise e, por decorrência, a indagar sobre qual é o lugar reconhecido para Fliess nesse processo.

Partamos, então, para as questões da edição e tradução das cartas de Freud a Fliess e os problemas que aí se colocam para a transmissão. De princípio, todavia, é preciso dizer que consideramos que as cartas a Fliess se apresentam como um objeto estranho a partir do momento em que aparecem fora da estrita intimidade em que foram produzidas; são o fragmento de um vivido que não se

destinava ao público e que, no entanto, reapareceram em cena, para grande desconcerto de Freud, vendidas por um livreiro a Marie Bonaparte em 1936.⁸¹

As traduções da obra de Freud: aspectos gerais

A incidência das escolhas de tradução e de edição – e seus efeitos na transmissão – tem sido discutida com empenho com relação aos textos teóricos de Freud. Especialmente o aforismo “inconsciente estruturado como uma linguagem”, usado por Lacan no seu movimento de *retorno a Freud*, forçou outra leitura dos textos do inventor da psicanálise, valorizando de modo novo as questões da tradução e da edição das obras de psicanálise e incitando à busca pelo enigmático do texto em detrimento de uma visada que exponha uma suposta transparência e a desejada objetividade.

Mesmo com Freud ainda vivo, a questão das traduções dos textos de psicanálise já causava discussões, quer pela escolha e aprovação do tradutor, quer pelo modo como se resolviam questões inerentes ao texto, como o uso de ambiguidades, de duplo sentido, de metáforas e chistes. Até 1930 a única tradução disponível para o inglês era a de Brill – bastante criticada. Sabe-se que em 1920 Freud deu preferência a algumas das traduções de Joan Rivière e James Strachey (Ornston 1999, p. 193).⁸²

No momento que se seguiu à morte de Freud, e passadas as agruras da Segunda Grande Guerra, cuidou-se da edição, tanto dos esparsos textos teóricos reunidos em “obras completas”, quanto da biografia e também da edição das cartas. Todas essas publicações guardam o cunho de publicações oficiais, seja pelo aval da família, em especial Anna Freud, seja do Comitê Psicanalítico de então, ao qual ela também pertencia.

Os efeitos das posições tomadas pelos seguidores de Freud que se encarregaram de organizar e publicar os escritos do mestre, em especial os que

⁸¹ Foi essa aluna e analisanda de Freud quem reconheceu a importância das cartas para a psicanálise e impediu que Freud as destruísse, tal como ele próprio fez com as cartas que recebera de Fliess.

⁸² Ornston, D.G. Obstáculos ao aprimoramento do Freud de Strachey, em *Traduzindo Freud*, Ornston, D.G. (org.), tradução de C. Serra. Rio de Janeiro: Imago, 1999.

não foram destinados ao público por ele mesmo, são bastante significativos para pensarmos os efeitos de transmissão em nossos dias. Tratava-se naquela época, em primeira instância, de salvaguardar a imagem de Freud e de garantir a implantação e difusão da psicanálise, especialmente no Novo Mundo. E, para tal, empenharam-se consistentemente. No roldão salvaguardava-se também a nova geração de psicanalistas.

No seu livro, *Traduzindo Freud* (1999), Darius Gray Ornston Jr. faz comentários críticos à tradução dos escritos de Freud para o inglês, o francês e o espanhol. Orston comenta que “a tradução ainda é, com excessiva frequência, menosprezada como tarefa relativamente trivial, que pode ser contratada ou relegada a estudantes” (1999, p. 11). “Um tradutor de Freud, diz ele, é confrontado com tarefas muito mais difíceis que a mera seleção de termos técnicos adequados” (idem, p. 14), e cita artigo de Mahony, presente na mesma coletânea,⁸³ no qual este afirma que se faz necessária uma tradução especificamente psicanalítica.

A crítica à tradução brasileira

Entre nós, brasileiros, encontramos as manifestações indignadas de Marilene Carone, considerando a tradução para o português das obras de Freud “incompetente e irresponsável”. Marilene Carone foi quem primeiro ofereceu uma tradução direta do alemão de Freud para o português – o artigo *Luto e melancolia* (1917).⁸⁴ Traduziu também *A negação*, divulgada pela revista *Discurso*, do Departamento de Filosofia da USP⁸⁵; até então contávamos apenas com a versão da Editora Imago, cuja tradução tomou por base o texto inglês de Strachey.

Como a preocupação do presente trabalho não é a questão específica da tradução e edição dos textos de Freud, remeto o leitor às críticas dessa autora.

⁸³ Mahony, P. J. Uma tradução psicanalítica de Freud, em *Traduzindo Freud*, Ornston, D.G. org. Tradução de C. Serra. Rio de Janeiro: Imago Ed., 1999.

⁸⁴ Publicado em 1992 pela Revista Novos Estudos, nº 32, com notas de tradução e discussão.

⁸⁵ Carone, M.: *A negação: um claro enigma de Freud*, em *Discurso*, segundo semestre de 1983, no. 15. Ed. Do Departamento de Filosofia da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da USP.

Seus textos foram publicados primeiramente no suplemento *Folhetim*, da *Folha de S. Paulo*,⁸⁶ e posteriormente em *Sigmund Freud e o gabinete do Dr. Lacan*, organizado por Paulo César Souza (1990). O primeiro artigo da autora (1990) foi provocado pela primeira crítica à tradução brasileira, intitulada *Nosso Freud*, que foi publicada também na *Folha de S. Paulo*, em 17 de março de 1985, por Paulo César Souza. A crítica de Souza era acompanhada pela resenha do livro de Bruno Bettelheim (*Freud e a alma humana*, Cultrix 1985), no qual o autor comentava acidamente a versão inglesa, quase sagrada, de Strachey. Paulo César Souza não só apoiava a crítica de Bettelheim⁸⁷ como apontava a má fé da edição brasileira organizada por Jaime Salomão em “colaboração com outros”, uma vez que o editor apresentava uma carta de Anna Freud parabenizando a edição por ser traduzida diretamente do alemão, quando, em sua maior parte, era traduzida do inglês de Strachey. Então, além dos problemas apontados por Bettelheim na versão inglesa, havia também “exemplos de tradução escandalosa” encontrados na versão brasileira. Não por acaso, o artigo de Marilene Carone chamava-se *Freud em português: uma tradução selvagem* (1990).

Mesmo que brevemente, entretanto, vale a pena apresentar uma das citações de Freud na qual Marilene Carone busca a inspiração para fundamentar a questão das escolhas da tradução em psicanálise, contrapondo-se à opção de formas do linguajar científico usadas na tradução para o inglês de James Strachey e que foram copiadas na versão brasileira. Diz a tradutora:

Freud, para criar esse campo do conhecimento absolutamente novo, só criou, na verdade, um único neologismo: a palavra *psicanálise*. Todos os demais termos que compõem o edifício teórico da psicanálise foram retirados do “modo popular de pensar” e tornados “cientificamente úteis”.⁸⁸ [...] De qualquer modo, em Freud – e isso não vai acontecer em mais nenhuma tradução – é pequena a distância entre a teoria e a experiência vivida. É pequena a diferença entre os termos de que se utiliza o psicanalista numa conferência, num ensaio escrito, e os termos

⁸⁶ São eles: *Freud em português: uma tradução selvagem*, em 21.04.1985, *Freud em português: ideologia de uma tradução*, em 20.10.1985 e, por fim, em 23.01.1987, *Freud em português: tradução e tradição*. A Marilene Carone (1942-1987), nossa gratidão e homenagem, em memória, por seu compromisso e empenho enérgico na transmissão do texto freudiano.

⁸⁷ Posteriormente, a crítica de Bettelheim será recebida com nuances mais finas e o apoio já não foi irrestrito. Mas, a lebre levantada não deixou de ter sua função e não era de todo inapropriada.

⁸⁸ As aspas referem-se a termos encontrados em *A questão da análise leiga*, de Freud (1926), esclarece Marilene Carone.

que ele emprega ao falar com o paciente ou descrever suas próprias experiências (1990, p. 184).

A autora ressalta, portanto, que o ponto primeiro e derradeiro em que Freud se apoia é o da experiência vivida, o campo da experiência quotidiana. Para ela, como se pode ler, a tradução não deveria trair esse estilo, uma vez que, para a psicanálise, o estilo é mais do que mero trabalho de requinte – não é acréscimo ou acessório.

A referência à vivacidade da experiência tem todo interesse quando se fala em transmissão, como no presente trabalho, pois é aí que se encontra também o transmissível do impossível de transmitir.

Texto só o texto em contraposição a Freud só Freud

Ainda sobre o complexo trabalho das traduções da obra de Freud, uma palavra merece ser dita sobre a tradução para o espanhol, uma língua que nos é aparentemente mais acessível. A primeira tradução espanhola dos textos de Freud foi a de Luis López-Ballesteros com a data de 1922, originada por José Ortega y Gasset. Essa publicação é comentada por José Luis Etcheverry, no volume *Sobre la versión castellana*, da editora argentina Amorrortu. Sua crítica quanto à tradução de López-Ballesteros é a de que a ela “*sobra gracia, mas falta rigor*”. Por outro lado, o autor reconhece o valor de seu efeito, uma vez que, ao mesmo tempo em que essa tradução deu divulgação tão precoce aos textos freudianos, também criou desejo para uma tradução mais rigorosa (Amorrortu 1990, pp. 1 e 2).

A edição argentina das *Obras completas de Freud*, publicada pela Amorrortu, foi traduzida diretamente do alemão. Enfrentando responsavelmente a questão da tradução, apresenta um volume inteiro dedicado a “explicitar os critérios a partir dos quais foram vertidas frases de difícil tradução e grande importância” (1990, p.

ix).⁸⁹ É um belo trabalho que deve ser levado em conta ao nos servirmos dos textos de Freud, pois ele nos sensibiliza para questões básicas da leitura do Freud traduzido, como, por exemplo, essa dos critérios da tradução. Etcheverry declara adotar como critério de tradução o uso de termos que brotam das características do texto freudiano, como as opções por termos condizentes com a “tradição da cultura”, diz o editor. A opção de Etcheverry é a que ele chama de uma “literalidade problemática”, ou seja, uma fidelidade ao original atenta aos problemas interpretativos que o próprio texto provoca. Pode-se traçar o fio que sustenta a diferenciação entre a edição argentina e a britânica, repetindo com o autor que se a palavra de ordem da Standard Edition foi “Freud, e nada mais que Freud”, para a Amorrortu argentina foi “O texto de Freud, e só o texto de Freud”. Essa tomada de posição levou a critérios de escolha diferentes dos de Strachey, que, preocupado que estava em apresentar um Freud mais assimilável ao discurso médico anglo-saxão, “corrigia” e adaptava o texto, sem explicitar, em suas ambiguidades e espírito anedótico.⁹⁰ A edição argentina, ao considerar “texto, só texto”, reconhece, a meu ver, a presença daquele que lê e traduz o texto.

Correndo o risco de ser injusta pela exiguidade, incluo ainda a este breve levantamento das principais questões relativas aos critérios das edições e traduções das obras de Freud a recente retomada⁹¹ da tradução de textos de Freud para o português. Trata-se da edição das *Obras Psicológicas de Sigmund Freud* realizada pela Editora Imago, a partir de 2004, sob a coordenação geral de

⁸⁹ Etcheverry, J. L., volume *Sobre la versión castellana*, em *Obras completas Sigmund Freud*, Colaboração de S. Dubcovsky, F. Ulloa e J. Colapinto; Correção de provas: R. Trozzi e M. Leff, Amorrortu Editores S.S., Bs As, 1990.

⁹⁰ Posição que não se encarregou de explicitar e que tem sido objeto de duras críticas.

⁹¹ Hanns, L. (2003) nos apresenta um panorama da retomada das edições e traduções dos textos de Freud nas línguas de maior divulgação no ocidente. Diz ele: “novas traduções e edições surgem agora, quando na maioria dos países se extinguem os direitos autorais e a obra cai em domínio público. Na França, prossegue a tradução coordenada por Jean Laplanche. Na Inglaterra a nova tradução dirigida por Adam Phillips começa a ser publicada. Mas também novas edições estão sendo preparadas, na Alemanha, Ilse Gubrich-Simitis prepara o projeto da *Edição Histórico-Crítica*, da obra completa em alemão, incorporando importantes variantes textuais de manuscritos por ela coligidos e na Inglaterra, Mark Solms planeja a *Revised Standard Edition*, reatualizando a Standard Edition of the Complete Psychological Works of S. Freud. No Brasil, iniciou-se em 2002 uma nova tradução da Imago editora, que está sendo coordenada por mim, cujos primeiros volumes sairão em 2004, introduzindo inovações editoriais e um amplo corpo de notas visando o restauro de redes semântico-conceituais que se perdem nas traduções” (Hanns, L. A.: *Uma Nova Tradução Brasileira das Obras de Freud*; Estados Gerais da Psicanálise: Segundo Encontro Mundial, Rio de Janeiro, 2003; versão eletrônica).

Luiz Alberto Hanns e colaboradores.⁹² É um projeto de tradução ainda em curso, que se iniciou em 2002, passando por um encontro entre psicanalistas, tradutores e germanistas em 2003, no qual se chegou não a um consenso, como diz L. A. Hanns na *Apresentação* do primeiro volume, mas a algumas opções, para as quais remeto à obra em foco. Valorizando enormemente o esforço dedicado ao enfrentamento dessa tarefa em nosso meio, me eximo, todavia, de qualquer comentário – primeiro, por não ser nosso alvo a questão específica da tradução e edição da obra de Freud, e segundo, por ser um trabalho recente e, portanto, ainda sem um lastro significativo de comentários críticos.

Uma visão geral sobre as críticas às publicações da obra de Freud levou-nos a considerar com mais detalhe não só as questões que se referem às cartas, mas também as dificuldades e críticas que as demais traduções e edições da obra de Freud já receberam no meio psicanalítico. As cartas vieram a público na mesma época em que se processava o trabalho da versão de Strachey – veremos que há pelo menos um fio condutor que as atravessava.

Vamos, portanto, por partes, pois se há questões mais gerais que tocam as críticas às publicações da obra – como as que acabamos de apontar sinteticamente –, há também outras mais específicas relativas às cartas. Se fomos breve ao comentar as primeiras por serem matéria já abundantemente divulgada e de interesse menor nessa tese, teremos que nos estender mais sobre as questões relativas às cartas.

As cartas a Fliess:

As primeiras publicações das cartas e o “espírito de censura”⁹³

⁹² Do primeiro volume – *Escritos sobre a psicologia do inconsciente* (2004) –, para citar ao menos um exemplo da extensão do número de colaboradores envolvidos com a tarefa, constam os seguintes tradutores: E.V.K.P. Susemihl, H. Araújo, M. R. Salzano e L.A. Hanns. Nessa oportunidade, o trabalho contou também com alguns colaboradores externos para notas específicas: L. C. Junqueira, C.Katz e S. Alberti, além de consultores para a teoria da tradução: J. Azenha Jr. e S. K. Lages. Por tantos envolvidos, pode-se bem depreender a tarefa nada simples a que se dedicavam.

⁹³ Expressão de Porge por considerar que as cartas são objeto de censura, tanto no conteúdo como na circulação, privada e pública (2008, p. 22).

Desde meados dos anos de 1980 assistimos a uma retomada do interesse pela tradução e publicação das cartas de Freud a Fliess.⁹⁴ Nos anos de 1985, 1986 e 2006 deram-se as traduções e edições das cartas a Fliess em inglês e português, alemão e francês, respectivamente.⁹⁵ Em 1986, curiosamente, deu-se a publicação brasileira, apenas um ano depois da publicação em inglês e no mesmo ano da alemã, observando que a brasileira segue a versão do inglês, com tradução assinada por Vera Ribeiro. Grosso modo podemos dizer que uma vez tomado o texto alemão das cartas como referência⁹⁶ para tradução, as primeiras edições na língua alemã e na inglesa diferem enormemente em seus “detalhes”.

De modo geral podemos dizer que as discussões críticas relativas às publicações das cartas giram em torno de: num primeiro momento, o que se segue à morte de Freud, a drástica amputação do número de cartas e seleção de apenas alguns trechos escolhidos; num segundo momento, o atual, as questões recaem sobre as notas do editor, sua presença ou ausência, e as escolhas de tradução sem esclarecimento ao leitor, roubando a este os efeitos de ambiguidade de seus termos. Além dessas críticas, há a discussão da questão de como se considerar as cartas e os rascunhos: deve-se tomá-los como separados dos demais textos da obra de Freud, ou tomá-los como um conjunto articulado? Se os separamos, a consequência é que fica elidido o lugar específico das cartas na origem do saber da psicanálise. O trabalho da presente tese situa-se ao contrário dessa posição: as cartas fazem parte da obra de Freud; elas relevam a relação íntima do autor/escritor Freud com o modo de produzir a teorização do objeto que inventa.

⁹⁴ Como mero registro de informação, note-se que ainda há arquivos vedados ao público, como os arquivos de Marie Bonaparte, que estão selados até o ano de 2020 (Masson 1986, p. 6). Há também a intensificação da publicação das demais correspondências de Freud, à medida que novos arquivos são liberados. Além desse novo material editorial que se vai abrindo, neste ano de 2010 cessa o direito editorial sobre as obras de Freud, o que, ao mesmo tempo em que estimula novas traduções e publicações, também agita e renova as questões de transmissão.

⁹⁵ Em abril de 1985, é publicada em inglês *The Complete Letters of Sigmund Freud to Wilhelm Fliess 1887-1904*, organizada e editada por J. M. Masson. Nesse mesmo ano, curiosamente, contraditando a regra, é publicada a edição em português, o que pode ser tomado como um indicador da força de nosso mercado editorial para psicanálise. Em 1986 aparece a edição alemã, revista, das cartas de Sigmund Freud: *Briefe an Wilhelm Fliess, 1887-1904, Vollständige Ausgabe, Herausgegeben von Jeffrey Moussaieff Masson; Bearbeitung der deutschen Fassung von Michael Schröter; transcription von Gerhard Fichtner, S. Fischer Verlag, Frankfurt*. Em 2006 surge a publicação mais recente, em francês, *Freud, S. Lettres à Wilhelm Fliess*, Paris, Puf, 2006, traduzida e editada por Françoise Kahn e François Robert.

⁹⁶ O assunto relativo a tradução e publicação é vasto e digno de estudo minucioso. O texto das cartas em alemão, por exemplo, foi estabelecido por G. Fichtner através de cuidadoso trabalho de amplo reconhecimento.

Tanto as cartas como os rascunhos podem ser tomados como testemunhos do processo de constituição da psicanálise, no qual o endereçamento a Fliess faz parte do que move Freud até mesmo a sua revelia.

Tomar a obra publicada, os rascunhos e as cartas como peças heterogêneas, mas pertencentes ao mesmo corpo textual, é de importância para a indagação sobre o lugar de Fliess na origem e no processo de invenção da psicanálise. Tal perspectiva permite abrir questões que de outro modo não teriam lugar. A posição de Porge, com a qual concordamos, é a de que pelas cartas articuladas à produção teórica de Freud se reconhece a intrigante participação de Fliess na invenção. Além disso, mais especificamente no que toca à contribuição deste trabalho, a escrita, que fica embutida no termo “cartas”, deve ser relevada, pois é no jogo que ela instaura e acolhe que o lugar de Fliess se firma e funciona.

As cartas nos textos oficiais: cortes e recortes

A transposição das cartas do íntimo para o público fez-se presente em meio a tensões: Freud as teria querido incineradas e Marie Bonaparte, que as comprou, salvando-as de Freud, em 1938, queria preservá-las como parte da obra do mestre. Toda a motivação para a epopeia vivida por Bonaparte para garantir a segurança e o resgate do perigo de serem destruídas pelos nazistas,⁹⁷ relatada por Jones, ia na direção de reconhecimento do valor das cartas como parte importante do pensamento de Freud. O esforço de Marie Bonaparte foi, antecipadamente, um estimulante reforço para a publicação logo após a morte de

⁹⁷ É muito curioso que a mesma palavra, na mesma revista, tenha sido empregada por duas vezes por dois autores diferentes, para designar a difícil estratégia para garantia e preservação das cartas. O termo em francês é “*l’histoire rocambolesque*” (Porge, E. *Du mythe de l’auto-analyse de Freud au discours psychanalytique*, p. 21 em *Essaim Revue de Psychanalyse*, n. 19. Éditions Erès, Paris, 2007); e “*la rocambolesque histoire du sauvetage de ces lettres*” (Alain Vanier, *Ouverture*, idem, p. 7). Também Strachey, nas notas do editor, usa um termo assemelhado: “Esses documentos e mesmo o fato de sua existência, eram totalmente desconhecidos até a época da segunda guerra mundial. A história *melodramática* de sua descoberta e do seu salvamento também está contada por Ernest Jones [...] Nossa dívida principal, em todo esse assunto, é para com a Princesa Marie Bonaparte (Princesa George da Grécia), que não só adquiriu os documentos em primeira mão, mas teve a extraordinária coragem de resistir aos intentos do autor deles, e seu mestre, de destruí-los.” O ato de salvaguarda dos documentos foram de Marie Bonaparte, mas o relato na biografia oficial foi de Jones, a quem se dirigiria a crítica daqueles autores? Parece-nos ser mais dirigida ao relato, uma vez que se reconhece, pela voz de Strachey, o ato de Bonaparte. Certamente, são as tensões das relações institucionais, talvez disputas ou invejas, que se fazem sentir na materialidade do texto.

Freud. Chegada a ocasião, Anna deu por entendido que seu falecido pai queria que as cartas a Fliess fossem publicadas, e assim o fez.⁹⁸

As cartas a Fliess estão, portanto, no rol das primeiras publicações dos escritos de Freud organizados logo após sua morte. Trata-se de uma ordenação que guarda uma coerência, embora as cartas estejam dispersas por três tipos de publicações. Veremos mais adiante com maior detalhe que elas aparecem: 1) como cartas reunidas e selecionadas por Anna Freud, Marie Bonaparte e Ernest Kris; 2) como parte da biografia organizada por E. Jones, usadas para ilustrar e documentar a vida de Freud; e 3) estão presentes, também, na tradução dos artigos de Freud do alemão para o inglês, editados por J. Strachey como parte das obras completas. Nesse caso algumas outras cartas foram reunidas juntamente com os rascunhos (incluindo o *Projeto*) como textos pré-psicanalíticos, e também referidas nas *Notas do Editor*, a serviço de contextualizar o material teórico.

Dada a importância do assunto no que diz respeito à transmissão da psicanálise, detemo-nos nesse tema buscando as marcas que organizaram leituras que, de um modo ou outro, fixaram-se em nosso meio. Dividimos a abordagem em dois tempos: as publicações dos anos 50 e as que começam a aparecer nos anos 80.

A primeira publicação das cartas a Fliess aparece juntamente com os rascunhos e notas não publicados por Freud. O modo escolhido para reuni-los, enquanto documentos históricos dos primórdios da psicanálise, distanciava as cartas dos demais textos teóricos, mantendo-as, portanto, associadas ao chamado período pré-psicanalítico. Essas publicações e edições ocorreram em diferentes línguas e seguiram a sequência abaixo, com seus respectivos títulos:

- 1950, em alemão: *Sigmund Freud, Aus den Anfängen der Psychoanalyse. Briefe an Wilhelm Fliess, Abhandlungen und Noizen aus den Jahren 1887-1902*, Anna Freud, Marie Bonaparte, Ernest Kris.
- 1954, em inglês: *The Origins of Psycho-Analysis: Letters to Wilhelm Fliess, Drafts and Notes, 1887-1902*, by Sigmund Freud, edited by Anna Freud, Marie Bonaparte, Ernest Kris; Basic Books, Inc., Publishers.

⁹⁸ Sabe-se que Anna Freud veio a se arrepender de tal ato.

- 1956, em francês: *La naissance de la psychanalyse*, Paris, PUF.

A primeira publicação das cartas de Freud a Fliess deu-se pela edição em língua alemã, preparada por Anna Freud, Marie Bonaparte e Ernest Kris.⁹⁹ Tanto a publicação alemã como a inglesa, originada da alemã, trazem uma seleção bastante truncada do conjunto das cartas: das 284 cartas e reascunhos originais são publicados apenas trechos de 168 desses documentos.¹⁰⁰ Das que foram efetivamente publicadas, há trechos suprimidos, frequentemente sem que se indique a alteração. Faz parte da edição alemã o *Projeto*, que está ausente na versão das cartas selecionadas em inglês. A tradução do *Projeto* para o inglês integra as *Obras Completas* e é de Eric Mosbacher e James Strachey.

As cartas selecionadas e censuradas

Para colher com riqueza e precisão a maneira como a publicação é apresentada ao público de então pelos responsáveis pela primeira edição das cartas, citamos a “Nota dos editores” de *The Origins of Psycho-Analysis* (1954), na qual justificam suas escolhas:

Este livro consiste de uma seleção de cartas de Sigmund Freud enviadas a Wilhelm Fliess, um médico e biólogo berlinense, escritas entre 1897 e 1902. As cartas, bem como outros documentos deixados por Fliess, caíram nas mãos de um vendedor de objetos usados durante o período nazista na Alemanha e, mais tarde, na posse dos editores. As cartas de Fliess a Freud nunca foram encontradas. [...] A seleção foi feita com base no princípio de tornar público tudo aquilo que se relacionava com a obra e com os interesses científicos do autor, bem como tudo o que se refere às condições sociais e políticas em

⁹⁹ Masson nos conta que E. Kris era casado com a sobrinha de Ida Fliess, cujo pai, marido da irmã de Ida e, portanto, cunhado dos Fliess, Oscar Rie, havia sido pediatra dos filhos de Freud (Masson 1986, p. 12). As relações pessoais e profissionais eram, portanto, muito próximas. Vale dizer também que o prefácio de E. Kris é sempre referido como base importante para a elaboração da biografia de Freud escrita por Jones e foi inteiramente republicado na nova edição alemã das cartas.

¹⁰⁰ A menção aos totais das “cartas a Fliess” apresenta variações de número e nomenclatura. A numeração acima consta da Nota dos Editores (*Editors' Note*) da edição inglesa de 1954. Tal variação é desconcertante porque os autores não se preocupam em indicar o porquê dessa variação. Percorrendo apenas as páginas introdutórias da publicação em português de Masson, que é traduzida da inglesa, encontramos a seguinte variação de numeração para a totalização, usando-se para elas os termos *documento*, *item* ou *carta*: na *Apresentação* são 272 documentos; no *Prefácio*, 301 documentos; nas *Observações sobre o método*, 284 cartas. O número de documentos nunca trazidos antes ao público, porém, é 133.

que se originou a psicanálise e de omitir ou abreviar tudo aquilo cuja publicação pudesse ser incompatível com o sigilo profissional ou pessoal (Masson 1986, p. 12).

Na intenção da “Nota dos editores” a objetivação do que se constitui como “obra e interesses científicos do autor” é higienizado pela seleção das cartas publicadas. Desse modo, Freud e Fliess apareciam como nomes de autores, e as cartas e demais documentos figuravam como parte a serviço da ciência; tomou-se por critério explícito, arbitrário, o “tornar público tudo aquilo que se relacionava com a obra e as condições sociais e políticas em que se originou”. Todavia, para o fundador da psicanálise o tateio das formulações teóricas dizia respeito ao nascimento da psicanálise e era também assunto profundamente pessoal. O que fizeram os editores das cartas, então? Ao executarem uma separação entre o joio e o trigo, jogavam fora a água mas também o bebê, desprezando justamente as pistas dadas por Freud a respeito do nascimento da psicanálise.

As cartas a Fliess podem ser encontradas, também, em meio a outras correspondências, entremeadas à narrativa biográfica de Freud escrita por Ernest Jones: *A vida e a obra de Sigmund Freud*, em três volumes, primeiramente publicadas em inglês em 1953, 1955 e 1957, respectivamente. A data de publicação em português é de 1989, também em três volumes. Segundo as próprias palavras de Ernest Jones em seu *Prefácio*: fazia falta um biógrafo oficial de Freud, uma vez que “estavam sendo já publicados vários relatos sobre a vida de Freud com muitas inverdades” (Jones 1989, p. 13). Ainda em suas próprias palavras, Jones aceita, então, essa incumbência, e o faz por considerar a si próprio qualificado para isso. Contam para tal distinção pessoal, ainda segundo o biógrafo, o fato de ele ser na época o único sobrevivente do “Comitê” que teve contato constante e íntimo com Freud; também pelo fato de que foi bem próximo a Freud por quarenta anos, e de que durante esse período desempenhou um papel de destaque no “movimento psicanalítico” (Jones 1989, p. 13). As cartas a Fliess utilizadas na biografia são esparsas e variadas, sem preocupação de conjunto, servindo apenas para melhor biografar. Curiosamente, o primeiro capítulo dessa biografia, além de ser bastante baseado no *Prefácio* de E. Kris em *The Origins of*

Psycho-Analysis (1954), também leva o nome de *Origins*, tal como o título que recobre a primeira reunião das cartas. As cartas para os editores estavam na origem, mas não eram originárias.

As cartas a Fliess na biografia oficial

As cartas a Fliess que comparecem no texto biográfico de Jones, além de também selecionadas e truncadas, são marcadas por certa perspectiva. Reproduzo a seguir algumas passagens do *Prefácio* de E. Jones à biografia de Freud por considerá-las reveladoras de certa posição que não deixa de ter efeitos na transmissão da psicanálise. Vejamos abaixo como, no primeiro parágrafo do *Prefácio*, Jones nos indica sua posição diante do trabalho:

Os objetivos desta [biografia] são simplesmente o de registrar os principais fatos da vida de Freud, enquanto ainda são acessíveis, e – de modo mais ambicioso – o de tentar relacionar sua personalidade e as experiências de sua vida com o desenvolvimento de suas ideias (Jones 1989, p. 11).

O objetivo declarado na citação acima de “simplesmente [...] registrar os principais fatos da vida de Freud” supõe um observador externo cuja função é anotá-los “simplesmente”, sem que seja afetado pelo objeto de seu registro. Supõe-se que o observador, nesse caso, recolhe os fatos de documentos ou da boca daqueles que participaram dos acontecimentos. A materialidade fática é dada como prova de realidade, e com ela escreve a biografia. Para Jones, o “ambicioso” de seu objetivo está em tentar “relacionar [a] personalidade e as experiências da [vida de Freud] com o desenvolvimento de suas ideias”. Juntamente com as reais dificuldades que se colocam para um biógrafo, especialmente se o biografado ocupou o lugar de iniciador de um saber que esse biógrafo toma por legado, há ainda que se questionar a posição a partir da qual se tomam os acontecimentos. O ambicioso em tal projeto de trabalho, a nosso ver, aponta mais para a pretensão declarada por E. Jones de relacionar os fatos da

vida e a obra sem que ele diga como o fará; tal visada acaba por constituir, sim, uma narrativa biográfica, mas de um modo que estabiliza a imagem que se quer, a que se considera mais apropriada. Com isso o biógrafo faz supor que elucida os mistérios do criador da criatura, e conta uma história. O que se revela, então, é a ambição do biógrafo, mais do que o alcance do trabalho de entremear vida e obra. Portanto, o trabalho da mitificação de uma imagem aqui é prevalente, longe de buscar nas origens o que a origina.

Tomar um texto ou uma obra como correlato da personalidade de seu autor é um método que criticamos, com a ajuda de Foucault em *O que é um autor?* (1992). De fato, Freud também nos alerta sobre essa confusão de lugares – autor/obra e autor/personalidade – em vários momentos de sua obra, especialmente em *Um estudo auto-biográfico* (1925). Que o desejo de Freud fosse despistar e confundir os biógrafos, já havia sido dito por ele mesmo em carta à noiva, muito antes de qualquer indício de psicanálise à vista. Mas no referido *Prefácio*, muito mais do que enfrentar os despistes do biografado, trata-se da revelação do próprio lugar do escritor e editor da biografia na transmissão. Jones deixa entrever, por exemplo, o uso que fará das cartas de Freud a Fliess, sem que o explicita ou discuta. Vejamos como prossegue o parágrafo transcrito acima, presente no mesmo *Prefácio*:

Não se trata de um livro que contaria com a aprovação do próprio Freud. Ele achava que em várias passagens de suas obras já tinha divulgado o suficiente de sua vida particular – do que mais tarde ele se lamentou – e que tinha o direito de manter a privacidade do que restava; o mundo deveria continuar fazendo uso de suas contribuições para o conhecimento e esquecer sua personalidade.

E o biógrafo continua:

Todavia, esse arrependimento pelas auto-revelações veio muito tarde. Pessoas de má-fé já se davam ao trabalho de distorcer passagens isoladas, com o objetivo de depreciar seu caráter, e isso só poderia ser retificado através de uma exposição muito mais completa de sua vida particular e pública. A família de Freud, compreensivelmente, respeitou seu desejo de privacidade e, de fato, compartilhou-o. Protegeu-o, com frequência, de um público meramente curioso. Posteriormente, a atitude da família foi alterada pelas notícias de várias falsas histórias inventadas por pessoas que nunca o tinham conhecido, histórias que aos poucos se estavam acumulando, de modo a constituir lenda mentirosa.

Ela então decidiu dar-me seu apoio irrestrito em meu empenho de apresentar um relato da vida de Freud tão verdadeiro quanto estivesse ao meu alcance (Jones 1989, p. 11).

Jones retoma e justifica nossas observações anteriores. O trecho acima é transparente e serve bem como exemplo de uma ação discursiva que visa justamente ao controle do discurso acerca de dado objeto. Ao tentarem proteger o discurso sobre Freud, Jones e a família de Freud propunham estabelecer quais eram os fatos “corretos e verdadeiros” acerca da vida e da obra de Freud. Ressoa aqui a igual perspectiva da “tradução correta” dos textos de Freud que encontramos em Strachey e outros, ao traduzirem os textos teóricos de Freud, como veremos adiante.

Incluir no presente trabalho, que trata das cartas de Freud a Fliess, um comentário sobre o *Prefácio* da biografia de Freud realizada por E. Jones, só ganha importância pelo modo como essa publicação se encadeia com as demais publicações que também contém material das cartas. Com Ernest Jones o esforço foi o de criar uma imagem aceitável aos olhos da comunidade psicanalítica e de outros meios de circulação do saber visando, especialmente, ao estabelecimento de identidades imaginárias. A tal ponto é assim, que podemos dizer hoje, sem risco de erro, que a intenção de passar uma imagem oficial de Freud cumpriu-se com sucesso, pois, a imagem que temos de Freud é em grande parte a que nos foi transmitida por Jones, como já se disse. Desconstruí-la é parte do trabalho de quem se aproxima e novamente se indaga sobre a psicanálise como discurso, a partir da letra de Freud. Esse é o trabalho que se coloca ao se pretender abordar as importantes questões propriamente psicanalíticas relativas às origens da psicanálise e o que delas se transmite. Para tal abordagem nos serviremos, mais adiante, da abordagem de Vandermersch (2003), cujo trabalho versa sobre a questão da teorização em psicanálise e a formação do psicanalista.

Reafirmamos que o modo escolhido para veicular a psicanálise produz efeitos de transmissão que não podem ser menosprezados. Não haveria na pretensão dos editores das obras de Freud um modo tal de tomar a psicanálise que a distanciou de seus próprios fundamentos? Mesmo que brevemente, e

arriscando a ligeireza, devemos mencionar que uma qualificação guiada pelas razões acima apontadas no *Prefácio* de Jones sugere identificações desastrosas para a psicanálise, e está em perfeita concordância com certa posição frente à cura que tem por fundamento a identificação com o analista. A expulsão de Lacan, anos mais tarde, chamada por ele de ex-comunhão, inscreve-se também nessas balizas, uma vez que ele não “representava” mais o discurso da IPA. Sua crítica aos desvios da psicanálise freudiana é também uma de suas mais preciosas críticas ao *establishment* do campo da psicanálise.

Na conferência intitulada *Freud no século*, de 16 de maio de 1956, em comemoração ao centenário do nascimento de Freud, Lacan faz ácidas críticas à maneira como Freud e a psicanálise foram tomados por seus seguidores imediatos. Lacan os chama de “turba de seus seguidores” e diz: “Não posso duvidar um só instante [...] da noção profunda [por parte de Freud] da radical insuficiência deles, de sua total incompreensão” (Lacan 1985, p. 275).¹⁰¹ Ora, a leitura que se fez de Freud nas *Obras completas* de Strachey e na biografia oficial de E. Jones não se desvincula da própria leitura que se fez da teoria e da prática psicanalítica. Lacan denunciara e demonstrará tais desvios em seus seminários, de modo direto e indireto.

Voltando à citação do *Prefácio da* biografia, dizemos ainda que: o “arrependimento [de Freud] pelas auto-revelações”, ao ser assim mencionado por Jones, cristaliza uma queixa que pode ter sido pontual, como a que Freud manifestou em *Um estudo autobiográfico* (1925 [1924]). O argumento de Jones, todavia, está a serviço de contrastar o seu trabalho com o que seriam as falsas ou abusivas biografias, em benefício do que ele agora apresenta como a verdadeira e correta revelação da vida do mestre. O que ele não pode saber é que, no ato de instaurar a biografia oficial, escrita para ser a definitiva, ficam elididas as condições radicais da invenção da psicanálise. Freud, entregue aos ditames da invenção, não poderia deixar de apresentar-se em sua extrema dependência de outro que sustentasse as condições de sua divisão. Essa é a hipótese deste trabalho.

¹⁰¹ Lacan, J. *Livro 3, As psicoses 1955-1956*, tradução de A. P. de Meneses. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1985.

Quanto ao aborrecimento pelas auto-revelações confessado por Freud, por outro lado, pode-se dizer que ele corre por outros trilhos. Freud tomou seus próprios sonhos, atos falhos e chistes como objeto da teorização que inventava, e se por fim chegou a dizer que fizera da verdade seu ofício, é porque não lhe restava outro caminho a não ser o de persegui-la em seus disfarces. A dimensão da verdade em Freud leva a algo muito diferente da auto-revelação a que Jones se refere. É uma verdade que se revela de modo oblíquo e que escapa ao controle, a despeito das intenções conscientes do autor. A divisão do sujeito Freud na invenção da psicanálise acompanha um procedimento que é cartesiano, pois, “onde [Freud] duvida – seus sonhos – [...] [ele] está seguro de que um pensamento está lá, pensamento que é inconsciente”, como nos aponta Lacan (1979, p. 39). Vale lembrar a resistência de Freud às sugestões de Fliess no sentido de retirar as indiscrições sexuais contidas no texto de *A interpretação dos sonhos*, no qual diz: “Evitei a sexualidade, mas a sujeira é inevitável e pede para ser humanamente tratada”.¹⁰² O Freud que se lamenta de sua indiscrição não é o mesmo que inventou a psicanálise a partir de sua carne e aceitou pagar o preço por isso, mas Jones só pode ler o primeiro.

O contexto dado às cartas a Fliess na biografia de Freud construída por Jones e aprovada pelos demais psicanalistas da época deixa entrever o desconforto que elas causaram quando apareceram. Jones – como mostram vários de seus depoimentos e de outros que conviveram com Freud depois de Fliess – não ignorava a importância que a amizade tivera para Freud, mas parece não saber como significar a extrema dependência intelectual e afetiva de Freud para com Fliess revelada nas cartas. Acabam, então, por serem apresentadas sob a ótica da intimidade devassada por uma curiosidade preconceituosa. O que a biografia visa transmitir é que Fliess havia sido o consolo e o ouvinte estimulante na solidão em que Freud se encontrava. Fliess foi, nessa perspectiva, um momento de fragilidade do venerado mestre, vencido por sua neurose e pela corrente de interesse homossexual. Mas, para além do que foi visado, podemos e devemos reabrir a questão sobre o que é mesmo que a correspondência Freud e

¹⁰² Carta de 06.09.1899 (Masson 1986, p. 371).

Fliess passa; sobre como é que a escrita das cartas a Fliess se situa na cena da invenção da psicanálise.

As cartas nas *Obras Completas*

Além da publicação de trechos das cartas a Fliess a serviço da biografia escrita por Jones, outros trechos apareceram, em nova seleção, na edição em inglês das *Obras Completas*¹⁰³: *A Standard Edition of the Complete Psychological Works of Sigmund Freud* (1943-1969, em 24 volumes). Apesar de nomeadamente preparada por James Strachey, essa edição contou com a estreita participação de E. Jones. Ambos, Jones e Strachey, produziram seus trabalhos na Inglaterra, que passara a ser a sede internacional da psicanálise, após a diáspora de psicanalistas provocada pela Segunda Guerra Mundial.

Na *Standard Edition*, as cartas são mencionadas nas notas do editor, que introduzem os textos teóricos de Freud, com o objetivo de situá-los no tempo e no conjunto da obra de Freud. Mas é especialmente no primeiro volume da edição *Standard*, que foi o último a ser publicado, em 1969, que encontramos a maior concentração de trechos das cartas de Freud a Fliess, que, juntamente com os rascunhos, constituem o conjunto dos chamados textos pré-psicanalíticos. Embora a edição das cartas seja baseada na seleção feita em *Origins*, Strachey fez nova seleção no interesse dos artigos. Vejamos nas palavras desse editor:

Até agora, foi publicada somente uma seleção desses documentos [...]. E, para a Edição *Standard*, fizemos uma outra seleção a partir daquela seleção. Escolhemos (a) O *Projeto para uma Psicologia Científica*, (b) todos os *Rascunhos*, menos um deles, e (c) aquelas partes das cartas que parecem ter uma significativa conexão com a história da psicanálise e a evolução dos pontos de vista de Freud. Será bom para o leitor atentar para o fato de que o material desses rascunhos e cartas não foi projetado por seu autor para ser considerado expressão acabada de suas opiniões, e que, muitas vezes esse material se encontra articulado numa forma altamente condensada. Portanto, não há como surpreender-se com a ocasional ocorrência de obscuridades (Vol. I *Escritos Inéditos*, p. 244).

¹⁰³ A primeira edição em português foi de 1977.

O organizador e editor da *Standard* alerta para o fato de que as cartas apresentadas por ele são produto de outra seleção feita a partir da primeira seleção de cartas publicadas, as do *Origins*. Strachey faz o importante gesto de incluir o *Projeto* como parte da obra de Freud.

As escolhas do editor, contudo, não são casuais e não deixam de refletir uma particular posição em relação à psicanálise. A busca por “uma significativa conexão com a história da psicanálise e a evolução dos pontos de vista de Freud”, associada aos cuidados com uma “ocasional ocorrência de obscuridades” evidencia o critério do organizador quanto ao pertencimento de determinados textos ao conjunto da obra. Distante da ideia de criar uma imagem do autor, como no caso da biografia, ainda assim o organizador e tradutor marca certa posição na transmissão da psicanálise: ao pretender que a teoria psicanalítica se apresente como “expressão acabada”, o organizador responde a quem assim a quer como ciência moderna, cujo alvo é o domínio “acabado” do objeto. Nela não se encontra lugar para o desejo de Freud, tão claro em certas passagens de seu texto, como o que segue, cuja escolha para o presente trabalho foi “casual”:

Jamais superestimei a certeza desses resultados [falando sobre seu *Leonardo Da Vinci*, de 1910]. Como tantos outros, sucumbi à atração desse grande e misterioso homem, em cuja natureza podemos entrever poderosas paixões instintivas que, no entanto, somente se podem exprimir de modo tão impreciso (Freud 1910, p. 122).

O que exprime de modo “tão impreciso” é sua teorização em processo acerca da sublimação e do narcisismo, mas, mais que tudo, acerca da natureza de seu objeto, de difícil apreensão.

Desse modo, a instauração de discursividade da psicanálise vem marcada por certa leitura das posições ocupadas por Freud e Fliess. A posição de Strachey¹⁰⁴ impede que se tomem os textos das cartas como uma escrita articulada à teorização e, portanto, como parte da sustentação do enigmático desejo de Freud. Ao suposto leitor resta ser protegido do que justamente marca o desejo: sua errância, incompletude e obscuridade. Ao lado do importante

¹⁰⁴ J. Strachey dividia com E. Jones a organização e a edição da obra completa de Freud, fato pouco lembrado.

reconhecimento dos rascunhos, uma vez que os inclui, o editor e tradutor Strachey toma-os, todavia, mais como fatos históricos “pré-psicanalíticos”, conforme figura no título do primeiro volume da coleção. O alerta ao leitor acerca das “opiniões inacabadas e ocasional obscuridade do texto”, além de ignorar apontamentos do próprio Freud acerca das peculiaridades de seu objeto, não permite que se leia, justamente nessa incompletude, a divisão do sujeito Freud e o desejo que o guia. Nessa posição, a inquietante transferência de Freud a Fliess dificilmente escaparia dos preconceitos a que ficou sujeita. Justamente, o caráter não-público das cartas traz para a cena pública aquilo com o que se compõe o saber da psicanálise: a cena não-pública, a outra cena. Toda a tensão de que é feita essa passagem do privado para o público se apaga, e acaba aparecendo, aos olhos de Strachey, apenas como sinal de um texto “pré-psicanalítico”, obliterando a tomada das cartas como importante motor da teorização da psicanálise.

Um sintoma na editoração:

a numeração das cartas apaga a descontinuidade

Outra questão importante relativa à escolha editorial diz respeito ao uso de números para a classificação das cartas, recurso usado pela edição em *Origins*, bem como nas *Obras Completas*, de Strachey, e que a atual edição francesa das cartas conserva. Essa notação, por ser uma seriação exclusiva, tem o efeito de apagar a referência à data e, com isso, os intervalos de tempo entre uma carta e outra ficam obscurecidos, não permitindo estabelecer relações relativas aos acontecimentos que a indicação do dia, mês e ano poderiam deixar evidentes.¹⁰⁵ A famosa carta 52, por exemplo, que, para a edição francesa atual passou a ser a de número 122, é de que ano? Está entre a 121 e a 123, mas onde está a data que a encadeia e vincula? A que conjunto de acontecimentos e teorizações está

¹⁰⁵ Conferir no Anexo ao presente trabalho a relação das cartas segundo a numeração na edição de *Origins*, conservada por Strachey na *Standard*, e a nova numeração no alemão, seguida pela recente tradução para o francês. Nas edições em inglês e português não há numeração; a sequência é dada pelas datas. Alguns trabalhos que fazem uso das cartas a Fliess despreocupam-se das datas e citam apenas a numeração. Essa é a razão por que nos empenhamos em anexar a tabela de números e datas das cartas, a qual coteja a correspondência editada em 1950 (*Anfänge* e *Origins*) e 1985.

associada? É uma carta que só se tornou importante ao ser destacada pela leitura de Freud realizada por Lacan. O mesmo ocorre com o *Projeto*, que não deixaria de ser apenas um esboço ou projeto pré-psicanalítico não fosse o minucioso trabalho de Lacan realizado no *Seminário 2, O eu na teoria de Freud e na técnica da psicanálise – 1954-1955* (1985) e no *Seminário 7, A ética na psicanálise* (1988). Ora, a ideia de “simplificar” as referências, como justifica o editor Strachey, não é inócua. A exclusiva numeração das cartas, em substituição às datas, produz uma seriação que na verdade dispensa-as de um vínculo temporal com os demais textos teóricos publicados, nos quais as datas são sempre importantes indicativos de localização relativa. A escolha por ordenar os escritos de Freud com o fim aparente de facilitar para o leitor elimina o ritmo e, na verdade, abandona-o a malhas textuais arbitrárias, tornando opacas as marcas pulsantes do inventor Freud.

O *Projeto*: ora entre as cartas, ora entre os textos teóricos

Chama-nos a atenção, ainda, a variedade das decisões quanto ao modo de incluir, ou não, o *Projeto*. Esse esforço de teorização de Freud, escrito febrilmente,¹⁰⁶ que se fez presente até em textos tardios de Freud, ora aparece como um apêndice, ao restante dos textos teóricos – como é o caso da Standard Edition –, ora junto aos rascunhos e cartas selecionadas da edição alemã – como no *Anfängen* – ou, ainda, não incluído de modo algum, como na edição inglesa do *Origins*. Como um escrito que não se encaixa, o *Projeto* desconcerta as

¹⁰⁶ A história da escrita do *Projeto* merece um trabalho específico, justificado a meu ver pelos trechos das cartas que seguem. Escreve Freud: “Tenho-lhe escrito tão pouco apenas por estar escrevendo muitas coisas para você, ou seja, escrevendo aquilo que comecei no trem” [ao voltar de Berlim para Viena, de um ‘congresso’ com Fliess, conforme chamava a esses encontros onde discutiam suas ideias teóricas e a clínica]: “um relato sumário da $\phi \psi \omega$, que você poderá usar como base para sua crítica e ao qual tenho dado prosseguimento em minhas horas de lazer e nos intervalos entre os atos de minha clínica médica. [...] Resta saber quanto desse progresso tornará a dissipar-se no ar diante de uma inspeção mais minuciosa. Mas, você me deu um impulso poderoso para levar o assunto a sério” (Carta de 23.09.1895; Masson 1986, p. 140/141). Freud já declarara a Fliess em carta antecedente – de 27.04.1895 –, e, portanto, antes do encontro pessoal, que: “estou num mau caminho, a saber, preso na *Psicologia para Neurologistas*, que me consome sistematicamente por completo, até que, verdadeiramente esgotado, sou forçado a interromper. Nunca experimentei um grau tão elevado de preocupação. E dará algum resultado? Espero que sim, mas é difícil, e a trajetória é lenta”. O texto das cartas é suficientemente forte para dispensar comentários breves, e por isso deixo-o assim, apenas citado como menção às condições e modo de Freud produzir a teoria.

categorizações pretendidas e aparece em “qualquer lugar”, como um coringa. Tais malabarismos ensinam, apropriadamente, a que Porge reclame o *Projeto* em seu lugar, isto é, entre as cartas em que realmente foi escrito esse importante rascunho, uma vez que o considera parte de um conjunto, um texto psicanaliticamente articulado e com repercussão na sequência das cartas trocadas na época. Tal como está, na atual publicação da *Standard Edition* e Editora Imago’s *Edição Standard*, o *Projeto* pode ser recebido de modo que esvazia sua potência. De um lado, ele perde sua potência de texto teórico, pois aparece como um texto de “antes da psicanálise”; de outro lado, fica completamente à parte da sequência da numeração das cartas. O não ter um critério claro para o lugar do *Projeto* pode ser entendido como efeito do desejo de uma psicanálise expurgada do desejo de seu inventor, efeito de certa dificuldade em incluir a relação Freud e Fliess no cerne do processo de teorização de Freud. Somente com Lacan é que se pode dizer com toda clareza, e sem subterfúgios, que Freud escreveu o *Projeto* para Fliess – aliás, como o próprio Freud diz, ao abrir a carta de 23 de setembro de 1895, mencionada na nota da página anterior desse trabalho. Ao que parece, também para Freud o *Projeto* foi mais reserva de achados, condição revelada somente num só depois do que texto a ser publicado. Nunca, na prática, desprezado.

Por limitações do presente estudo, não trabalharemos a articulação proposta por Porge, embora reconheçamos a importância desse desafio. Em seu argumento sobre as cartas como constituindo “um quebra-cabeça no qual faltam diversas peças” (Porge 1998b, p. 26) e não um conjunto de documentos históricos, Porge chama a atenção para a importante questão da dimensão pública existente no endereçamento das cartas e, indica, em contraposição, que elas devam ser “lidas em relação aos livros publicados por Freud e Fliess. Nesse caso, diz ele, elas revelam as etapas de elaboração dos textos e certas pistas não seguidas por Freud, mas que, retrospectivamente, podem revelar-se fecundas” (Porge 1998b, p. 27). O interessante dessa proposta é que ela nos leva a questionar o lugar das cartas como eixo que articula, juntamente com os textos teóricos efetivamente publicados, também a vida pessoal de Freud e seu fazer

teórico, pois as cartas, uma vez tomadas como escritas, são o próprio espaço em que ambos – vida e obra em construção – se entrelaçam e também se separam. Daí seu valor pulsante. Nesse sentido, as cartas estão próximas ao trabalho da narrativa do sonho.

Quanto às dificuldades das traduções e edições, podemos afirmar que não há “solução” para os enredamentos apontados acima. Apenas seu reconhecimento impede que essas ações fiquem obscurecidas e que se estabilize a ilusão de que se tem um texto acabado, completo, objetivado pelo editor “apenas” no interesse do trabalho científico, como se disse. Por outro lado, é justamente a falta de “solução” que permite que se encontre outro caminho, cuja leitura se faça pelas entrelinhas, pelo que não está diretamente dado.

A retomada das publicações nos anos 1980

Até o momento vemos como forçosa a hipótese de que o lugar dado às cartas de Freud a Fliess em relação ao restante da obra de Freud reflete uma posição frente às condições de origem desse saber inventado por Freud, e acaba por expor determinadas posições relativas ao que seja o modo de fazer teoria em psicanálise. O peso das primeiras edições e traduções recai, como vimos, sobre o esforço de fazer *um* na transmissão: fazer *um* Freud, fazer *uma* psicanálise que fosse palatável. Além disso, é possível aproximar-se do objeto da psicanálise com isenção, no “interesse do trabalho científico”. Essa corrente desviante, evidentemente, já se fazia presente no tempo de Freud, mas toma força após sua morte.

O que se exclui é o desejo de Freud na teorização. O que se instaura é uma posição de tomar os escritos de Freud não publicados como dados à margem da psicanálise. O que se pretende perpetuar é nada mais do que uma psicanálise que se quer oficial. Perde-se assim a possibilidade do reconhecimento de uma escuta do que seja o desejo de Freud no longo processo de fundação da psicanálise.

Lacan toma outro rumo com seu retorno a Freud, como bem mostra Shoshana Felman em seu artigo *Jacques Lacan and the adventure of insight* (2004). No capítulo *What Difference Does Psychoanalysis Make? or The Originality of Freud*, a autora comenta a afirmação de Lacan no periódico *Silicet*, no qual ele diz: “A originalidade que nos é permitida se reduz à franja de entusiasmo que adotamos [...] no que se refere ao que Freud foi capaz de identificar”¹⁰⁷ (Felman 2004, p. 53). O *retorno a Freud* de Lacan, diz Felman, é uma operação e uma noção muito mais complexa e inédita que um simples gesto; implica um retorno à intraduzibilidade essencial da tópica freudiana. *O retorno a Freud*, diz ela, “não é uma via de mão única rumo a uma verdade já constituída, mas um retorno de mão dupla o qual é, em si mesmo, constitutivo da verdade”¹⁰⁸ (Felman 2004, p. 55). Cito essa autora para marcar, com a veemência de seu texto, o que está implicado na posição que espera obter do texto freudiano: uma leitura pautada por um interesse de clareza objetiva e acabada. Discutindo o retorno a Freud de Lacan, Felman coloca em discussão o que é a apreensão propriamente psicanalítica. Voltaremos a esse assunto quando falarmos da práxis da psicanálise.

As primeiras edições das cartas deixaram um resto em que, além de ser notável por seu esforço para criar uma imagem favorável de Freud, também expunham a censura de que foram objeto.¹⁰⁹ É desse fio que as publicações da década de 1980 dão partida a uma revigorada na circulação e consequente crítica. Curiosamente, os próprios títulos das edições em inglês e português mostram o veio de falta que pretendem recobrir: *Complete Letters* e *Correspondência Completa*,¹¹⁰ com sua tradução equivocada para o português.

Ao lado do respeitável trabalho de reuni-las os novos editores enfrentaram o trabalho de estabelecer o manuscrito para fins de publicação. Por outro lado, a

¹⁰⁷ No texto original: *The originality we are allowed is limited to the scrap of enthusiasm we have adopted ... concerning what Freud was able to name.*

¹⁰⁸ No texto original: *The way in which the return to Freud is not a one-way path to an already constituted truth, but a two-way return that is itself constitutive of truth.*

¹⁰⁹ É preciso reconhecer, todavia, o valor da biografia de Jones, por ter sido escrita por quem “esteve lá” em alguns dos acontecimentos narrados, o que transmite certo sabor, e o esforço de Strachey, por suas notas e reunião do material. Contudo, tais qualidades inegáveis não bastam.

¹¹⁰ No francês e no alemão os títulos se atêm ao termo genérico *cartas*: *Lettres a Wilhelm Fliess* e *Briefe an Wilhelm Fliess*, respectivamente.

parca presença de notas explicativas afirma novamente, podemos arriscar, o desejo de totalizar em *um* o Freud disjuncto em seu processo de escrever as cartas. O risco lamentável é o de esvaziar a psicanálise de Freud de seu veio mais potente, obscurece o seu acidentado caminho na teorização do impossível. Acreditamos que é frutífero para a transmissão da psicanálise que se possa, desde a apresentação material, deslocar o olhar da obra unificada para aquela apresentação que permita a possibilidade de leituras. Deixar emergir as questões originárias desse saber inabordável é, por sua vez, condição para o relançamento de questões vitais para a transmissão da psicanálise.

A referência para o presente trabalho foi principalmente a edição em português, que se baseia estritamente na edição em inglês de Jeffrey M. Masson: *The Complete Letters of Sigmund Freud to Wilhelm Fliess 1887-1904*. São os textos de apresentação e o *Prefácio* de Masson, protagonista exclusivo dessa nova publicação em inglês das cartas a Fliess, que nos fornecem elementos de análise para situarmos as marcas de transmissão que ela produz.

Como que a confirmar nossa hipótese acima, Masson relata-nos em seu *Prefácio* que foi a publicação selecionada de *Origins* que o estimulou a querer contar com uma edição completa. Em 1978, Masson relata que procurou por Anna Freud, com a finalidade de obter o seu aceite para a publicação de uma versão completa das cartas. Algo do que restara incompleto, truncado, de uma relação para sempre espantosa, moveu-o para retomar a fresta deixada pela cortina entreaberta.

Masson nos conta que foi necessário um razoável trabalho de convencimento para obter a chave do cofre da guardiã das cartas, mas, efetivamente, foi K.R. Eissler, “amigo íntimo e assessor de confiança da Srta. Freud”, o grande responsável pela concordância da filha de Freud. Obtida a concordância, restava ainda todo o imenso trabalho de reunir o material: “quantos países teriam que ser visitados, quantas bibliotecas vasculhadas e quantos documentos pesquisados!”, exclama o pesquisador e editor (Masson 1986, *Prefácio*, p. vii). Algumas das cartas incluídas no volume – as usadas na acusação

de favorecimento de plágio por parte de Fliess¹¹¹ –, conta-nos ele, vieram da Biblioteca Nacional e Universitária Judaica, em Jerusalém, onde tinham sido depositadas pela filha de Fliess, Pauline Fliess Jacobsohn; colaborou também a Princesa Eugênia da Grécia, filha de Marie Bonaparte, , permitindo o uso de trechos do caderno de notas de Marie Bonaparte (idem, p. ix). Ao final de todo esse trabalho, o organizador conseguiu juntar mais 133 itens de correspondência inédita, que se acrescentaram aos 168 documentos, parciais ou não, que estavam em *Origins*.

O editor comenta, também, o intenso trabalho de reunir o que se dispersara. Deixa entrever ao leitor do *Prefácio* que frequentar a casa de Maresfield Gardens, estar com a filha de Freud, ler e vasculhar a intimidade do mestre inventor da psicanálise foi um momento cheio de excitação e alegria, com animada conversação.

Agora passemos ao relato de Masson a respeito do encontro com Anna Freud e da incursão na intimidade dos objetos de Freud, pai e mestre já morto:

Anna Freud, uma vez tomada a decisão de permitir a publicação das cartas, cedeu seu tempo e conhecimentos com generosidade infalível. Passei grande parte do tempo em sua casa, em Maresfield Gardens, Londres (que fora também a casa do pai dela no último ano de vida), lendo na biblioteca particular de Freud e vasculhando gavetas e armários, em busca de documentos que pudessem esclarecer algumas das alusões constantes das cartas de Freud a Fliess. Tive muitas conversas com Anna Freud sobre as cartas e seu conteúdo. Ambos fomos rapidamente tomados pela excitação de esquadrihar meticulosamente a escrivãzinha de Freud e ali encontrar documentos que há muito se considerava perdidos. Creio que a Srta. Freud se apercebeu de quanto material estava ainda por ser descoberto e da alegria que havia em localizar parte dele. Ela decerto compartilhou comigo o prazer considerável que se podia vivenciar na espécie de trabalho detetivesco envolvido na compilação dessas cartas (Masson 1986, Prefácio, pp. VII e VIII).

¹¹¹ Lembremos que as primeiras cartas de Freud a Fliess que vieram a público foram trazidas pela própria mão de Fliess em penoso processo de acusação a Freud de haver favorecido o plágio da ideia de bissexualidade, a qual Fliess considerava parte indissociável da teoria dos períodos criada por ele. Em 1904 Freud já se aborrecera bastante com a publicação das suas cartas de 23.07.1904 e de 27.07.1904, em panfleto de R. Pfennig, editor e amigo de Fliess, bem como duas cartas de Fliess de 20.07.1904 e de 26.07.1904. Essas cartas foram usadas como prova da colaboração de Freud para o plágio a Fliess, em ruidoso processo acusatório (Porge 1998a, p. 10). Apesar de ser um tema importante para se pensar a questão da escrita e da autoria, abstenho-me de descrevê-lo em seus detalhes e remeto a obras importantes como as de Erik Porge - *Roubo de ideias* (1998a) e *Freud/Fliess: mito e quimera* (1998b), além das biografias mais conhecidas: Ernest Jones (1989), Peter Gay (1989), Emílio Rodrigué (1995) e Octave Mannoni (1994).

Tratava-se dos bastidores da intimidade de Freud e Fliess, uma relação “incomum”, como é referida na biografia por E. Jones, ela própria cheia de excitação amorosa. Freud, pai e mestre idealizado, sendo alvo do desejo de esquadrinhamento por parte de um pesquisador e editor, acompanhado pela filha estimada do próprio inventor: que mistura explosiva! Tratava-se de um conluio entre aquele que se incumbira de publicar as cartas completas, “sem censuras”, e a filha diletta do inventor, primeira censora e guardiã da memória dos documentos e do convívio com o pai. Ambos vasculhando restos na biblioteca, na escrivaninha e nas gavetas do homem que mudara o discurso em todas as áreas do fazer humano. O “prazer considerável” vivenciado no “trabalho detetivesco” a que se refere Masson: a inevitável gana pelo que ficara fora da luz de cena e, ainda mais, tudo isso compartilhado com a filha dele. O que fez o editor com seu desejo de investigação, cuja marca é a do desejo de imiscuir-se na cena privada do inventor/pai da psicanálise? Vasculhar para quê? Para devorar o pai e erigir o totem? Passagem necessária a toda transmissão? Voltar para passar adiante?

Interessante lembrar que Freud mesmo fala da pulsão de “saber ou de investigar” como uma atividade que se inscreve na criança “ao mesmo tempo em que a vida sexual da criança chega a sua primeira florescência” (Freud 1980, p. 199). Tal atividade pulsional corre à parte das pulsões sexuais, mesmo que dela vá se servindo. Essa pulsão, diz ele em *Pulsão de saber*, subtítulo do capítulo *A investigação sexual infantil*,¹¹² “não pode ser computada entre os componentes pulsionais elementares, nem exclusivamente subordinada à sexualidade”; para Freud a atividade dessa pulsão corresponde “a uma forma sublimada de dominação e, de outro, trabalha com a energia escopofílica” (Freud 1980, Vol. XVIII, p. 332). É do gozo sexual ativo que nasce a sede de saber, reconhece Freud em outro artigo (1910 [1909]).¹¹³ É, portanto, o próprio vasculhar o segredo do pai, e ainda mais com a filha guardiã, com a qual faz o complô da transgressão que eletriza essa investigação. É pelo que as cartas a Fliess têm de segredo, de

¹¹² Essa parte do artigo aparece pela primeira vez em 1915, no corpo dos *Três ensaios sobre a sexualidade* (Freud 1980).

¹¹³ *Cinco lições de psicanálise*, 1909, vol. XI.

intimidade revelada, do sexual, que elas são capazes de tocar quem as lê, mesmo que não vá às gavetas e à escrivaninha de *Maresfield Gardens*. Voltaremos a esse assunto.

Continuemos.

Os caminhos percorridos por Masson no *Prefácio* ao mesmo tempo em que são descritos pelo seu autor também explicitam a sua posição de organizador e editor. Destaco passagens nas quais ele diz do trabalho de edição:

É um empreendimento arriscado organizar uma obra dessa magnitude, que tende a modificar a imagem de um grande homem. Mesmo assim, penso que a maioria dos leitores concordará em que um Sigmund Freud mais humano e mais passível de ser bem quisto emerge desta versão completa de suas cartas a Fliess. É também fato que a exposição mais integral das ideias dele sobre algumas de suas principais teorias contrasta nitidamente com a versão que Freud apresentou à posteridade, muitos anos depois, em suas obras publicadas. Talvez isso seja inevitável. É igualmente inevitável que o acesso a obras que nunca se destinaram à publicação imponha ao historiador imparcial algumas conclusões difíceis e, por vezes, impopulares. Nessa nova edição, tentei apresentar as cartas tão objetivamente quanto possível e me abstive de fazer quaisquer interpretações ou julgamentos pessoais (Masson 1986, *Prefácio*, pp. vii e viii).

Tomar as cartas íntimas como parte da obra exige algumas considerações acerca do que sustenta essa passagem. Masson não se responsabiliza por deixar clara essa passagem. Ou melhor, a posição do editor-pesquisador ignora o caráter da correspondência como um resto, fragmento de um acontecimento, pois pretende que a sua edição das cartas seja “tão objetiva quanto possível”, sem qualquer interpretação ou julgamento pessoais. Será? A partir de que lugar se dá a tomada do seu objeto de interesse? Do lugar de quem realiza uma obra de magnitude ímpar? Por outro lado, pretender tomar as cartas de Freud a Fliess como um ato que traz “um Sigmund Freud mais humano e mais passível de ser benquisto” (idem p. vii) segundo diz, é já prever que nesse gesto um “grande homem” irá despencar do lugar idealizado; se não, por que antecipar a sua “humanidade” e grandeza? O editor está lidando com os que possam se decepcionar com o pai da psicanálise. Por outro lado, o tom do editor é o de dar

um cunho científico a seu trabalho, de acordo com os padrões ideais da ciência moderna, pois, como diz, pretende “apresentar as cartas tão objetivamente quanto possível, abstendo-se de fazer quaisquer interpretações ou julgamentos pessoais” (idem, pp. vii e viii), apesar de que o “acesso a obras que nunca se destinaram à publicação imponha ao historiador imparcial algumas conclusões difíceis e, por vezes, impopulares” (idem). Mas, então, será que o “empreendimento arriscado”, como diz ele, não se refere muito mais à sua posição frente ao objeto de que se encarrega e ao próprio efeito de negação de sua posição de sujeito frente a seu desejo? Masson fala de sua aproximação como devendo ser imparcial e objetiva, mas, como desconhecer a contaminação do pulsional, do erótico, que se fez tão flagrantemente presente ao narrar, no *Prefácio*, o encontro com as cartas? Esse suposto expurgo que exclui o pesquisador certamente tem efeitos limitados, pois Masson, pretendendo higienizar o material que organiza e edita, não impede, todavia, a sua subjetividade nas escolhas arbitrárias dos títulos que dividem em capítulos a série de cartas. Do mesmo modo, a escolha por eliminar o *Projeto* do conjunto das cartas imprimiu certo lugar para as cartas, mas sem explicitá-lo. Masson também, por suas escolhas de editor, deixa passar seu desejo de editor exclusivo, na medida em que exclui quase todas as notas pesquisadas por Schröter no processo de estabelecimento do texto das cartas na língua original alemã, sua fonte.¹¹⁴ Suas “interpretações e julgamentos pessoais” estão, sem dúvida, nessas escolhas.

Na sequência à citação anterior, Masson fala sobre seu trabalho quanto às notas do editor ao texto. Para nossos fins, destaco apenas o trecho em que ele indica como enfrenta o que chama de “erros lacunas e palavras ilegíveis”. Nesses casos, o autor diz que “interfere, mas não comenta”. Vejamos abaixo:

Fiz algumas correções sem comentário: nos pontos em que Freud cometeu erros de gramática ou pontuação, por exemplo, não os deixei passar. Além disso, pareceu-me pedante usar colchetes para indicar que a tradução para o inglês exigiu mais palavras do que a versão alemã. Assim os nomes, frequentemente omitidos em alemão, foram incluídos no texto em inglês sem nenhum

¹¹⁴ Diz Masson: “Michael Schröter redigiu diversas notas adicionais para a edição alemã destas cartas e as colocou a meu dispor. Nos pontos em que fiz uso delas na presente edição, isso foi indicado” (Masson 1986, p. xiv).

comentário. As lacunas e palavras ilegíveis na cópia holográfica original foram assinaladas, mas não se tomou nenhuma liberdade com o tom do texto freudiano. As pequeninas alterações havidas foram feitas a bem da clareza (Masson 1985, pp. xiv-xv).

É justamente a falta de notas e comentários do editor e tradutor – que são as marcas de sua leitura –, e até de justificativas pelas opções tomadas, que os artigos críticos da revista *Essaim* (2008) mais apontam. Essa crítica repete outras feitas à tradução das *Obras completas de Freud* por Strachey na *Standard Edition*, bastante trabalhadas em *Traduzindo Freud* (Ornston 1999), já citado nesse trabalho.¹¹⁵

A não inclusão do *Projeto* (*Entwurf einer Psychologie*) na edição em inglês das cartas tem como justificativa um argumento bastante simples e, a meu ver, fala mais da posição de J. Masson no exercício da edição. Justifica-se dizendo que se “omitiu porque [...] seria difícil aprimorar a tradução de James Strachey, publicada e ainda acessível à consulta” (Masson 1985, p. 12). Chama-nos a atenção o uso do termo “aprimorar”,¹¹⁶ uma vez que as dificuldades inerentes a uma tradução são tratadas pelo editor para o inglês como uma questão de “aprimoramento”, ou seja, de melhoria do que já está “correto”. Há na justificativa acima uma impossibilidade de que se venha a perguntar sobre o que é que os rascunhos e as cartas de Freud a Fliess podem ter a ver uns com os outros, e com os textos teóricos publicados, uma indagação nada banal quando se trata da teorização em psicanálise. Mais grave ainda é que esse rascunho é nada menos que o *Projeto*, riquíssimo texto de Freud.

Em *Observações sobre o Método*, outra parte introdutória do livro, Masson historia o trabalho de estabelecer o texto e editar as cartas de Freud a Fliess. Fala

¹¹⁵ Vale mencionar, entretanto, o reconhecimento do esforço de Strachey para a tradução e organização das obras de Freud. Argumenta-se que a época exigia os esforços ora criticados – ‘simplificação’ e linguagem mais técnica – pois se tratava de implantar a psicanálise do pós-guerra no solo médico e no Novo Continente. O empenho era o de conquistar corações e mercados! A maior crítica recai, então, no fato de que Strachey não justifica suas escolhas, fazendo crer ao leitor ser aquela a leitura “correta” do texto de Freud. Nossa preocupação neste trabalho é apenas a de explicitar a complexidade de escolha que tais vieses imprimem à transmissão e que levaram ao afastamento da letra freudiana, como nos mostrou Lacan em sua crítica acirrada aos rumos tomados pela psicanálise após Freud.

¹¹⁶ “Aprimorar” é outro termo importante quando se fala da tradução de Freud por Strachey, valendo até como títulos de artigos incluídos em *Traduzindo Freud* (Ornston 1999): *Aprimorando o Freud de Strachey* e *Obstáculos ao aprimoramento do Freud de Strachey*, ambos de Ornston Jr. (1999, pp. 21 e 167, respectivamente).

das idas e vindas às versões dos textos das cartas originais, acompanhando a transcrição dos manuscritos, abordando as questões de tradução, das notas etc., para chegar, enfim, ao texto a ser publicado. Masson mostra os inúmeros agenciamentos dos quais o texto final em inglês é resultado. Reconhecendo o valor de todo o trabalho de que se encarregaram o editor e seus colaboradores, chamamos a atenção, porém, para o trecho sobre as escolhas do editor, em que ele diz: “Nos casos em que essa discrepância [entre o original, o estabelecido em alemão e o inglês] parece particularmente importante, o trecho é assinalado; amiúde, porém, limitei-me simplesmente a usar a versão correta”.¹¹⁷ O pequeno “detalhe” que designa como a “versão correta”, faz com que o ponto de interrogação fique com o leitor, pois nada mais é esclarecido sobre o que orientou a decisão da transcrição das notas.¹¹⁸ O termo “*correta*”, quando se fala na tradução de Freud para o inglês, também tem raízes históricas, que podem ser encontradas na série de artigos mencionados em *Traduzindo Freud*, organizado por Ornston. Sem desprezar a condição do erro e da má tradução, deparamo-nos, entretanto, com decisões de tradução que vão além da busca pelo “*correto*”. Qual o critério para estabelecer a versão correta? Veremos mais adiante os impasses em que, necessariamente, se enreda um tradutor quando, na escolha do “correto”, inclui também o pulsional, o sexual. Para tal discussão nos apoiaremos no artigo de Renate Sasche sobre o assunto com cuidado. A tarefa do tradutor não é assim tão isenta de ambiguidades que o “correto” possa vir a sanar! A ambiguidade está na língua. Essa questão específica para esse termo de tratamento será lembrada também quando falarmos, mais adiante, da tradução das obras de Freud para o português.

Outro modo de se posicionar frente ao texto de Freud nos é apresentado por Luiz Roberto Monzani, em seu livro *Freud – o movimento de um pensamento*. Esse autor faz uma leitura de Freud com a perspectiva de reconstruir o movimento

¹¹⁷ Tradução correta e, portanto, única a ser reconhecida, é a fachada do estatuto de um texto oficializante.

¹¹⁸ O trecho do editor a que me refiro está, na versão em português, como segue: “Com frequência, o texto alemão estabelecido por Fichtner difere do que foi impresso em *Anfänge*. O leitor poderá verificar as mudanças através de consulta a uma edição alemã revista das cartas que está sendo publicada, simultaneamente ao presente volume, pela S. Fischer Verlag, em Frankfurt, sob o título de *Sigmund Freud: Briefe an Wilhelm Fliess, 1887-1904. Vollständige Ausgabe, Herausgegeben von Jeffrey Moussaieff Masson; Bearbeitung der deutschen Fassung von Michael Schröter; transcription von Gerhard Fichtner*” (Masson, pp. xiii-xiv).

de seu pensamento. Procura explicitar, através da análise das ideias de Freud, as articulações que comandam a estrutura da obra e que “guiam o movimento do pensamento no interior da obra” (Monzani 1989, p. 22). A especificidade da natureza do objeto em jogo, para Freud, recebe, por parte do autor filósofo, todo o reconhecimento. Evitando a concepção de uma obra que evolui num contínuo de desenvolvimento, ou de rupturas radicais, Monzani prefere descrevê-la como um movimento de pensamento que caminha ora em “espiral”, ora em “pêndulo”. Sendo impossível estender-me pelo precioso livro desse autor, transcrevo seu parágrafo final por sua força conclusiva e, ao mesmo tempo, suficientemente sedutor para que não se o esqueça:

É sempre com espanto que lemos e relemos o *Projeto* [...] e a correspondência com Fliess. Tudo já está lá, quase somos obrigados a exclamar. Sim, de uma certa maneira quase tudo já está lá. Mas, serão necessários mais de 40 anos para Freud colocar tudo no seu devido lugar, repensar e retificar pacientemente essas ideias (Monzani 1989, p. 304).

Monzani reúne nesse parágrafo o reconhecimento da correspondência com Fliess e o próprio modo de Freud fazer o seu caminho de produção teórica. Tudo que “estava lá” sobreveio pelo endereçamento a outro – Fliess – e, ainda assim, levou o resto de sua vida, desfiando suas inquietações em textos escritos.

O contraste entre uma perspectiva que se estreita na construção de uma imagem de Freud e da psicanálise e o próprio modo de teorizar de Freud fica claro na carta que escreveu a sua amiga Lou Andréas-Salomé, em que fala sobre o fio vermelho que o conduz na teorização: “Muito raramente sinto a necessidade de uma síntese. A unidade deste mundo me parece algo autocompreendido, algo indigno de ênfase” (30 de julho de 1915 – Freud 1982, p. 362). É clara a escolha do inventor da psicanálise: em oposição à síntese ele escolhe a análise e, com ela, expõe a verdade. O que responderia Freud aos que querem a psicanálise como “objetiva e correta” e isenta de “julgamentos pessoais”? Ao fim e ao cabo, as perspectivas de transmissão da psicanálise são que a verdade não está na síntese, que se auto-compreende, mas na análise do que condensa e desloca. Continuaremos a tocar nesse tema mais adiante.

A edição brasileira das cartas a Fliess

Algumas palavras devem ser ditas, também, sobre a edição brasileira das cartas de Freud a Fliess, que foi nossa fonte principal. Traduzida por Vera Ribeiro a partir da edição em inglês, essa edição merece algumas palavras aqui, mesmo que a posição declarada da tradutora conste apenas das duas páginas da *Nota da tradutora*. Nelas Ribeiro explicita sua posição diante das dificuldades e do desafio de traduzir as cartas de Freud a Fliess segundo um importante balizamento. Por exemplo, a tradutora esclarece ter seguido a nomenclatura de Laplanche e Pontalis, em *Vocabulário de psicanálise*, para *Trieb*, *Instinkt*, *Verdrängung* e *Unterdrückung*, respectivamente, pulsão, instinto, recalçamento/recalque e repressão/supressão. Tal procedimento nos mostra que o trabalho da tradutora leva em conta termos do alemão de Freud cujos problemas de tradução já foram bastante comentados na literatura psicanalítica, como já mencionamos. Ribeiro considerou, portanto, as discussões relativas ao alemão original de Freud, e essa é uma posição que vai além de uma questiúncula de tradução, mas de buscar nos termos o texto freudiano. Ela, portanto, não desconheceu as importantes discussões que levam a questionar a posição do tradutor em psicanálise.

Ribeiro entende que na tarefa de traduzir há injunções tais que o certo e o errado não podem ser tomados de maneira simples. Sua diferença em relação a Masson é flagrante, embora delimitada pelo próprio texto originário, que foi o inglês. Vejamos, nas palavras de *Nota da tradutora*:

As decisões exigidas pela própria tarefa de traduzir são tomadas segundo as possibilidades e limitações estilísticas, a maior ou menor intimidade com as línguas usadas, os conhecimentos formais e informais e a própria estrutura psíquica do tradutor. Salvo por gritantes deturpações do sentido, não há certo e errado numa tradução – a menos, é claro, que se pressuponha que a comunicação é possível e que a palavra é igual à coisa em si, unívoca na direcionalidade de sua significação e estritamente contida, ou a rigor, idêntica às definições eruditas do saber dicionarizado. Sendo este, tanto mais arrogante quanto mais pomposo o título do dicionário empregado e quanto menos o estudioso se aperceba de que os verbetes são uma infundável

cascata de remissões, fluindo no leito vivo daquilo que é singularmente característico e estruturante do sujeito humano: a linguagem (Ribeiro, in Masson 1986, pp. xi e xii).

Tais aspectos não são suficientes para colocar a tradutora em posição de escapar da matriz original: seu trabalho foi de tradução para o português e não de edição. Ela expõe alguns impasses da tradução, mas se atém, claro, ao texto de Masson. Todavia, no presente trabalho, o detalhamento das posições da tradutora para o português e as do editor e tradutor para o inglês visou a, mesmo que brevemente, seguir os olhares pelos quais os textos foram tomados. O contraste entre ambas as visões aponta para um vasto trabalho que seria o de desvelamento dos apagamentos que operam nessa transmissão. Embora a publicação em português fosse concomitante à publicação em alemão, as fontes editoriais – inglês e alemão – não foram contrastadas na edição em português, nem mesmo minimamente, infelizmente para nós.

Embora esse não seja nosso objetivo maior aqui, não podíamos deixar de colocar o problema do estabelecimento do texto na publicação brasileira e sua relação com a transmissão.

Críticas às edições das cartas

A retomada das publicações das cartas a Fliess foi acompanhada por estudos que demonstraram interesse pela relação Freud e Fliess, como também pela crítica às edições e traduções dispersas das cartas. Destacaremos mais adiante neste trabalho os livros de Erik Porge, cujo pensamento seguimos, em especial nos livros *Freud/Fliess: mito e quimera da auto-análise* (1998), *Roubo de idéias?* (1998), e no artigo intitulado *Du mythe de l'auto-analyse de Freud au discours psychanalytique* (2007),¹¹⁹ no qual se detém mais no tema da origem da psicanálise e da auto-análise de Freud.

¹¹⁹ Erik Porge: *Du mythe de l'auto-analyse de Freud au discours psychanalytique* em *Freud-Fliess: Passion secrète, passion publique. Essaim Revue de Psychanalyse*, n. 19. Éditions Erès, Paris, 2007, pp. 11-26.

Destaco, todavia, a revista francesa *Essaim- Revue de Psychanalyse*, em especial a de número dezenove, que é dedicada aos artigos apresentados no encontro comemorativo do lançamento da edição francesa das cartas a Fliess, em 2006. Tal encontro resultou na publicação de dez trabalhos dedicados à discussão das cartas de Freud a Fliess sob o título “*Au debut de la psychanalyse, Freud Fliess en français*”.¹²⁰ Dentre esses artigos damos relevo a um que expõe as paixões, digamos assim, que acompanham as publicações das cartas; outro, que discute com cuidado a opção para a tradução do termo *Liebster*; e, finalmente, as críticas de Porge, por serem inspiração do nosso próprio ponto de vista.

Em um dos artigos da revista *Essaim*, intitulado *Les lettres de Freud: état de lieux, caractéristiques, histoire de l'édition (Avec une <<coda >> pour ma propre cause)*¹²¹ – Schröter critica veementemente a tradução francesa da edição alemã – “*c’est un scandal*”, diz ele – pois não reproduziu as notas explicativas de sua autoria e não explicitou tal opção, apesar de manter os nomes dos autores das notas da edição alemã. Os tradutores da edição francesa, Françoise Kahn e François Robert respondem a Schröter, e essa resposta é publicada na sequência do artigo acima referido, esclarecendo que a edição francesa não é a “transcrição” da edição alemã estabelecida por *Fichtner e Schröter*. Na edição francesa, justificam-se os tradutores, estão o *Projeto*, apêndices e uma nota ao *Projeto*, um epílogo, um “*index*” dos lugares, de temas, e de notas terminológicas, que provêm de tradução do alemão.

Transcrevo abaixo o posicionamento dos editores/tradutores franceses, como paradigmático das tensões que cercam a questão da tradução e edição das cartas. Como segue:

A abordagem científica de nossa edição diverge da edição de M. Schröter. Esse autor considera as cartas de Sigmund Freud a Wilhelm Fliess um documento histórico que se trata de anotar e comentar [...]. Nossa edição privilegia o que Ilse Grubrich-Simitis identificou muito bem como o estatuto particular dessa correspondência, que não pode ser assimilada às correspondências de Freud. [...] O texto integral das cartas a W. Fliess, em sua transcrição rigorosa estabelecida por Gerhard

¹²⁰ Françoise Kahn e François Robert: *Réponse à Michel Schröter... Essaim Revue de psychanalyse*, n. 19. Éditions Erès, Paris, 2007, pp. 55-56.

¹²¹ Schröter, M.: *Les lettres de Freud... Essaim*, n. 19, 2007, pp. 27-53.

Fichtner, é para nós o verdadeiro escrito de referência. Tratamos esse “escrito originário” de que fala Grubrich-Simitis, em que o leitor pode acompanhar as origens do pensamento de Freud, sem tomar partido quanto ao que pertenceria ao “verdadeiro” Freud, sem prejudicar as direções futuras de seu pensamento, sem, de antemão, orientar o leitor, identificando certos elementos temáticos a certos momentos teóricos (Kahn e Robert 2007, p. 56, tradução nossa).¹²²

Sendo assim, reafirmam que: [trabalharam de modo totalmente independente e apenas] “em função do pensamento de Freud, e a partir do texto alemão estabelecido por G. Fichtner.”¹²³ Ainda uma vez, essa abordagem mais textual, menos historicista, é aquela que nos parece prevalecer nas edições de um texto fundador¹²⁴ (idem).

Eis como as marcas de leitura se organizam segundo diferentes perspectivas, nada inócuas em seus efeitos de transmissão da psicanálise. Ainda que não queiramos nos deter no campo de batalhas das traduções e edições, não poderíamos deixar de mencioná-lo devido às questões que se desdobram a partir dos efeitos das escolhas da edição, da perspectiva que elas dizem que cumprem.

Outro ângulo crítico aparece na discussão gerada pela tradução do termo *Liebster*, usado por Freud como tratamento a Fliess na carta de 6 de agosto de 1895. A discussão aponta para um exemplo paradigmático de certa opção de tradução e suas consequentes perdas e marcas de transmissão. O artigo de Renate Sachse *L’adress de Freud à son ami Fliess*¹²⁵ comenta a tradução para o

¹²² No original : «L’approche scientifique de notre édition diverge de celle de M. Schröter. Celui-ci considère les lettres de Sigmund Freud a Wilhelm Fliess comme une document historique qu’il s’agit d’annoter e de commenter [...]. Notre édition privilégie ce que Ilse Grubrich-Simitis a très bien identifié comme étant le statut particulier de cette correspondance, qui ne peut être assimilée aux correspondences de Freud. [...] Le texte integral des lettres à W. Fliess, dans la transcription rigoureuse établie par Gerhard Fichtner, est por nous le véritable écrit de référence. Nous avons traité comme cet “écrit originaire” dont parle Ilse Grubrich-Simitis, où le lecteur peut suivre les origines de la pensée de Freud, sans prendre partie sur ce qui appartiendrait au “véritable” Freud, sans préjuger des directions futures de sa pensée, sans orienter à l’avance le lecteur en identifiant certains éléments thématiques au certains moments théoriques” (Kahn e Robert 2007, p. 56).

¹²³ Observemos que o estabelecimento do alemão dos textos das cartas é da responsabilidade final de Fichtner, com a cooperação de Masson e auxiliares, cujo trabalho é amplamente valorizado nas edições americana e brasileira. Aqui, porém, vemos citado apenas Fichtner na referência dos tradutores franceses. Por quê? Onde foi parar o nome de Masson, um nome quase exclusivo para nossa versão? As políticas internas, vaidades e ciúmes atuam determinando rumos, apesar das isenções subjetivas que se pretenda fazer crer que existem.

¹²⁴ No original: “En fonction de la pensée de Freud, et à partir du texte allemand établi par G. Fichtner.”¹²⁴ Encore une fois, cette approche plus textuelle, moins historienne, est celle qui nous semblait prévaloir dans l’éditions d’un texte fondateur” (idem).

¹²⁵ Sachse, R.: *L’adresse de Freud à son ami Fliess*, in *Essaim*, n. 19, 2007, pp. 107-113.

francês do termo “*Liebster!*”, pois, para tal termo de tratamento epistolar foi escolhido o termo “*Très cher*” e não “*mon bien-aimé*”, mais adequado, segundo a autora.¹²⁶ Diz ela:

Literalmente, seria necessário traduzir por “meu (bem-)amado”, mas nenhum tradutor o faria sem uma nota de rodapé, porque “meu (bem-)amado” é reservado, em princípio, a amantes, casais apaixonados, a uma relação íntima. [...] Não se trata, portanto, de um uso entre dois amigos intelectuais que trocam ideias sobre questões científicas e sobre a vida cotidiana. Consequentemente, isso se torna, na tradução francesa: “*Très cher*” [caríssimo]. Mas perdemos, então, toda a ambiguidade e a sensibilidade que esse vocativo alemão indica. [...] Gramaticalmente, antes de tudo, *Liebster* é em alemão um superlativo. A palavra designa o bem maior. [...] Não há nada melhor no mundo, poder-se-ia dizer. Quando emprego em alemão a palavra *Liebster* isoladamente como superlativo substantivado dirigido a uma pessoa, como o faz Freud, não há dúvida alguma quanto à primeira leitura [*bien-aimé*] (Sachse, 2007, pp. 107-108, tradução nossa).¹²⁷

Para a autora do artigo citado, uma nota de rodapé do tradutor viria a dar a devida importância ao sentido de tratamento que a palavra *Liebster!* contém, uma vez que há dificuldade para encontrar, na língua alvo, uma boa equivalência ao termo original, que vem do verbo *lieben*, que é *amar*. Com Renate Sachse, consideramos, portanto, que a perda da conotação amorosa/sexual, presente no alemão, deveria ser devidamente assinalada pelos tradutores. Acrescento, ainda, que mesmo que essa expressão *Liebster* tenha sido usada uma única vez em todo o conjunto de cartas a Fliess – e talvez por isso mesmo –, a incidência do termo é suficientemente forte para que mereça uma nota explicativa. Infelizmente, em nenhuma das traduções ela comparece. A tradução para o inglês escolheu a expressão *Dearest*, a qual mantém o superlativo.¹²⁸ Tal tratamento em inglês

¹²⁶ O equivalente para o português seria ‘o mais amado [dentre todos]’. O termo escolhido na tradução foi *Caríssimo*, indistinguível de tantos outros ‘*Caríssimo*’ que aparecem nas cartas ao longo da correspondência.

¹²⁷ No original: “*Littéralement, il faudrait traduire par ‘mon bien-aimé’, mais aucun traducteur ne le ferait sans note bas de page parce que ‘mon bien-aimé’ est réservé en principe aux amants, couples amoureux, à une relation intime. [...] Ce n’est donc pas l’usage entre deux amis intellectuels qui échangent sur des questions scientifiques et sur la vie quotidienne; Cela devient, par conséquent, dans la traduction Française: ‘Très cher.’ Mais nous perdons alors toute l’ambiguïté et la sensibilité qu’indique cette adresse en allemand. [...] Grammaticalement, Liebster en allemand est d’abord un superlatif. Le mot désigne ce qu’il y a de mieux. [...] Il n’y a pas mieux au monde, pourrait-on dire. Mais, quand j’emploie en allemande le mot Liebster tout seul, comme l’utilise ici Freud en tant que superlatif substantié pour une personne, il n’y a aucun doute à la première lecture*” (Sachse, 2008, p. 107).

¹²⁸ O equivalente em português dicionarizado para ‘*Dearest*’ é, geralmente, “caríssimo”, “mais querido”, “queridíssimo”.

indica, sim, maior intimidade, quando usado sem o nome do destinatário: no caso de cartas, é usado somente em tratamento de bastante intimidade, entre namorados. Trata-se, portanto, de um termo que é próximo ao alemão *Liebster*. Por outro lado, o uso de *caríssimo* para o português, isoladamente, não traz a marca de tratamento tão distintivo, como é o caso em alemão, pouco se distinguindo do *caríssimo* de uso costumeiro, que não é próximo e nem afetuosos,¹²⁹ mais usado para demonstrar gentileza e ao mesmo tempo manter distância. Se usado para um amante poderia até servir para marcar ironia. Se, tanto para o termo em português como para o inglês, o superlativo correspondente ao alemão é preservado, os usos para um e outro diferem, todavia, em grau de intimidade; para o português, a escolha por “queridíssimo” teria a vantagem de ser menos corriqueiro do que o “caríssimo”, embora ainda longe do inusitado *Liebster* alemão. Vale dizer que essas questões intrínsecas à atividade de tradução não são superáveis, sendo justamente esse o remendo trazido por uma nota explicativa, a qual é reclamada pela autora do artigo.

Curiosamente e digno de nota é o fato de que tanto no inglês como no português excluiu-se o ponto de exclamação, que graficamente é uma barra ao *Liebster*. Vale observar que Freud usou essa expressão para outros amigos que lhe foram próximos, o que retira a exclusividade de Fliess, mas não o caráter especialmente amoroso do tratamento dirigido a ele. Freud escreve também a Breuer, com quem também teve uma relação importante, embora diferente, em 3 de março de 1889: *Queridíssimo Amigo e mais amado dos homens!* (Freud 1982, p. 269). A exaltação no tratamento não deve ser tomada de modo simples e direto. O que dá marca o sentido em “*Liebster!*” é o contexto em que foi usado, não só dos acontecimentos como do próprio ritmo das cartas para Fliess. Tal tratamento se dá num importante momento de invenção de Freud: pouco mais de um mês antes de Freud, em frenesi, escrever o *Projeto* “para Fliess”, como diz Lacan (*Seminário 16*, p. 180). A notícia do “primeiro rascunho da psicologia” está na carta de 15 de setembro de 1895 (Masson 1986, pp. 138-140), observando que o

¹²⁹ O tratamento “Caríssimo” aparece nas cartas ao lado de várias outras formas tais como: “Meu caro”, “Caro Wilhelm” e “Caríssimo Wilhelm” e muitos “Querido Wilhelm”. A significação desses termos no português, para a cordialidade de um amigo ou de um amante, dependerá também do contexto da carta em questão.

termo de tratamento em questão foi usado cerca de um mês antes e quando se preparava para a visita a Berlim, acompanhado de seu irmão Alexander. A exuberância da expressão sexual contida em “*Liebster!*” está, certamente, também na exaltação produzida pelo furor da teorização que evoluía. Um indício do ponto em que se encontrava em sua invenção é assim expresso: “Quase tudo é confirmado diariamente, novas coisas são acrescentadas, e a certeza de ter nas mãos o âmago da questão me faz bem” (Gay 1989, p. 87).

Se, evidentemente, esse modo de tratar o amigo expressava a “tendência homossexual” reconhecida por Freud como presente na relação com Fliess, o foco de meu trabalho, sem desconsiderá-la por nem um único momento, ressalta, todavia, a exaltação produzida pela experiência de júbilo por dar palavra àquilo que antes era uma vaga intuição e o que há, aí também, de sexual. Há a apaziguadora e fundamental ilusão do encontro da coisa e da palavra, e há o outro que participa desse encontro como suporte, ambos vivificados pela corrente pulsional presente no ato de invenção. O jogo do mesmo e do diferente, do especular e do trabalho de significação tem toda a sua importância e se faz presente também nessa tão “surpreendente” abertura de carta ao amigo tão amado. A barra do ponto de exclamação¹³⁰ não estaria a sinalizar que se trata, justamente, de um amor barrado nele mesmo, cumprindo outras funções? O sentido sexual de *Liebster* deve ser levado a todas as suas consequências, para que não se feche em designações que facilmente declinam para o preconceito e, de fato, se distanciam do sexual em jogo.

À guisa de síntese trago os comentários críticos de Erik Porge desenvolvidos especialmente no seu livro *Mito e Quimera* (1998b), no qual faz uma crítica clara à tradução para o inglês, nomeadamente à direção editorial de J. M. Masson¹³¹ de *The Complete Letters of Sigmund Freud to Wilhelm Fliess 1887-1904*,¹³² devido à maneira como as cartas a Fliess são apresentadas ao público.

¹³⁰ A relação ponto de exclamação e barra significativa é de Renate Sachse (2007) ao comentar a tradução francesa das cartas. A questão do tratamento nas cartas a Fliess talvez merecesse maior atenção.

¹³¹ Sua crítica se restringe às edições em inglês e alemão, pois foram essas as referências usadas para seu trabalho. A edição francesa foi publicada bem depois de seu livro, em 2006.

¹³² Tal crítica vale também para a língua portuguesa, cujo título, como vimos, é: *Correspondência completa de Sigmund Freud para Wilhelm Fliess 1887-1904*.

A divisão em capítulos é um dos alvos da crítica desse estudioso da relação Freud e Fliess. Por exemplo, diz Porge, o capítulo intitulado “O episódio Emma Eckstein” reúne as cartas de 24 de janeiro a 3 de fevereiro de 1895, o que, segundo o autor, é absolutamente falacioso, já que Freud continuou a falar de Emma em 1896 e no começo de 1897. Cada um dos “capítulos” isolados por Masson pode ser objeto de uma crítica análoga, diz Porge (1998a, p. 26). Tais cortes em partes são, portanto, arbitrários e dão uma impressão de série de conjuntos que se abrem e fecham no limite dos capítulos, sem respeito à própria natureza do que está em jogo, uma vez que as cartas são, justamente, um lugar em que as “partes” se entremeiam num discurso próprio ao epistolar íntimo.

Além disso, segundo observação de Porge, o termo *complete letters* não se sustenta, quer por faltarem as cartas de Fliess a Freud, quer por faltarem cartas apontadas pelo próprio Freud.¹³³ Como afirmar, diz Porge, que, não houve qualquer troca de carta nos largos intervalos entre as cartas do próprio Freud? E ainda, Porge também critica o fato de a edição em inglês ser menos completa que a alemã (1998a, p. 26), pois as notas explicativas estão bastante reduzidas na edição de Masson. De fato, lembremos que Masson confessou ter usado apenas pontualmente as notas adicionais que Michel Schröter, autor delas, colocou à sua disposição (Masson 1986, *Prefácio*, p. xiv). Infelizmente para nós!

O principal da crítica em *Mito e Quimera* (1998b) que desejamos destacar é: “o entrecruzamento dos temas [nas cartas], não nos autoriza a considerar o conjunto das cartas de Freud como um livro que conta uma história, nem mesmo a dele com Fliess, ou a suposta auto-análise de Freud com Fliess” (idem, p. 26).

Segundo Porge essa é uma inclinação induzida pela edição das cartas a Fliess. A crítica mais aguerrida de Porge, esse estudioso das cartas e da relação Freud e Fliess e seus efeitos para a psicanálise, encontra-se sintetizada nos

¹³³ Aqui cabe uma observação: o título da terceira edição do inglês, de 1995, consta como: *The Complete Letters of Sigmund Freud to Wilhelm Fliess 1887-1904*, com o que promete, portanto, abranger apenas as cartas de Freud e não as de Fliess. A crítica de Porge quanto ao termo “correspondência completa” fica sem sustentação. Todavia, curiosamente, a contracapa da edição brasileira de 1986 indica na ficha de catalogação: Tradução de: *The Freud / Fliess correspondence*. Acrescente-se que em português o título do livro é *A correspondência completa de Sigmund Freud para Wilhelm Fliess, 1887-1904*. Há, então, uma flutuação quanto à titulação das cartas de Freud e por isso mantenho a crítica de Porge no que diz respeito a certo afã pelo uso do termo “completa”, que recobre um desejo de totalidade, cuja consequência é obstruir, justamente, a leitura que as faltas podem produzir.

parágrafos abaixo, nos quais, ao mesmo tempo explicita sua posição, com a qual concordamos e de cujo fio nos servimos. Transcrevo-os inteiros por trazerem uma boa síntese dos apontamentos críticos:

Assim como as cartas de Freud a Fliess não contam uma história, elas também não formam um *todo*. Constituem, antes, um quebra-cabeça no qual faltam diversas peças. Elas não formam um todo, antes de mais nada, porque há uma dimensão pública incluída em seu endereçamento, e porque devem ser lidas em relação com os livros publicados por Freud e Fliess. Nesse caso, elas revelam as etapas da elaboração dos textos e certas pistas não seguidas por Freud, mas que, retrospectivamente, podem revelar-se fecundas (em particular, com respeito à paranoia e à melancolia). Além disso, essas cartas fazem parte de uma verdadeira fábrica de casos (como o esquecimento do nome Signorelli, com suas diferentes versões numa carta, no artigo de 1898 e no primeiro capítulo de *Psicopatologia*).

A correspondência não forma um todo também por outras razões. Exerceu-se sobre ela uma censura discreta, mas eficaz. Os nomes próprios dos pacientes foram substituídos por letras, que muitas vezes não são as mesmas nas edições inglesa e alemã. O *Projeto*, como dissemos, não foi incluído na nova versão. Muitas particularidades gráficas das cartas de Freud foram apagadas, apesar da preservação de algumas na edição alemã.

Por outro lado, não dispomos da edição completa das cartas de Freud a Fliess, uma vez que, como se sabe, um certo número delas foi destruído ou perdido. Além disso, se essa correspondência encerrou-se em 1904, nem por isso Fliess deixou de ser um interlocutor para Freud, como se evidencia em suas obras posteriores, quer o nome de Fliess seja ou não citado nelas. Acima de tudo, porém, essa correspondência é incompleta pelo simples fato de nela faltarem todas as cartas de Fliess a Freud (com exceção de três!). Ora, uma correspondência é uma troca de cartas entre pelo menos dois parceiros. Pelo menos dois, porque, nessa correspondência, eles já são três, levando-se em conta as duas cartas de Freud a Ida Fliess. E, sendo assim, porque não haveríamos de incluir nessa correspondência as cartas de Breuer a Fliess entre 1894 e 1898?

A falta das cartas a Fliess desequilibra a correspondência e induz a sua leitura no sentido de uma história na qual um dos personagens – no caso, Fliess – ocupa o lugar do ausente, do Outro silencioso, que não responde. É muito fácil, a partir daí dar um passo a mais e dizer que Fliess encarnou a posição do analista para Freud, e que Freud fez uma auto-análise com Fliess. Esse foi o passo dado pela maioria dos psicanalistas, que erigiram a auto-análise de Freud com Fliess num mito fundador. Ainda hoje estamos a tal ponto impregnados desse mito, que nem sequer avaliamos a sua amplitude ou seus efeitos (Porge, 1998a, pp. 26 e 27).

É sobre esses apontamentos críticos que Porge fundamenta sua discussão mais importante sobre a formação do mito de origem da psicanálise, o qual é baseado na auto-análise de Freud realizada com Fliess no lugar de analista. Como alternativa à quimera¹³⁴ construída, o autor propõe que Fliess ocupe não o lugar de suposto saber inconsciente, mas de suposto saber científico.

Julgamos que esse novo discernimento para o lugar de Fliess permite-nos encaminhar a resposta à nossa pergunta quanto ao lugar necessário de Fliess. Podemos, então, afirmar que o lugar de Fliess, sustentado na própria escrita das cartas, é forjado por ser necessário à teorização de Freud? Ao dizer da psicanálise como um vasto discurso de Freud a Fliess (Lacan 1985),¹³⁵ Lacan faz toda a diferença no modo de visar a relação Freud e Fliess, e abre campo para que possamos pensar a escrita das cartas sob uma perspectiva constitutiva, tanto da psicanálise de Freud quanto do sujeito Freud.

Percorrido o longo atalho referente ao material que circula em publicações, voltemos à consideração dos efeitos que a própria existência das cartas produziu em sua época de aparecimento em cena, quer para Freud quer para os que o circundavam. Vamos adiante.

¹³⁴ Lembrar nota 11, p. 7 desse trabalho.

¹³⁵ No *Seminário 20*, Lacan indica que o termo 'discurso' "deve ser tomado como liame social, fundado sobre a linguagem, e tem alguma relação com o que na linguística se especifica como gramática" (Lacan 1982, p. 28). Mais adiante, no mesmo seminário, ele afirma que: "no fim das contas só há o liame social. Eu o designo com o termo discurso, porque não há outro meio de designá-lo, uma vez que se percebeu que o liame social só se instaura por ancorar-se na maneira pela qual a linguagem se situa e se imprime, se situa sobre aquilo que formiga, isto é, o ser falante" (idem, p.74). É nesse seminário que Lacan toma a escrita como um discurso, o que faz todo sentido para a presente tese, pois o significado para ele, "não tem nada a ver com os ouvidos, mas somente com a leitura, com a leitura do que se ouve do significante. O significado não é aquilo que se ouve. O que se ouve é significante. O significado é efeito do significante" (idem, p. 47).

Capítulo III

O lugar de Fliess na invenção da psicanálise

**No umbral do privado para o público,
uma fenda que se abre**

Considerando a natureza muito íntima de nosso relacionamento, é claro que essas cartas versam sobre tudo e nada, sobre questões fatuais e pessoais. As questões fatuais dizem respeito a todas as pistas e pistas falsas ligados ao nascimento da análise, e desse modo, são também bastante pessoais.

*[...]
Cordialmente,
Freud¹³⁶*

Neste capítulo recorreremos aos dizeres de Freud que salpicaram suas manifestações a outros colegas, além dos expressos diretamente a Fliess, para colhermos sinais indicativos do lugar de Fliess para Freud. Partimos também dos efeitos do ressurgimento das cartas para Freud para daí nos estender a outras manifestações suas, dispersas na cronologia do tempo e das “condições subjetivas” dos ouvidos a quem ele confienciava depois de Fliess. O objetivo é aprofundarmos a busca do que consiste a necessidade do lugar de Fliess para o nascimento da psicanálise. Para tanto nos apoiamos no próprio Freud, em Lacan e seguidores.

As cartas de Freud e Fliess ressurgem do esquecimento e fora da estrita relação entre ambos em dois momentos. O primeiro, pelas mãos de Ida Fliess, após a morte de Fliess em 1928, que escreve a Freud pedindo as cartas de Fliess que estariam em poder do ex-amigo. O segundo momento é dado por Marie Bonaparte, em fins de 1935, comunicando a Freud que um livreiro de Berlim lhe havia oferecido para que comprasse o conjunto das cartas de Freud a Fliess. Estas haviam sido vendidas a ele pela família de Fliess, com a condição expressa de que não fossem vendidas a Freud – a venda fora forçada pela urgência da fuga da família Fliess devido à perseguição nazista.

¹³⁶ Carta de Freud a M. Bonaparte, de 10.01.1937, referindo-se às cartas a Fliess que ela acabara de adquirir do livreiro a quem a família Fliess vendera ao fugirem da Alemanha nazista (Masson 1986, p. 9) (texto sem cabeçalho na fonte original).

O ressurgimento do conjunto das cartas de Freud a Fliess, em 1935, pelos préstimos de Marie Bonaparte, trouxe à cena a correspondência “esquecida”, e foi acompanhado de grande aborrecimento por parte de Freud; seu desejo foi o de queimar as cartas que sobraram da intensa amizade e turbulenta separação. As cartas de Fliess a Freud, por sua vez, já haviam sido incineradas muito antes. Transformar em cinzas as “provas” materiais de um vivido já se mostrara, em outra época, um destino para aquilo que Freud queria apagar, deixar para trás. Ele queimou cartas e documentos em 1895, ao decidir abraçar a clínica médica em vez da carreira de pesquisador. Quando Minna, sua futura cunhada, perdeu seu noivo, Freud aconselhou-a a queimar todas as suas cartas: “Aconselho-a a queimar suas cartas enquanto ainda é inverno, desanuviar o espírito de tudo e pensar na longa vida que ainda temos pela frente e nas coisas maravilhosas e extraordinárias que ainda podem acontecer a nosso círculo” (Carta de Freud a Minna 7 de fevereiro de 1886 – Rodrigué 1995, I, p. 170). Em ambos os casos era um modo de seguir à frente, de fechar uma porta que prendia ao passado para abrir-se para o futuro.

O mesmo desejo de queimar o passado não deve ser, todavia, tomado por sua aparência: a especificidade do seu desejo em relação às cartas a Fliess fica obscurecida se o tomarmos como parte de uma idiossincrasia do inventor da psicanálise. Nossa suposição é a de que o desejo expresso de Freud de destruir as cartas de Fliess ilumina o seu contrário, isto é, o fulgurante lugar ocupado por Fliess na origem da psicanálise. Este desejo de destruição das cartas a Fliess nos parece mais complexo do que aquele que manifestara em 1885, no qual a queima vem como um modo de selar o que já passou ou deve passar para dar lugar ao que vem. Vejamos, em detalhe, como os acontecimentos relativos ao reaparecimento das cartas a Fliess nos permitem entrever as diferenças radicais entre as duas manifestações de Freud em 1885 (supostamente também em 1886 em relação sua cunhada) e em 1928. Nosso interesse é, por um lado, descolar da imaginarização de que a queima de cartas e documentos fosse uma idiossincrasia do inventor da psicanálise pelo fato de que ele assim o ter feito em alguns

momentos de sua vida¹³⁷. Por outro lado, pretendemos tomar o desejo de Freud como indicador do desconcerto dele frente à ameaça de aparecimento público da cena íntima da invenção da psicanálise, pois diz ele a sua amiga Marie Bonaparte: “a questão da correspondência com Fliess afetou-me profundamente. [...] nossa correspondência foi a mais íntima que você possa imaginar. Seria altamente embaraçoso que viesse a cair nas mãos de estranhos”.¹³⁸

Vamos reconstituir a cena desse reaparecimento das cartas a Fliess.

A 6 de dezembro de 1928, pouco tempo após a morte de Fliess, a viúva Ida entra em contato com Freud por carta, solicitando-lhe a correspondência de seu marido endereçada a Freud “antes que as relações se turvassem” (Masson 1986, p. 5). A esse tempo, Freud já era distinguido como fundador de um novo saber, com seus trabalhos já reconhecidos internacionalmente, até mesmo com traduções para o inglês e o espanhol. Ida Fliess pede a Freud que conceda as cartas de Fliess, justificando-se com indisfarçada arrogância: “pois sou eu quem tem o mais profundo interesse nelas. Não as quero para nenhuma outra finalidade”. E acrescenta, curiosamente: “Se isso não for possível, será que poderia ao menos emprestá-las a mim por um breve período?” (idem).

O que faria Ida com as cartas “por um breve período”? Estaria apenas recolhendo as cartas como sinais de vida deixados por seu marido recentemente falecido? Copiaria as cartas? Haveria algum interesse econômico? Mas, por que reivindicar a partir do lugar de esposa – ainda que apenas diplomaticamente excludente no “pois sou eu” –, quando, ao mesmo tempo em que demarcava prerrogativas, assegurava a Freud que não teria para com elas “nenhuma outra finalidade” senão, completamos nós, seu mais puro e “desinteressado” interesse? Ao mestre da negativa, uma negativa! Curiosidade feminina imiscuindo-se naquilo de que fora excluída? Por que o desejo de ao “menos” reter em suas mãos justamente essa relação que ela própria tanto hostilizara? Tratar-se-ia da rival que, então viúva, autorizava-se a reivindicar seu lugar de exclusividade nesse espólio: “pois sou eu quem tem o mais profundo interesse nelas”? (Masson 1986, p. 5).

¹³⁷ Ideia veiculada especialmente pela biografia escrita por E. Jones.

¹³⁸ Carta a Marie Bonaparte de 03.01.1937. Masson 1986, p. 7.

Antecipando o uso que faria das cartas de Freud a seu marido, desejaria ela fazer, com exclusividade, o mesmo uso das de seu marido para Freud ?

Como um fantasma, Ida surge para reclamar de Freud seu lugar. O marido morrerá, supõe que cabia-lhe então proceder à reunião de seus bens. Mas, mais ainda, parece que com a carta ela afirma “mais uma vez” seu lugar exclusivo de esposa. Ida já fora identificada por Freud como alguém que, incentivada por Breuer, se opunha à amizade entre ambos os amigos, “numa compulsão atroz”, como diz Freud na carta endereçada a Fliess de Thumsee.¹³⁹ Mas agora Ida vem justamente retomar seu lugar de direito: estando morto o marido, reivindica seu lugar privilegiado de única a ter interesse (e direito!) ao espólio do marido.

Ainda em 1928, poucos dias depois do recebimento da primeira carta da viúva de Fliess, Freud lhe responde, amavelmente, mas manifestando alguma preocupação com a publicação:

Prezada senhora,
Apresso-me a responder a sua carta, embora não possa, no
momento, comunicar-lhe nada de decisivo acerca do atendimento de
seu pedido. Minha memória me diz que destruí a maior parte de nossa
correspondência em algum momento após 1904. Mas persiste a
possibilidade de que um número seletivo de cartas tenha sido
preservado e venha a aparecer, após uma busca cuidadosa nos
apostos em que tenho morado nos últimos trinta e sete anos. Rogo-
lhe, portanto, que me conceda algum tempo, até depois do Natal. O
que quer que eu venha a encontrar estará a sua disposição,
incondicionalmente. Naturalmente, ficaria satisfeito em saber que
minhas cartas a seu marido, que foi por tantos anos meu amigo
íntimo, tiveram um destino que lhes garanta proteção contra qualquer
utilização futura. Em vista das circunstâncias, expresso
humildemente minha solidariedade.
Atenciosamente,
*Freud*¹⁴⁰

Reconhecendo o caráter íntimo e duradouro da amizade com Fliess, Freud responde a Ida de modo simpático, mas sem deixar de fazer referência ao término definitivo da correspondência, no ano de 1904. O momento marcado por Freud

¹³⁹ Carta de 7.8.1901. Masson 1986, p. 448. Essa carta será melhor analisada mais adiante.

¹⁴⁰ Carta de 17.23.1928. Masson, 1986, pp. 5-6.

para seu gesto de destruição das cartas é aquele em que Fliess o interroga sobre o uso, por um de seus pacientes, de sua ideia sobre a bissexualidade. Na carta a Ida, Freud não se refere, porém, à publicação das cartas, feita pelo próprio Fliess em 1906¹⁴¹ momento em que se tornou pública a acusação, por parte de Fliess, de favorecimento de plágio praticado por Freud. Será um ato falho a serviço de um silêncio protetor em relação ao ex-amigo? Ou é apenas a indicação de que, quando a acusação de plágio sobreveio, Fliess já havia desaparecido há muito de sua vida? Porge, em *Roubo de ideias?* (1998b, p. 71), aponta a data de 1906 para a destruição total das cartas de Fliess a Freud atribuindo tal gesto ao uso público que Fliess fez delas. Tal disparidade de datas, Freud disse que era em 1904, torna ainda mais intrigante o momento em que Freud considerou o sepultamento de sua história com Fliess, da qual a correspondência era a prova, o testemunho material da relação.

Chama ainda a atenção a enigmática afirmação de Freud que especifica o número de anos residindo na mesma moradia: quem é que mudou de endereço? – Freud não foi.

Note-se que é na troca de cartas com Ida Fliess, momento em que a existência dessa correspondência retorna pela primeira vez de modo consistente e fora da cena com Fliess, que Freud insiste que não gostaria de vê-las em mãos alheias. Diante da fratura na barreira do esquecimento, Freud teme pelo vazamento de sua intimidade, mas titubeia e deixa um resto de esperança: algo dessa relação poderia, sim, ter escapado do banimento e ter sido preservado. E então diz ele à viúva: devem ter restado algumas, “um número seletivo de cartas”. Qual seria, para Freud, esse conjunto seletivo de cartas do ex-amigo que resistira à destruição? Resquício de uma lembrança que, por ter ardido em outro fogo, não poderia mesmo ter sido totalmente apagada?

¹⁴¹ Em janeiro de 1906, Richard Pfennig, funcionário da Biblioteca Real de Berlim e conhecedor de assuntos de plágio científico, fez circular um panfleto intitulado *Wilhelm Fliess e seus descobridores imitadores Otto Weininger e Hermann Swoboda*, ao mesmo tempo em que Fliess publicava seu livro e anexo acusatório: *O curso da vida e Em minha causa própria*, respectivamente (Porge 1998a p. 80). Nesse anexo Fliess retoma as acusações de Pfennig, acompanhadas da reprodução das cartas, já publicadas por Pfennig, com diferenças mínimas de citação. O assunto frequentou os meios sociais por todo o ano de 1906. Para maiores detalhes sobre o assunto vale a pena recorrer ao acima citado livro de Porge.

Chama a atenção que Freud, curiosamente, não indague pelas suas cartas em poder dos Fliess, e nem reclame a restituição de sua parte, mesmo diante da ameaçadora possibilidade da publicação. Embora saibamos pela carta do filho de Fliess que os manuscritos e rascunhos de Fliess haviam sido solicitados pela *Preussische Staatsbibliothek* logo após sua morte¹⁴², Freud parece desconhecer o risco de que suas cartas pudessem, sim, vir a público. De fato, com o pedido de Ida, elas já se encontravam no limite do público. Por que Freud não as resgatou nesse momento? Acrescente-se que Freud estava tratando diretamente com a “bruxa”¹⁴³ que por tanto tempo não lhe fora simpática e, portanto, com alguém em cuja descrição não poderia confiar. É estranho esse “descuido” de não exigir as suas cartas, já que temia pelo extravio. Uma vez endereçadas, sempre endereçadas? Nada a ser restituído e, portanto, perdidas para a alienação ao Outro? Certamente Freud não desconhecia o valor dessas cartas – afinal, sua obra já havia obtido o reconhecimento do Prêmio Goethe. Podemos dizer que, dividido, Freud deixou as cartas com Ida Fliess, porque esse era o modo garantido de que viessem mesmo a público. Se as de Fliess, que estiveram em seu poder, foram queimadas por Freud, deixar com Ida suas próprias cartas foi a melhor maneira de preservá-las. Desse modo, de fato, o que Freud obteve foi a garantia de seu julgamento.

¹⁴² O destino tomado pelas cartas a partir da família Fliess pode ser acompanhado pela carta de 19.08.1949, escrita por Charles Fliess a seu irmão Robert, na qual relata os destinos da correspondência de Fliess à época seguinte à sua morte. A carta de Ida Fliess a Freud é contemporânea aos agenciamentos dos demais documentos e cartas após a morte de Fliess, os quais são relatados em carta entre os irmãos Fliess, muito tempo depois. Note-se que essa carta de Charles foi escrita às vésperas da primeira publicação selecionada das cartas de Freud a Fliess, em 1950, o que faz dela quase uma prestação de contas a Robert, o filho psicanalista de Fliess, do material que estava próximo a ser revelado ao público. Nessa carta-relatório há a clara indicação de que as cartas de Freud passariam necessariamente ao domínio público, sendo que o pedido disparador foi o da Biblioteca Nacional de Berlim. Foi, porém, no momento de triar os papéis de seu pai que, ao ler as cartas de Freud, Charles decidiu excluir algumas delas do conjunto, e estas, então, não foram enviadas à *Preussische Staatsbibliothek*. Em nota acrescentada por Porge, ficamos sabendo que as cartas separadas por Charles dizem respeito às cartas que foram publicadas por Pfennig e Fliess no processo de favorecimento de plágio movido contra Freud. Estas não faziam parte do conjunto que fora resgatado por Marie Bonaparte e encontravam-se na Biblioteca Hebraica de Jerusalém, levadas pela filha de Fliess (Porge 1998b, p. 100). Restaram 250 cartas e alguns rascunhos manuscritos curtos de Freud. Segundo anotações de Bonaparte, há quatro envelopes faltando o conteúdo.

¹⁴³ Foi Marie Bonaparte que a chamou de “bruxa”, por ter-se colocado contra a amizade entre Freud e seu marido (em Masson 1986, p. 9).

Vamos adiante.

Em 30 de dezembro de 1928, treze dias após a carta anterior enviada a Ida, Freud escreve novamente dizendo que não encontrara o que lhe era pedido, mas deixa uma esperança no ar, pois diz que também não encontrara outras cartas que tencionava conservar. Então, diz ele, era possível que ainda as encontrasse e, nesse caso, entraria em contato. Ida responde agradecendo e declara-se grata pelo “vislumbre de esperança de que possam ser encontradas” (Masson 1986, p. 6). Essa é a última carta trocada entre eles.

Ao fim da década de 1920, então, a questão das cartas fica inconclusa. A parte não reclamada por Freud, suas próprias cartas, continuaria seu caminho de objeto de valor, efeito do interesse geral da obra de autor. Essa primeira ressurreição do fantasma de Fliess se deu, então, no âmbito ainda privado, mas no portal de passagem para o público. Curiosamente, como dissemos, as cartas de Freud enviadas a Fliess, em poder de Ida, não entraram em questão, protegidas por um estranho silêncio por parte de Freud. As cartas de Fliess a Freud foram, por fim, banidas da obra pela destruição material executada pelo próprio Freud. Uma vingança e tanto!

Em 1936, dadas as perseguições nazistas, a família Fliess resolve emigrar. Foi nessas condições que as cartas de Freud a Fliess foram vendidas a um livreiro.¹⁴⁴

O que importa aqui é que a intensa correspondência de Freud com seu amigo é tomada como documento singular. Tanto o caráter da amizade íntima quanto o desejo de apagamento estiveram presentes na passagem para o domínio público. Nesse momento, as cartas sofreram uma primeira triagem, abreviada pela urgência que os tempos exigiam. Na seleção realizada pelo filho de

¹⁴⁴ Transcrevo o trecho da carta de Charles Fliess ao irmão: “A partir de 1936, os tempos já não eram normais, e o negociante [com quem estava em contato para negociar a venda dos documentos do pai] recusou-se categoricamente a esperar. Disse ele que decorrido mais tempo, praticamente não teria mais nenhuma oportunidade de fazer as cartas chegarem ao exterior. Assim, simplesmente me certifiquei de que um certo maço de cartas não se encontrava entre os papéis que lhe remeti. Esse maço separado continha as cartas de Freud. Eu as havia encontrado e separado na ocasião em que fiz a triagem dos manuscritos de papai etc., tempos atrás” (Porge 1998b, p. 11).

Fliess juntavam-se às cartas alguns manuscritos de Freud, mas excluía-se as cartas que foram usadas na acusação de plágio. Assim foi-se constituindo e configurando o legado da obra de Freud, não sem consequências para a transmissão da psicanálise, especialmente no que toca ao enigma de sua origem.

Um único destino: o esquecimento

*Querido Wilhelm,
Penetra-se cada vez mais fundo nisso e se
chega a um ponto em que é preciso
interromper.
Seu, Sigm.¹⁴⁵*

A ciência, se a examinarmos de perto, não tem memória.
Ela esquece as peripécias em que nasceu uma vez
constituída, ou seja, uma dimensão de verdade, que é
exercida em alto grau pela psicanálise.
Jacques Lacan¹⁴⁶

Depois da reivindicação por parte da viúva Fliess, em 1928, as cartas reapareceram maciçamente para Freud em 1936, agora fora da intimidade. Em 30 de dezembro desse ano Marie Bonaparte informa por carta a Freud que um livreiro berlinense, o Sr. Stahl, oferecera à venda para ela 250 cartas e esboços teóricos manuscritos. Dias depois, em 3 de janeiro de 1937 Freud escreve:

*Minha cara Marie,
A questão da correspondência com Fliess afetou-me
profundamente. Depois da morte dele, a viúva pediu-me que
devolvesse suas cartas. Concordei incondicionalmente, mas não
consegui encontrá-las. Não sei, até hoje, se as destruí, ou se apenas
as escondi engenhosamente. [...] Nossa correspondência foi a mais
intima que você possa imaginar. Seria altamente embaraçoso que
viesse a cair nas mãos de estranhos. Assim, é uma extraordinária
obra de amor que você as tenha conseguido e livrado do perigo.
Lamento apenas a despesa que teve. Posso oferecer-me para dividir
metade do custo com você? Afinal, eu mesmo teria tido que*

¹⁴⁵ Carta de Freud a Fliess em 9.06.1899. Masson, 1986, p.355

¹⁴⁶ Lacan, A ciência e a verdade. *Escritos*, 1966, p. 884.

*comprar as cartas, caso o homem tivesse entrado em contato
comigo diretamente. Não quero que nenhuma delas seja conhecida
pela chamada posteridade.*

*Mais uma vez, um sincero agradecimento de seu,
Freud.¹⁴⁷*

Em 10 de fevereiro de 1937¹⁴⁸ Marie Bonaparte relata que adquiriu as cartas. Freud ficou muito perturbado. Ofereceu-se para dividir com ela as despesas da compra, mas, ao mesmo tempo, em contato pessoal no início de março de 1937, manifestou o desejo de queimá-las. Segundo o biógrafo Jones, Marie Bonaparte fez um trabalho firme e cuidadoso de convencê-lo do valor das cartas e de assegurar que seriam guardadas e publicadas mais tarde,¹⁴⁹ livrando a ele e à família de possível constrangimento.

Freud manifestou claramente o quanto ficou perturbado com o retorno da correspondência com Fliess, agora já francamente na circulação de objetos com valor de mercado: 12.000 francos. Novamente, entra em jogo para Freud a questão da conservação das cartas de Fliess: diz não se lembrar se as destruiu ou se as escondeu “engenhosamente”, e esclarece para sua boa amiga que não quer, de modo algum, que *nenhuma* de suas cartas seja conhecida pela “chamada posteridade”. Nada a legar com as cartas, antes um amor decaído que tem que ser salgado até a destruição?

Apenas quatro dias depois da data da carta acima, Marie Bonaparte responde de Paris: tranquiliza Freud e mostra respeito por suas preocupações,

¹⁴⁷ Masson 1986, p. 7.

¹⁴⁸ Lembremos o quanto o clima de perseguição e censura já reinava na Alemanha de Hitler. A Áustria, por sua vez, foi ocupada pelas tropas nazistas em 11 de março de 1938, e só então Freud aceitou deixar Viena rumo à Inglaterra.

¹⁴⁹ Strachey chama, estranhamente, os agenciamentos para obtenção e preservação das cartas a Fliess em tempos de domínio nazista de: “a história melodramática de sua descoberta e do seu salvamento”. Strachey reconhece que “nossa dívida principal é para com a Princesa Marie Bonaparte, que não só adquiriu os documentos em primeira mão, como teve a extraordinária coragem de resistir aos intentos do autor deles, e seu mestre, de destruí-los”. Por que estabelecer aqui, nesse episódio, a quem cabe nossa dívida principal? Lembremo-nos, porém, de que o primeiro relato do aparecimento e guarda das cartas encontra-se na biografia de Jones. Haverá aí uma crítica ao relato de Jones? Strachey parece querer estabelecer que a honra cabe a quem atuou no salvamento das cartas e não a quem “melodramaticamente” relatou. Será que há nisso o vazamento de alguma das rivalidades institucionais?

mas não lhe é totalmente submissa e argumenta a favor da preservação das cartas. Vejamos abaixo, em suas palavras:

O Sr. Stahl acaba de chegar e de me entregar a primeira parte dos papeis de Fliess: ensaios científicos que estavam dispersos ao longo de suas cartas, que ele selecionou separadamente e reuniu. Quanto ao resto, as cartas propriamente ditas, que somam cerca de 200 a 250, elas ainda estão na Alemanha. [Sr. Stahl] pretende fazer com que alguém as traga a Paris dentro de poucas semanas. As cartas e manuscritos foram-me oferecidos sob a condição de que eu nunca os venda, direta ou indiretamente, à família Freud, pois se teme que esse material, tão importante para a história da psicanálise, seja destruído. Essa não seria uma razão definitiva para eu não discutir o assunto com você. Apesar disso, você não há de ficar surpreso, já que conhece meus sentimentos e ideias a respeito, com o fato de eu ter, pessoalmente, uma imensa aversão à destruição de suas cartas e manuscritos. [...]

Minha ideia é a seguinte: adquirir as cartas, para que não sejam publicadas por qualquer pessoa, e conservá-las por alguns anos, por exemplo, numa biblioteca nacional [...] com a estipulação de que não sejam examinadas durante oitenta ou cem anos após a sua morte. Quem poderia então ser prejudicado, mesmo em sua própria família, caso haja alguma coisa nas cartas? Além disso, não sei o que há nas cartas. Não lerei suas cartas se esse é seu desejo – nada em absoluto. Só dei uma olhadela numa carta, que acompanhava um dos ensaios; não havia nela nada de muito comprometedor! Você se lembra, passado tanto tempo, do que há nessas cartas? Afinal, chegou até a esquecer se destruiu as cartas de Fliess ou se as escondeu [...] O rompimento dessa amizade deve ter sido muito penoso.

Você provavelmente falava com muita liberdade sobre muitas pessoas, até sobre sua família [...] possivelmente, disse muitas coisas [também] sobre você mesmo.[...]

Eu o amo [...] e reverencio, e foi por isso que lhe escrevi da maneira como fiz.

Marie

*PS: Quero adquirir as cartas sozinha. Isso nos permitirá conversar mais livremente sobre elas.*¹⁵⁰

Como analisanda, amiga e discípula estimada do mestre, Marie Bonaparte resiste aos apelos de Freud e reconhece o interesse documental para a história da psicanálise naquilo que até então era do âmbito puramente privado. Segundo ela, nem mesmo o mestre seria capaz de avaliar o que de tão indiscreto conteriam aqueles papéis, já que ele não se lembrava que fim havia dado à sua parte da correspondência. A Marie psicanalista sabe das trapagens da memória. Para ela, os cuidados de Freud talvez não passassem de mágoa ressentida. Faz-se então de surda ao que Freud desejava ver calado. Sua posição foi: a correspondência de Freud deve fazer parte do repasto da comunidade psicanalítica; não pode ser propriedade particular de Freud, pois pertence à obra do autor.¹⁵¹ Marie Bonaparte agiu mesmo como segunda geração. As dores da escrita, as câimbras do escritor, as decepções e mágoas não eram suas.

As tentativas de Freud para colocar fim às cartas são, porém, persistentes. Ele insiste, e para isso “esclarece” a sua amiga, nas cartas abaixo, que o que aparece como um descaminho da teorização é também da ordem do íntimo, do pessoal; não é próprio ao domínio público.

É preciso, todavia, tomar cuidado para não interpretarmos rapidamente a resistência mostrada por Freud. Saberíamos o próprio Freud dizer em que se fundava essa resistência? Todos os meandros percorridos pelo presente trabalho no que diz respeito ao aparecimento das cartas a Fliess encontram no desconforto de Freud a sua base. Continuemos.

Em resposta à carta de 7 de janeiro de 1937, segue a carta de Freud, bastante apreensiva, de 10 de janeiro de 1937:

É decepcionante que minhas cartas a Fliess ainda não estejam em suas mãos, permanecendo ainda em Berlim. [...] Contudo, fico dizendo a mim mesmo que, daqui a oitenta ou cem anos, o interesse

¹⁵⁰ Masson, 1986, p. 8. Note-se que nem sempre consta o cabeçalho dessas cartas paralelas às de Freud a Fliess na fonte de consulta.

¹⁵¹ Lembremo-nos de que mais tarde Marie participou, juntamente com A. Freud e E. Kris, da seleção e publicação das cartas a Fliess.

no conteúdo dessa correspondência será marcadamente menor do que é hoje.

Naturalmente, ficarei satisfeito se você não ler as cartas, mas não deve supor que elas consistam apenas em graves indiscrições.

Considerando a natureza muito íntima de nosso relacionamento, é claro que essas cartas versam sobre tudo e nada, sobre questões factuais e pessoais. As questões factuais dizem respeito a todos os palpites e pistas falsas ligados ao nascimento da análise e, desse modo, são também pessoais. Por essas razões, eu ficaria contente em saber que o material está em seu poder.

Aceito e agradeço sua oferta de vir a Viena em março, mesmo que seja apenas por alguns dias.

Cordialmente,

Freud¹⁵²

A previsão estava errada. Hoje, decorridos mais de 70 anos¹⁵³ da data do reaparecimento da correspondência, o interesse por ela nunca esteve tão ativo! Freud, desconcertado, tentou esvaziar o interesse por suas cartas a Fliess: não há “graves indiscrições”, disse ele. O que era da ordem do pessoal, do íntimo, não estava nas indiscrições, pois o “tudo” de que se falava nas cartas era também, para Freud, “nada”. E meio atrapalhadamente, tentou embaralhar a importância das cartas dizendo que o que seria de interesse público era, na verdade, da ordem do pessoal e, portanto, de pouca importância. Mas, com isso, Freud aguçou para nós a importância do material; nessa tentativa de esconder o sol, Freud parece chamar mais a atenção sobre o que *não* devia ser lido por sua discípula-analisante e todos nós. Todavia, outro viés de leitura se torna também possível pelos despistes de Freud: o que não podia ser transposto dos bastidores e apresentado ao público dizia respeito a algo que era de outra ordem do íntimo. Mais além das indiscrições, havia ainda um “tudo e nada” indescritível, sem poder ganhar palavras.

A condição fundamental da fabricação da teoria em psicanálise revela-se nessas palavras de Freud, mas de um modo que ele mesmo não podia dizê-las

¹⁵² Masson 1986, p. 8 (sem cabeçalho na fonte original).

¹⁵³ As obras de Freud passarão ao domínio público em 2010, e isso explica, em parte, a corrida às publicações.

completamente. Dizer dos “palpites e pistas falsas” é dizer de certa intimidade, é dizer do que ainda estava em processo de constituição, ou seja, tratava-se dos efeitos do funcionamento do “nascimento da análise” em operação. Ato de extremo desnudamento, talvez mais assombroso do que as indiscrições corriqueiras ali contidas: os descaminhos do trabalho eram seu estilo visto em outra cena, uma vez que para Freud aqueles caminhos eram “também pessoais”.

É preciso colher mais indícios que fortaleçam essa nossa leitura. Prossigamos.

Na carta de 28 de maio de 1899,¹⁵⁴ por exemplo, ao término da escrita de *A interpretação dos sonhos* (1900), Freud falou de algo desse íntimo, sem dizê-lo completamente. Ao tomar posição frente às indiscrições contidas no material de seus sonhos, Freud revela a Fliess que, a respeito do “livro dos sonhos”, decidira que não poderia usar nenhum disfarce, nem abrir mão de coisa alguma, pois isso significaria guardar só para si a sua melhor descoberta,¹⁵⁵ e mais adiante, na mesma carta, avalia seu produto: “nenhum outro de meus trabalhos foi tão completamente meu, meu próprio monte de esterco, minha muda e uma *nova species mihi* em cima dele.”¹⁵⁶ Essas são, sem dúvida, expressões de um Freud que, tendo dissecado seus sonhos com o bisturi da escrita, tomou posição em relação à sua invenção, e em seguida contemplou o efeito de seu risco. Quase como que assinando a escritura de um bem, efeito de seu compromisso ético entre si mesmo e a comunidade dos humanos, constatou sua transformação visceral: um dejetos e, sobre ele, uma nova muda e a si mesmo como outro. Foi na escrita e com a escrita, mais uma vez, que esse efeito se mostrou.

O que Freud fazia, então, ao teorizar? Como dizer desse pudor diante das cartas prestes a reaparecerem depois de tantos anos soterradas no aparente

¹⁵⁴ Masson 1986, p. 354.

¹⁵⁵ “Decidi que não posso usar nenhum dos disfarces, nem dar-me ao luxo de abrir mão de coisa alguma, pois não sou rico o bastante para guardar só para mim minha melhor descoberta e, provavelmente, a única duradoura”. (28 de maio de 1899, Masson 1986, p. 354).

¹⁵⁶ Tradução modificada: esse trecho é uma escolha de tradução nossa, pois a tradução de V. Ribeiro é: “meu próprio monte de esterco, meu arbusto, e ainda por cima, uma ‘*nova species mihi*’. O inglês original é: “[M]y own dung heap, my seedling and a ‘nova species mihi’ on the top of it, (Masson 3a edição 1995, p. 353). A escolha de Ribeiro por “e ainda por cima” para “on the top of it” me pareceu confundir e não favorecer o sentido de que sobre o esterco estava a muda (a psicanálise) e ele mesmo.

esquecimento? Seriam mesmo os descaminhos dos “palpites e pistas falsas” os motivos para querê-las interditadas? Ou seria devido à sua própria transferência a Fliess, que vibra ainda hoje à leitura das cartas, essa sim, um grande palpite em falso, à vista do qual Freud tanto se constrangeu? Donde teria vindo esse súbito pudor de Freud quando ele tantas vezes admitiu suas próprias dúvidas e dificuldades em teorizar sobre um objeto que não se deixava apreender e que tanto exigia de seu caçador? Os termos usados para designar o que seriam as formulações “pessoais”, os “palpites” e as “pistas falsas” recobrem, certamente, muito mais do que dizem. A resposta para tal pudor deverá, então, ser buscada em outro lugar, menos óbvio. Voltaremos a ele.

Para não perder o fio do desenvolvimento de nosso tema, ainda vale a pena mencionarmos o comentário de Marie Bonaparte sobre os acontecimentos acima relatados, quando a correspondência íntima retornou em 1937, já se delineando seu destino público. Em seu caderno de anotações encontrado na escrivaninha de Freud, na casa de Anna Freud, em 1978, há os seguintes comentários, conforme nos relata Masson na *Introdução* da sua edição das cartas:

Freud, quando lhe informei de Paris que Ida Fliess tinha vendido suas cartas e que eu as havia comprado de Reinhold Stahl, ficou muito comovido. Julgou esse ato como sendo altamente inamistoso por parte da viúva de Fliess. Ficou contente em saber que, pelo menos, as cartas estavam em minhas mãos, em vez de terem sido enviadas para algum lugar na América, onde sem dúvida seriam publicadas de imediato. [...] Ida Fliess estava decidida a não permitir que as cartas chegassem às mãos de Freud. [...] Escrevi a Freud, pedindo permissão para lê-las. A princípio ele escreveu dizendo preferir que eu não as lesse. Mas quando, mais tarde, no final de fevereiro ou início de março de 1937, encontrei-o em Viena e ele me disse querer que as cartas fossem queimadas, recusei-me a fazê-lo. Pedi para lê-las, a fim de poder julgar seu conteúdo, e Freud concordou. Certo dia disse-me: “Espero ter convencido você a destruí-las”. Martin e Anna [dois filhos de Freud] acham, tal como eu, que as cartas devem ser preservadas e publicadas posteriormente. Freud estava [...] interessado na carta Thumsee que eu lhe havia mostrado antes e disse que era uma carta muito importante [a datada de 7 de agosto de 1901].¹⁵⁷ Vou mostrar-lhe outras cartas selecionadas. Ele me

¹⁵⁷ Esta é a carta a Fliess em que Freud reconhece que ambos estão distanciados e que pronuncia o conhecido: “Se é isso o que pensa de mim, jogue meu *Cotidiano* na cesta de papéis sem mesmo

fez ver que algumas cartas estavam faltando: quase todas as que se referiam ao rompimento com Fliess¹⁵⁸ [...] e uma sobre um sonho relacionado com Martha Freud. Além disso, quatro envelopes estão vazios (Masson 1986, pp. 9 e 10).

Note-se que o trecho final das anotações de Marie Bonaparte é particularmente tenso, pois fala do incômodo de Freud frente ao reaparecimento das cartas e também das falhas nesse conjunto. Ele transmite bem a vacilação de Freud frente ao importante material. O inventor da psicanálise sabia que as cartas se inscreviam no contexto do nascimento da psicanálise, mas, apesar disso, seu incômodo direcionava para que fossem destruídas e, portanto, de que não fizessem parte “oficial” daquele contexto. A entrada nesse camarim da cena da teorização não deveria ser franqueada ao público. Mas, incongruentemente, Freud, que não reclamara suas cartas a Ida Fliess em 1928, permitiu, assim, que as suas cartas fossem destinadas a esse mesmo público cuja entrada ele parecia querer barrar. Foi somente pelas mãos de outros, os da segunda geração, que se pôde abrir essa passagem: um estreito entreabrir de cortinas, pois que só passaram sob a condição de importante censura.¹⁵⁹

O inventário das cartas apresentado no relato de Marie Bonaparte indicava ainda as cartas que Freud julgava importantes, referidas às condições do fim da amizade, como a de 7 de agosto de 1901; havia também a falta das que se haviam tornado peças da acusação de favorecimento ao plágio a Fliess, e há uma

lê-lo. Ele está repleto de referências a você – manifestas, para as quais você forneceu o material, e ocultas, cuja motivação remonta a você. À parte qualquer outra coisa que possa restar do conteúdo, você pode encará-lo como um testemunho do papel que você desempenhou para mim até agora. [...] Não compartilho de seu desdém pela amizade entre os homens, provavelmente porque sou adepto dela em grau elevado. Em minha vida, como você sabe, a mulher nunca substituiu o companheiro, o amigo [já citado]”. Há nessa carta quatro parágrafos que se encadeiam tratando de relações de amizade comuns a ambos, e de parentesco, e está no item de “assuntos sérios” a serem tratados ali, conforme antecipava Freud na introdução da carta. A expressão acima é o terceiro assunto tratado na carta e, curiosamente, imediatamente seguinte ao que se refere a Ida, uma proximidade temporal que fala da proximidade inconsciente dos temas ali ventilados. Enredam-se assim, atravessados pelo fio da psicanálise: Breuer, Ida, Fliess e Freud. Essa carta e a seguinte são cheias de elementos em que se mostram os fios rompidos e os que ainda, supostamente, sustentam a amizade.

¹⁵⁸ Justamente aquelas retiradas por Charles Fliess, conforme este mesmo informa a seu irmão anos mais tarde.

¹⁵⁹ O Anexo II desse trabalho expõe o quanto difere a primeira publicação, censurada, da atual. A tabela baseia-se no original alemão: Freud, S. *Briefe an Wilhelm Fliess, 1887-1904, Vollständige Ausgabe*, Herausgegeben von Jeffrey Moussaieff Masson; Bearbeitung der deutschen Fassung von Michael Schröter; transcription von Gerhard Fichtner, S. Fischer Verlag, Frankfurt. 1985.

que é tida como representativa da influência de Fliess sobre o texto de *A interpretação dos sonhos*.¹⁶⁰ Sobre esta última, Masson escreve em sua *Introdução* que:

A carta referente ao sonho com Martha é uma espécie de mistério e nunca foi localizada. Provavelmente, diz o editor da publicação em inglês, é o sonho que descreve o “sonho perdido”, o sonho que Fliess convenceu Freud a retirar de *A interpretação dos sonhos* e que frequentemente é citado nas cartas subsequentes [à da retirada] (Masson 1986, p. 10).

Há lacunas identificáveis, que marcam essa escrita dramática do início da psicanálise, e que tornam as cartas um conjunto incompleto do ponto de vista material. Mas, há mais: as cartas atravessaram o espaço cênico como um resto da intensa relação transferencial entre Freud e Fliess, a qual é coadjuvante essencial do nascimento da psicanálise – e esse é seu alto valor, embora de difícil determinação. Não constituem um conjunto materialmente completo, mas sua força de transmissão está mesmo nos buracos de sua incompletude e também nas pulsantes expressões de Freud, cujos efeitos são os de fazer-nos insistir na sua leitura.

Em síntese, se reproduzi toda a extensão desse relato de Marie Bonaparte é porque ele permite acompanhar algo do titubeio de Freud ao se defrontar com a possibilidade da passagem dos escritos endereçados a seu amigo íntimo para o público anônimo. Neste caso, importa pouco o estrito conteúdo das cartas, pois a vacilação faz saltar de modo vívido a posição de Freud frente a algo impossível de colocar em palavras. Se a recalcitrância de Freud era a de franquear as cartas ao

¹⁶⁰ As provas para a impressão de *A interpretação dos sonhos* eram enviadas a Fliess para serem comentadas, completadas em sua bibliografia e corrigidas pelo amigo. Ao contrário do que sugere Porge (1998a, p. 45), foi Fliess quem se ofereceu para tal trabalho, como se pode entrever na carta de 22.07.1899, na qual Freud diz: “Agora não entendo o que você quer ver, e quando. Devo mandar-lhe esse primeiro capítulo? Você estaria assumindo um enorme encargo, sem nenhum prazer, se ainda se preocupasse com isso. [...] A confiança que você expressa me é sempre extremamente benéfica e tem tido efeito estimulante há muito tempo” (Masson 1986, p. 363). Fliess fez muitas interferências no texto, censurando-o em diversos momentos. É na carta de 20.08.1899 que Freud menciona um dos sinais mais expressivos da influência de Fliess sobre seu texto, como se vê a seguir: “Estou bem adiantado no capítulo sobre “o trabalho do sonho” e substituí – com vantagem, penso – o sonho inteiro que você cortou por uma pequena coletânea de fragmentos de sonhos” (Masson 1986, p. 368).

público – as cartas não são tão importantes assim, além do mais, faltam cartas relevantes, parecia dizer ele, reforçando a desimportância – , isso foi ignorado pela geração que sucedeu à sua morte. É ela que rouba o fogo da amizade e o passa adiante, mesmo que depois tenha demonstrado que não sabia bem o que fazer com ele, uma vez que sob o impacto de sua incandescência, resolveu por censurá-la a “bem da ciência”. Mas aí já era outra história. Para Freud, o desconforto com o reaparecimento do que estava sob o tapete, os ajuizamentos falsos contidos nas cartas e rascunhos, como dizia ele, remetiam certamente a condições muito delicadas. Era o próprio processo de ajuizamento contido na teorização que estava em jogo. O pudor de Freud frente ao que arriscara afirmar deve ser tomado em sua dimensão primária.

Em a *Negação* (1925), Freud aponta que “o estudo do juízo abre, talvez pela primeira vez, a compreensão da origem da função intelectual, a partir do jogo das moções pulsionais primárias”. O julgar, diz ele,

é o prosseguimento coerente daquilo que originariamente é realizado pelo princípio de prazer: a inclusão no ego ou a expulsão fora dele. Sua polaridade parece corresponder à oposição existente entre os dois grupos de pulsões supostos por nós. A afirmação como substituto da união pertence a Eros; a negação, sucessora da expulsão, à pulsão de destruição (Freud 1925, p. 131).¹⁶¹

Podemos dizer que a escrita mobiliza essa função de ajuizamento, e opera, portanto, a partir dos dois grupos de pulsões, uma vez que está sob a égide de Eros, união, e Tânatos, expulsão e destruição. O julgar acontece em continuidade com a realização do princípio de prazer e opera por substituições das pulsões primárias. Para Freud, o funcionamento do modelo dicotômico do pensamento intelectual advém da possibilidade de haver substituições: a afirmação decorre de uma substituição à união, e a negação substitui a destruição. Uma realiza a inclusão no ego, e a outra, a expulsão para fora dele. A oposição entre objetivo e subjetivo não existe desde sempre, diz Freud, ela só se estabelece “pelo fato de que o pensamento tem a capacidade de tornar presente uma coisa já percebida, graças à reprodução na representação, sem que o objeto exterior precise mais

¹⁶¹ Freud, S. *A negação* (1925), em Carone, M.: “A negação”: um claro enigma de Freud, em www.fflch.usp.br/df/site/publicacoes/discurso, p 125-132.

existir” (Carone, p. 130). É a simbolização que está no coração da negação/afirmação.

Mas onde estaria, nessas operações, o lugar de Fliess, tema desta tese? Freud não faz qualquer referência direta ao outro como uma condição necessária a tais operações! Todavia, notemos, todos os exemplos de acontecimento da negação são de sua clínica, e neles há um sujeito que nega, em transferência. Para afirmarmos o lugar de Fliess como necessário, a referência a Lacan se impõe, uma vez que, ao fazer o retorno ao texto de Freud, é o psicanalista francês que vai iluminá-lo com sua aporia: o inconsciente é estruturado como uma linguagem, a partir da qual o lugar do outro/Outro é dado estruturalmente.

Retomemos o garimpo dos dizeres que permitirão que nos aproximemos com mais detalhe dos ditos que podem organizar a resposta à pergunta desta tese. Para tal, recolhemos os dizeres de Freud dispersos ao largo de cartas e marcas do tempo; dizeres que são tratados nessa tese como pistas que podem nos ajudar a falar melhor da relação Freud e Fliess na invenção da psicanálise.

Fliess dito por Freud a outros

*Querido Wilhelm,
[...]
Não podemos prescindir das pessoas que
tem a coragem de pensar coisas novas antes
de poderem demonstrá-las. [...]
Seu Sigm.¹⁶²*

Entre o término da correspondência amigável com Fliess, em 1900, e o aparecimento das suas cartas como um bloco, em 1936, Freud já havia confiado, fragmentariamente, a colegas mais próximos, sobre a sua marcante amizade com Fliess.¹⁶³ Uma dessas expressões mais importantes e enigmáticas está na carta a

¹⁶² Carta de Freud a Fliess de 8.12.1895. Masson 1986, p. 156.

¹⁶³ A acusação de Fliess contra Freud eclodira em 1906, apenas quatro anos antes da carta a Ferenczi que segue. Antes disso, sabemos que da rala franja da correspondência amistosa sobrava pouco já em 1899 e 1900. Depois dessa data, Fliess escreveria ainda a Freud, mas seria

Sándor Ferenczi, de 10 de outubro de 1910, abundantemente citada pelos estudiosos. Esta carta foi a resposta de Freud a uma queixa de seu estimado amigo húngaro, também psicanalista. Ferenczi reclamava de que Freud não fora suficientemente próximo a ele, pois deixara de revelar seus segredos mais íntimos durante a recente viagem de férias que haviam feito à Sicília. Ferenczi atribuía a reserva de Freud à desconfiança para com os amigos; desconfiança que supunha ser alimentada pela forte decepção do mestre para com seu ex-amigo Fliess. Lembremos que nessa data já ocorrera, dentre inúmeros dissabores íntimos, o episódio de acusação pública a Freud por parte de Fliess.

A análise da carta que se segue serve para colher nas palavras de Freud algo do que estamos articulando no presente trabalho, algo que nos permite, partindo do impacto de Freud frente ao reaparecimento das cartas, continuar a puxar o fio dos cordões que sustentaram o lugar de Fliess para Freud na invenção da psicanálise. Trata-se de buscar Fliess dito por Freud a outros, como um modo oblíquo de surpreendermos o necessário lugar de Fliess para Freud.

Note-se que esta carta de Freud a Ferenczi é apenas uma das referências diretas a Fliess confiadas a colegas, muitas vezes como comentários feitos à margem pelo inventor da psicanálise. Essas referências salpicavam conversas com seus amigos que, agregados pelo interesse pela psicanálise, se aproximaram após o rompimento com Fliess. Essa carta a Ferenczi é uma carta importante porque traz uma síntese enigmática quanto aos caminhos opostos tomados pelos dois ambiciosos elocubreadores que foram muito amigos. Em outros momentos, todavia, de modo mais velado, Fliess foi também “lembrado” pelos desmaios de Freud, como veremos mais adiante. Atentemos, pois, para a pertinência do dito de Lacan, já lembrado neste trabalho desde o início:

O que, na época é para Freud a fala que polariza, que organiza toda sua existência, é a conversa com Fliess. Ela continua em filigrana durante toda sua existência como sendo a conversa fundamental. No final das contas, é neste diálogo que se realiza a auto-análise de Freud. É por intermédio disso que Freud é Freud, e que estamos falando nele. O resto todo, o discurso douto, o

sobre a questão do favorecimento do plágio de suas ideias sobre a bissexualidade, resumindo-se a algumas poucas cartas em 1904. A presença de Fliess recrudesceria dolorosamente para Freud em 1906, sob a forma de acusação pública e escandalosa.

discurso cotidiano, a formula da trimetilamina, o que se sabe, o que não se sabe, a tralha toda, está no nível do eu. Isso tanto pode fazer obstáculo quanto assinalar a passagem daquilo que se está constituindo, ou seja, este vasto discurso endereçado a Fliess que vai constituir, mais tarde a obra toda de Freud.

A conversa de Freud com Fliess, a fala fundamental, que é então inconsciente, é o elemento dinâmico essencial. Porque será que ela é inconsciente naquele momento? Porque ela ultrapassa infinitamente aquilo que os dois, como indivíduos, podem então apreender conscientemente dela. Afinal, são apenas dois toquinhos de sábio como os outros, trocando ideias meio malucas.¹⁶⁴

Essa afirmação de Lacan tem todo o seu valor por apontar Fliess como uma referência organizadora de Freud; leia-se bem: malgrado o inventor da psicanálise, já que é uma fala fundamental, inconsciente.

Situemos a mencionada carta de Freud a Ferenczi.

Pela leitura das cartas trocadas entre Freud e Ferenczi, as que precederam a viagem à Itália e as que a sucederam, ficamos sabendo que a viagem fora o fracasso de uma elevada expectativa. Por exemplo, na carta de 10.8.1910 Ferenczi escreve a Freud:

*Peço que o Sr. disponha de mim a seu bel-prazer. Achei que fosse inútil enfatizar que, por mais que eu deseje rever a Itália, atribuo um valor muito menor à viagem do que à companhia do Sr. e que estou disposto a procurá-lo onde quer que seja. Eu só renunciaria a esta última possibilidade se o Sr. desejasse ficar sozinho para repousar ou por motivos de saúde ou familiares.*¹⁶⁵

Dias depois, segue a resposta de Freud a Ferenczi, na carta de 14.08.10: “Espero que o Sr. me traga um final feliz para esse amortecimento intelectual que me aprisiona no interior de um grande bem-estar” (idem, p. 261). Lembremos, que,

¹⁶⁴ Lacan, *Seminário 2*, lição de 09.02.1955, p. 158

¹⁶⁵ Carta de Ferenczi a Freud em Ferenczi, *Correspondência Sigmund Freud – Sándor Ferenczi 1908-1911*, Rio de Janeiro: Imago, 1994, p. 278)1994, p. 259

para Freud, “bem estar” não combinava com trabalho criativo, impulsão para pensar/escrever coisas novas.

A viagem à Itália, que fora alvo de muita preparação por parte de ambos, acabou sendo, então, cenário de grande desencontro. Na volta, a troca de cartas serviu para que ambos se falassem a respeito do mal-estar e reconstituíssem a amizade que ficara, especialmente para Ferenczi, cheia de mágoas e decepções. Foi Ferenczi quem primeiro falou desse mal-estar a seu querido e admirado mestre. Assim, na carta que antecedeu a resposta de Freud que nos interessa, Ferenczi diz que, tendo analisado seu modo de vida, havia encontrado a causa de sua inibição durante a viagem, tal como Freud o fizera para ele, numa postura infantil. A partir daí, dizia ele, a análise “trouxe à luz de forma bastante brutal a resistência contra meu próprio componente homossexual [...] e creio ter tirado disso um grande proveito pessoal e científico”. No desenvolvimento da escrita da carta, Ferenczi entende que, de sua parte, a tensão foi devida à sua expectativa por uma camaradagem sem reservas, como supunha poder esperar, então, de amigos psicanalistas. Complementa a revelação de sua expectativa dizendo que: “Meu ideal de verdade, que nocauteia qualquer escrúpulo, é, pois, nada mais do que a consequência mais óbvia das teorias que [o Sr.] defende”. Ferenczi responsabilizava, então, o próprio Freud por sua alta exigência de sinceridade, pois esta era, segundo ele, uma aposta contida na teorização e que também sustentava a transferência. A noção de verdade era a de um ideal, mesmo patamar em que colocava a teoria de Freud, como podemos ver no prosseguimento abaixo:

Estou convicto em não ser o único que nas grandes decisões, ao realizar autocrítica etc, sempre se põe a seguinte questão: como se comportaria Freud nesse caso? Por “Freud” entendia as teorias e a personalidade dele, enlaçados numa unidade harmoniosa.¹⁶⁶

¹⁶⁶ Carta de 03.10.10 de Ferenczi a Freud (em Ferenczi, *Correspondência Sigmund Freud – Sándor Ferenczi 1908-1911*, Rio de Janeiro: Imago, 1994, p. 278). Essas palavras nos impressionam pelo que têm de ingênua expectativa. É certamente uma expectativa amorosa. Mas, seja qual for o momento das cartas de Freud a Fliess, nunca encontramos tal modo de se expressar. Nesse caso, o amor idealizado de Ferenczi pelo mestre crê encontrar nele uma unidade de *harmonia*, coisa que a psicanálise de Freud nunca supôs, a não ser como engano.

A análise desse trecho da carta de Ferenczi apresenta muitas indicações de um abusivo registro para a psicanálise: uma verdade confessional, que se dizia feita de “sinceridade e franqueza absoluta”.¹⁶⁷ Ferenczi, magoado, atribuía de modo oblíquo e ressentido às ideias do próprio Freud a causa de sua agora descabida reclamação. Freud e a teoria formavam, para ele, uma unidade sem conflito e a promessa de uma relação sem fronteiras.

Vejamos como Ferenczi continuou em sua confissão epistolar, e mencionou Fliess como causa traumática do silêncio de Freud:

Esqueci-me de levar em consideração o fato de que o Sr. não podia saber tudo, e, mesmo que soubesse, isto não o obrigaria, de maneira alguma, a deixar de lado sua justificada desconfiança para com os seres humanos (e também para com os amigos, após o caso Fliess) e entregar-se a alguém, por exemplo, a um jovem entusiasta e petulante como eu.
[...]

Um abraço sedento de sinceridade, envia
*Ferenczi*¹⁶⁸

Note-se que Ferenczi tocou em dois temas principais: Fliess, causa do esvaziamento da confiança e afastamento de Freud, e uma desejada entrega de Freud em confidências íntimas ao amigo; o "componente homossexual da relação infantil" foi mencionado também nessa carta. Se é Ferenczi quem toca nos dois principais temas que ensejaram a resposta de Freud, é Freud quem relaciona o investimento homossexual à paranoia. Com isso ele diferencia dois destinos diversos, nos quais ele afirma que em um há sucesso e noutro, fracasso. Freud responde nas seguinte palavras:

Prezado amigo,
[...]

Não só o senhor percebeu que eu não mais possuo necessidade daquela abertura total da personalidade, mas também compreendeu, remontando à causa traumática dessa situação. Portanto, porque o Sr. teimou nisso? Desde o caso Fliess, durante a superação do qual o Sr. justamente me viu ocupado, essa necessidade exauriu-se em mim. Uma parte de investimento homossexual foi retirada e

¹⁶⁷ Carta de Ferenczi a Freud de 3.10.1910 (idem, 1994, p. 276).

¹⁶⁸ Idem.

*empregada na ampliação de meu próprio eu. Tive sucesso onde o paranoico fracassa.*¹⁶⁹

Dos dizeres de Freud nesse fragmento de carta, colhemos algo do que estava em jogo na relação com Fliess e que deve ser contado como produzindo efeito na invenção da psicanálise.

O modo de o inventor da psicanálise exprimir-se nesse trecho de carta reúne várias perspectivas que nos permitem explorar a relação apaixonada que Freud tivera com Fliess.

“Desde o caso Fliess” – Freud o data deste modo – ainda sofria, pois Fliess era uma causa traumática em processo de superação. Caracterizado por Freud como “caso” e como “causa traumática” a ser superada, reconhecemos que Fliess, sim, tornara a relação com Freud caso de polícia ao paranoicamente acusá-lo de roubo de suas ideias.¹⁷⁰ Mas, Fliess também podia ser situado como caso clínico à espera de interpretação! Como uma ferida viva, dez anos após a interrupção da correspondência, mas há apenas quatro da acusação pública, 1906, Freud ainda se ocupava dos efeitos e destinos da amizade finda. A “necessidade de abertura total de sua personalidade” – o desejo de uma relação com tal intimidade como a que tivera com Fliess esgotara-se. Freud afirmava, com convicção, que uma relação como aquela não se repetiria. E de fato não se repetiu.

Mas, o que Freud teria dito com essa chamada, e tão cheia de ambiguidades, “necessidade de abertura total”? Bem, sabemos que a intensidade íntima da relação com Fliess oscilou ao longo da duração da correspondência: o Fliess do *Projeto* (1895) não está no mesmo lugar que o Fliess de *A interpretação dos sonhos* (1900). Antes ainda, no tempo da publicação de *A interpretação das afasias - um estudo crítico* (1891),¹⁷¹ tema de conversa entre ambos, não se pode

¹⁶⁹ Carta de Freud a Ferenczi de 06.10.1910 (op. cit. 1994 p. 281). Outros trechos serão citados logo em seguida.

¹⁷⁰ *Roubo de ideias?* Tal expressão interrogativa é título do livro de Porge. Um título que traz um sobreenho: roubo de ideias? Ideias tomadas como objetos? Objetos que são coisas? Coisas que são ideias? E já estamos no terreno da posição enunciativa de Fliess, na qual não há reflexão, não há simbolização, mas auto-evidência (Porge 1998a, p.152); essa posição é que dá aparência científica ao delírio de Fliess – essa é a tese de Porge.

¹⁷¹ Freud, S. (1891). *A interpretação das afasias - um estudo crítico*. Tradução de A. P. Ribeiro. Lisboa: Edições 70, 1979.

dizer que Fliess fora parceiro no desenvolvimento das ideias ali contidas. Nem mesmo o fora como alvo de endereçamento, uma vez que o entusiasmo pela relação de amizade e intimidade ainda era recente. Em as *Afasias*, Freud estava operando seu afastamento da neurologia clássica e separando-se das grandes figuras de seus renomados ex-professores. Freud estava se desligando de concepções e pessoas para abraçar outras. Portanto, podemos dizer que Fliess respondeu àquela necessidade de “abertura total” por um tempo, mas não podemos dizer que tal posição esteve presente em todo o tempo da correspondência. A rigor, a co-respondência pode mesmo ter sido uma suposição de duração paradoxalmente muito breve. O que durou por maior tempo talvez tenham sido as marcas de encontro deixadas por Fliess num nicho já cavado em Freud. Talvez, mesmo, em nada diferente desse que Ferenczi manifestava nessa oportunidade.

Além do já apontado por nós, no trecho da citada carta a Ferenczi, Freud escreveu a conhecida frase: “Uma parte do investimento homossexual foi retirada e empregada na ampliação de meu próprio eu”, e complementada pela frase mais enigmática desse trecho: “Tive sucesso onde o paranoico fracassa”.

Como justificar a relação entre os termos: “investimento homossexual” e o fracasso ou sucesso na paranoia? Bem, podemos seguir nos dizeres de Freud que a “abertura total da personalidade” e a “retirada do investimento homossexual” estão ao lado do sucesso na ampliação do próprio eu. Lembremo-nos de que nos tempos da amizade com Fliess, ao retomar à escrita de *A interpretação dos sonhos* (1900) que ficara interrompida, Freud escreveu a Fliess que se decidira “dessa vez” – sublinho essa marcação de tempo diferenciado, com a qual marca posição de modo claro – por mostrar-se sem subterfúgios (pode-se dizer, talvez, “com abertura total?”), “pois [não fazê-lo dessa vez] significaria guardar só para si a sua melhor descoberta”.¹⁷² O ato de se expor sem reservas e sem disfarces ao entregar seu trabalho ao público não seria feito sem sacrifício. Associa tal ato ao chiste do galo e da galinha, que dá o mote: o galo vai ao sacrifício e a galinha irá

¹⁷² Carta de 28.05.1889. Masson 1986, p. 353.

definhar em consequência da perda de seu companheiro – ambos morreriam, portanto, mas só assim poderia acontecer a celebração dos dias santos.

A metáfora bem humorada de Freud nessa carta de 1889 não disfarça de modo algum o custo de sua decisão: a morte e a mortificação. Mais adiante, na mesma carta, Freud avalia seu produto, como já analisamos anteriormente: “nenhum outro de meus trabalhos foi tão completamente meu”.¹⁷³ Podemos dizer, então, que a “ampliação de [seu] próprio eu” foi, então, efeito de operações muito complexas, que não podem ser lidas de modo ligeiro: uma parte do investimento homossexual foi retirada e empregada de outro modo. E complementa reflexivamente: “Tive sucesso onde o paranoico fracassa”. Ou seja, o paranoico não tem sucesso nessa operação que implica um ato de sacrifício.

Retomemos a mesma carta resposta de Freud a Ferenczi de 6 de maio de 1910. Talvez encontremos no parágrafo seguinte algo que nos encaminhe para uma melhor aproximação dos dizeres de Freud em que parece que ele nos entrega o ouro de seus segredos:

Acresce que, na maior parte do tempo, não estive muito bem, sofrendo mais com meus problemas intestinais do que pretendia admitir e dizendo muitas vezes para mim mesmo: Quem não domina o seu Konrad,¹⁷⁴ também não deveria na verdade viajar. E por aí a sinceridade teria de começar; mas o Sr. não me parecia sólido o suficiente a ponto de não se entregar a um excesso de preocupações.

[...]

Que o Sr. supõe que eu tenha grandes segredos e que está muito curioso a respeito deles, foi fácil de perceber, mas foi igualmente fácil de interpretar isso como infantilidade. Da mesma forma com que comuniquei ao Sr. tudo o que era científico, escondi do Sr. somente algumas coisas pessoais. [...] Meus sonhos daquela época, como eu havia dito, giravam totalmente em torno da história com Fliess, da qual era difícil fazer com que o Sr. partilhasse os sofrimentos, devido à própria natureza do caso.

Cordialmente,

¹⁷³ Em Masson 1986, p. 354

¹⁷⁴ Nota do editor: Um personagem do escritor suíço Carl Spitteler (Prêmio Nobel) usava o termo “Konrad” para referir-se a seu próprio corpo. Freud falava muitas vezes sobre seu “pobre Konrad” e era compreendido pelos analistas (1994, p. 229).

*Freud*¹⁷⁵

Freud ironiza o desejo de confidências de Ferenczi, esquecido de seus sobressaltos à menor demora de resposta de Fliess a suas demandas. Mas, Freud prossegue tentando situar Ferenczi ao seu estado atual de desejo de intimidade e diz que os segredos que cercavam a sua relação com Fliess eram menores do que ele, Ferenczi, imaginava. Além disso há experiências, como o funcionamento dos intestinos, que nem sempre são compartilhadas.

Podemos dizer, por outro lado, que há acontecimentos que, por tão intestinos, tornam-se impossíveis de partilhar¹⁷⁶ e, portanto, não podem ser tomadas pela ótica do segredo íntimo sobre o qual se decide se se quer partilhar ou não. Tal demanda por parte de Ferenczi era, para Freud, uma tolice, uma infantilidade, pois, completamos nós, a reserva de Freud era de outra estatura. Não há saber do sexo, diz Lacan: a origem, como na conhecida metáfora de Freud sobre o umbigo do sonho, só pode ser circundada.

Ao mesmo tempo em que Freud faz troça das reclamações de Ferenczi, deixa-nos saber, inadvertidamente, a que ponto os efeitos da relação com Fliess ainda eram importantes e, portanto, nem tão superados assim. A manifestação corporal de Freud vem para registrar aquilo que ele não dominava de modo algum, um indizível. Lembremo-nos de outras ocasiões em que Freud foi ultrapassado por suas manifestações corporais, nas quais de algum modo estava implicada a sua relação preferencial com amigos. Uma dessas manifestações de desfalecimento aconteceu no salão do Hotel Park em Munique em novembro de 1912, e Freud logo reconheceu nela o “efeito Fliess”. Jones relata que duas semanas após esse episódio Freud lhe confidenciou:

Não posso esquecer que seis ou quatro anos atrás sofri de sintomas semelhantes, embora não tão intensos, na *mesma* sala do Park Hotel. Vi Munique pela primeira vez quando visitei Fliess durante sua doença e essa cidade parece ter adquirido forte conexão com minha relação com esse homem. Há uma dose de indomável sentimento homossexual na raiz da questão (Jones 1989 vol I, p. 319).

¹⁷⁵ Carta de Freud a Ferenczi de 06.10.1910 (1994, p. 281).

¹⁷⁶ Lembremo-nos do “tudo e nada” a que Freud se refere na carta a Marie Bonaparte.

O desmaio, corpo que cai, deu-se na presença de Jung,¹⁷⁷ que Freud pretendia como seu herdeiro na psicanálise, e dizia respeito ao que este lhe fazia retornar de sua relação com Fliess. A morte atravessava essas lembranças: Fliess que na época do processo público do plágio acusou Freud de querer matá-lo e Freud que fala do desejo de morte por parte de Jung em Munique, “território” de Fliess. Há aí um texto de difícil sondagem. Uma síncope, um lapso – o inconsciente se fazendo anunciar.

Talvez possamos dizer que o que se faz anunciar no silêncio de Freud seja a manifestação do furo indizível no simbólico, justamente pelo qual o corpo se manifesta. Os termos densos desse trecho de carta trazem um enigma indecifrável, por justamente não podermos ir além daquilo que se manifesta sem palavras. O afastamento de Freud reclamado por Ferenczi é na verdade um limite. Ocupado com a realização dos desejos nos sonhos e com seu intestino, pouco podia falar. Afinal, comunicara ao querido amigo húngaro tudo o que era científico! Atenção para a cisão que esse termo porta.

A paranoia é a dobradiça que articula e separa os amigos

O que se pode dizer do que sejam os termos “investimento homossexual” e “paranoia” para Freud? A que sucesso e fracasso estaria Freud se referindo? Onde é que tal frase de Freud se situa, já que estes eram também termos que faziam parte do linguajar comum entre o grupo de colegas interessados na psicanálise àquela época?

¹⁷⁷ Vale lembrar que, à época dessa carta a Ferenczi Freud ainda mantinha estreita relação com Karl Gustav Jung (1875-1961). Com ele Freud se correspondeu entre 1906 e 1913, num total de 359 cartas. O primeiro encontro com Freud se deu em 1907, do qual conta-se que se dedicaram a uma conversa que durou 13 horas consecutivas. Nessa amizade, que durou sete anos, Freud e Jung trocavam informações sobre seus sonhos, análises, faziam confidências, discutiam casos clínicos. O primeiro relato de desmaio de Freud foi diante de Jung, logo após convencer-lo, juntamente com Ferenczi, a transgredir sua abstinência e tomar uma taça de vinho. Em 1910 algumas nuvens já começam a aparecer nessa relação com Jung. As teses defendidas em Schreber são expressão da discordância insuperável que viria a separá-los, a saber, a afirmação da etiologia sexual também na paranoia. Mas, considere-se que, à diferença de Ferenczi, “já não havia a necessidade daquela abertura total da personalidade”, e a psicanálise já havia sido inventada.

Freud estava nesse tempo trabalhando com o relato autobiográfico de Schreber.¹⁷⁸ Foi baseado nele que escreveu seu artigo no qual relacionou a paranoia como uma defesa contra a irrupção do desejo homossexual. A relação entre a paranoia e o interesse homossexual, trazida por convicção de Freud, era tema corrente na época entre o grupo de psicanalistas. A homossexualidade era sinônima de paranoia nas conversas informais do pequeno grupo, como nos informa Ernest Jones na biografia de Freud. Certamente estes eram, também, termos que circularam facilmente nas conversas pessoais e teóricas entre Freud e Ferenczi durante a viagem à Itália, o que justifica a presença deles nas cartas entre ambos.

Para falar consistentemente dos termos “investimento homossexual” e “paranoia” seria preciso percorrer cuidadosamente a obra de Freud, o que é impossível nesse trabalho. Mas também não os deixarei entregues a uma simples apreensão. Desses termos quero fixar alguns pontos desenvolvidos por Freud, não tanto para estabelecer profundas relações teóricas, mas para acompanharmos o fio de seu dizer.

Quase contemporaneamente à carta a Ferenczi, de 1910, Freud publicou *Leonardo da Vinci*,¹⁷⁹ escrito após o retorno da viagem aos EUA (1909) que fizera em companhia do muito estimado Ferenczi e do belo e inteligente Jung. Freud escreveu o artigo fascinado pela biografia de Leonardo da Vinci (1452-1519), cujo traço que mais chamara a sua atenção fora o da inibição no trabalho e nas relações amorosas. Leonardo costumava não terminar seus trabalhos artísticos, e estava sempre insatisfeito com eles. Apesar disso e em paralelo, Leonardo entregava-se com afincamento a novas pesquisas científicas, criando elaboradas engenhocas que impressionam até hoje. As atividades de pesquisas

¹⁷⁸ Segundo os biógrafos de Freud, o livro das memórias do Presidente Schreber fez tanto sucesso entre o grupo de analistas que se reuniam em torno de Freud, que termos empregados por ele passaram a fazer parte do vocabulário íntimo do grupo, tais como “assassinato de alma” e “homens miraculados”.

¹⁷⁹ Em 01.12.1909 – no mesmo ano da viagem aos EUA – Freud apresentou o assunto de Leonardo da Vinci à Sociedade Psicanalítica de Viena, mas foi somente no princípio de abril de 1910 que terminou de escrever seu artigo, publicado em fins de 1910. É nesse estudo que Freud usa pela primeira vez o conceito de narcisismo.

experimentais e aquelas suas idiossincrasias o tornavam “um solitário entre seus contemporâneos” (1910, p. 61), os quais o tomavam por preguiçoso e inconstante. Com o livro, Freud reafirmava o que entendia até o momento a respeito da gênese psíquica da homossexualidade e concluía por uma homossexualidade que se manifestava pelo apego do artista ao excessivo carinho materno na infância, vindo posteriormente manifestar-se pelo apreço por belas companhias de rapazes mais jovens.

Freud, que já publicara os *Três ensaios* em 1905, entendia a homossexualidade como uma das possibilidades do desenvolvimento da libido humana, a qual, tendo que passar por esse estágio na sua evolução comum, poderia, entretanto, ficar fixada nesse estágio, estabelecendo a escolha de objeto por um parceiro de mesmo sexo.

Mas, se a abordagem da homossexualidade e sua relação com a compulsão à pesquisa é explorada nesse texto, o interesse por explicar a paranoia é muito anterior a esse escrito. Ela pode ser datada de quando Freud ainda apostava no trabalho de cooperação com Fliess. Antes mesmo da escrita do *Projeto* [iniciado em setembro de 1895], Freud escreveu a carta a Fliess de 24 de janeiro de 1895, na qual diz:

Caríssimo Wilhelm,
[...]
Dedico-lhe aqui uma nova descoberta, que tem perturbado meu
equilíbrio mais do que muito do que aconteceu antes e à qual não me
tornei indiferente. Trata-se da explicação da paranoia.
[...]
Seu,
*Sigm.*¹⁸⁰

Essa carta era acompanhada por um rascunho – o *Rascunho H.* – “*Paranoia*” – no qual Freud ressaltava o caráter defensivo da paranoia e a colocava ao lado das demais neuroses, como segue:

A finalidade da paranoia, portanto, é rechaçar uma ideia
incompatível com o ego, projetando seu conteúdo no mundo externo.
[...] *É uma questão de uso excessivo de um mecanismo que é muito*

¹⁸⁰ Carta de 24.01.1895. Masson 1986, p. 107.

*comumente empregado na vida normal: a transposição ou projeção. Sempre que ocorre uma modificação interna, temos uma opção entre pressupor para ela uma causa interna ou externa. [...] Trata-se, portanto, de um abuso do mecanismo de projeção para fins de defesa.*¹⁸¹

Freud caracteriza a paranoia pelo uso excessivo da transposição ou projeção. Trata-se de uma questão de atribuição de causas – externas ou internas – para fins de defesa. Aqui a paranoia é um mecanismo “muito comumente empregado na vida normal”.

Persigamos ainda aqueles dizeres que relacionam a homossexualidade com a produção intelectual e vamos encontrar mais algumas pistas na carta a Fliess de 7 de agosto de 1901, escrita em Thumsee.¹⁸² No esgarçar dos laços de amizade, Freud escreve:

*Querido Wilhelm,
[...]
Não compartilho de seu desdém pela amizade entre homens,
provavelmente sou adepto dela em grau elevado. Em minha vida,
como você sabe, a mulher nunca substituiu o companheiro, o amigo.
Se a inclinação masculina de Breuer não fosse tão bizarra, tão
tímida e tão contraditória – como tudo o mais em sua constituição
mental e emocional – ela proporcionaria um belo exemplo das
realizações em que é possível sublimar a corrente androfílica dos
homens.
[...]
Seu,
Sigm.*¹⁸³

Logo depois de afirmar-se adepto em alto grau da amizade entre homens e declarar que considera que ela porta algo de específico que a mulher não substitui de forma alguma, Freud lembra-se de Breuer. Mas, aí segue uma frase também de difícil compreensão: não fosse a inclinação masculina “bizarra, tímida e

¹⁸¹ *Rascunho H.: Paranoia*. Masson 1986, p. 110.

¹⁸² Essa é carta que Freud teria dito a Marie Bonaparte como sendo muito importante e já foi mencionada anteriormente neste trabalho.

¹⁸³ Carta de 07.08.1901. Masson 1986, p. 448.

contraditória” de Breuer, ter-se-ia um bom exemplo de sublimação da corrente androfílica dos homens, diz ele.

Mas, e então, Freud estaria se lamentando de que não tivesse sido Breuer a ocupar o lugar que ele acabara dando a Fliess? Caso Breuer se posicionasse diferentemente frente ao sexual, então, a amizade entre eles teria sido realizável assim como a parceria intelectual? Lembremos que por vários momentos da correspondência, e de modo forte, Freud escreve impressionado com a coragem de Fliess fazer afirmativas com convicção sobre questões não provadas. Entre a certeza de Fliess de um lado e a tibiez de Breuer de outro, a via possível para Freud foi aquela que não estranhava as suas afirmações, e que garantiam que seriam acolhidas sem críticas desqualificantes. Freud parecia cotejar, entre Fliess e Breuer, qual dentre os dois ofereceria as condições subjetivas para a parceria que ele necessitava. Acompanhemos pelo importante texto de outra carta a Fliess, agora de 1 de março de 1896, o quadro de queixa de Freud a respeito de Breuer. Diz Freud:

Querido Wilhelm,
[...]

A simples existência dessa oposição [de Breuer] – numa área em que nenhuma teoria pode ser completamente elaborada de imediato – mostra como são superficiais a conversão e a compreensão de Breuer nessas questões. Ele [Breuer] se alegra em poder apontar uma lacuna que, afinal, não é idêntica a uma contradição, e menos ainda a uma refutação. [...] Nosso relacionamento pessoal, remendado na superfície, lança sobre minha existência aqui uma profunda sombra.

Não consigo fazer nada certo aos olhos dele e desisti de tentar. Segundo ele, eu deveria perguntar-me todas os dias se estou sofrendo de “moral insanity” ou de paranoia científica. Apesar disso considero-me o mais normal dos dois em termos psíquicos. Creio que ele nunca me perdoará por tê-lo arrastado comigo para os Estudos sobre a histeria e tê-lo envolvido numa coisa onde ele conhece infalivelmente três candidatos para a posição de uma só verdade e abomina todas as generalizações, [as quais] considera presunçosas. Que se tenha que pagar tão caro por tudo que se gosta na vida não é, decididamente, um tipo de arranjo admirável. Será que nós dois experimentaremos a mesma coisa em relação a um e outro?

[...]

*Seu,
Sigm.*¹⁸⁴

Essa é uma das curiosas cartas em que Freud, ao escrever, encadeia sua desconfiança para com Fliess, que logo será esquecida. Atenção para como Freud situa seu campo de teorização: “uma área em que nenhuma teoria pode ser completamente elaborada de imediato”. Esse trecho de carta é extremamente rico na exposição de como se situam os protagonistas frente ao novo saber, às dificuldades intrínsecas ao objeto e, fundamentalmente, o preço pago pelo seu inventor. O não acolhimento por parte de Breuer das inusitadas e intrínsecas dificuldades da teorização e da clínica em psicanálise lançava sobre a existência de Freud, como ele tristemente se lamenta uma “profunda sombra”. São palavras fortes para descrever o desamparo em que ficara por parte daquele que o despertara para o problema da histeria. Nesse trecho de carta importa destacar a descrição que Freud faz quanto à dificuldade de Breuer sustentar uma afirmação. Tal condição não atingia Fliess justamente por seu fechamento para o inconsciente, por sua certeza. A paranoia científica e a loucura já eram termos que cortavam o território da teorização e Freud, 14 anos antes da carta a Ferenczi. Freud já não se alinhava ao modo de proceder de Breuer frente ao ato de afirmar, estava de outro lado, driblando a ambiguidade, o enigma, sem abandonar o terreno. No ar a pergunta perspicaz de Freud a Fliess: “Será que nós dois experimentaremos a mesma coisa em relação a um e outro?” Seriam também superficiais a conversão e a compreensão de Fliess nessas questões? A resposta a essa indagação viria a ser formulada pelo próprio Freud, diante dos mal entendidos a partir de 1900 e do afastamento de Fliess nos tempos precedentes à publicação de *A interpretação dos sonhos*. Diz Freud a Fliess:

*Querido Wilhelm,
[...]*

Se no instante em que uma interpretação minha o deixa pouco à vontade, você fica pronto a concordar em que o “leitor de pensamentos” não percebe nada no outro, meramente projetando

¹⁸⁴ Carta de 1.03.1896. Masson 1986, p. 176.

*seus próprios pensamentos, você também já não é mais minha
plateia e deve encarar todo o meu método como tão imprestável
quanto os outros o consideram
[...]
Seu
Sigm.¹⁸⁵*

Atribuir a Freud a leitura de pensamentos é desconhecer o enorme trabalho teórico e clínico dele e sua luta por alinhar a psicanálise à ciência e não à prestidigitação. A frase que abre esse parágrafo é aquela em que Freud diz lamentar perder em Fliess seu “único público”, seguido do revelador: “Para quem continuo a escrever?” Nessa quase desesperada indagação de Freud dirigida aos céus, talvez, Fliess deixa de ocupar um lugar de endereçamento para Freud e torna-se próximo a um adversário, pois, “como os outros”, considera o método psicanalítico totalmente sem valor.

Na carta de 7 de agosto de 1901 Freud separava-se de Fliess sem renegar a amizade entre homens. Ao contrário, afirmava-a. E Breuer é citado como um belo exemplo de “sublimação da corrente andrófílica dos homens”. Para Freud, a amizade entre os homens, atravessada pela sublimação, falava, então, da possibilidade de fazer afirmações.

Em *A Negação* (1925) Freud comenta que a função do juízo tem essencialmente duas espécies de decisões a tomar: ela afirma ou recusa atributos a uma coisa, e também se uma representação tem ou não existência na realidade. Como a função intelectual dissocia-se do processo afetivo, o que é aceito num pode ser recusado em outro. Nesse caso, com o auxílio da negação, diz ele, “só se revoga uma das consequências do processo de repressão, ou seja, o fato de que o conteúdo da representação não tem acesso à consciência. Daí resulta uma espécie de aceitação intelectual do reprimido, mantendo-se a repressão quanto ao essencial” (Freud, em Carone, p. 129). Pode haver um levantamento da repressão sem que se faça acompanhar pela aceitação do reprimido, ou seja, pode haver a

¹⁸⁵ Carta de 19.09.1901. Masson 1986, p. 451.

plena aceitação intelectual do reprimido, sem que a repressão tenha sido levantada.

Esse artigo de Freud nos permite referir à origem secundária da função intelectual do juízo e seu desempenho, tão dependente da substituição da repressão. Só assim pode haver o enriquecimento do pensamento. Em suas palavras:

Negar algo no juízo, no fundo significa: “isso é uma coisa que eu preferiria reprimir”. A condenação é o substituto intelectual da repressão, e o “não” é seu sinal característico, um certificado de origem. [...] Por meio do símbolo da negação, o pensamento se liberta das limitações da repressão e se enriquece de conteúdos de que não pode prescindir para seu desempenho (idem, p.129).

A negação, diz Freud, “permite ao pensamento um primeiro grau de independência das consequências da repressão e com isso também da coação do princípio do prazer” (idem, p. 132). Atenção, podemos situar aqui o sucesso de Freud e o fracasso de Fliess: a certeza de Fliess prescindia desse jogo simbólico.

Esse tema relativo à formação do ajuizamento, do processo de simbolização, é de extrema importância. Todavia, não receberá, no presente trabalho, o desenvolvimento merecido pois seu grau de complexidade e extensão o faz extrapolar aos nossos objetivos atuais. No momento pretendemos apenas apontar como a queixa que Freud faz de Breuer para Fliess e a manifestação da desconfiança de que algo da mesma natureza pudesse estar presente na relação entre ambos¹⁸⁶ podem nos encaminhar para questões muito mais complexas que ligam a função do julgamento, às pulsões e ao simbólico.

É sob essa perspectiva que as palavras de Freud a Ferenczi são entendidas no presente trabalho. Freud teve sucesso ao retirar seu investimento homossexual em Fliess, e isso se mostra por seu ato de independência frente à submissão a Fliess. Freud afirma com isso que, sim, haveria a celebração – o livro dos sonhos iria a público com todas as indiscrições que lhe eram devidas – ainda que isso dependesse de sua mortificação.

¹⁸⁶ Expressa desde antes de Freud resolver escrever *A interpretação dos sonhos* (1900), portanto.

Freud, podemos dizer baseados na carta mencionada acima, de 1 de março de 1896, teve sucesso em fazer diferente de Breuer e Fliess, o primeiro porque tomado de horror por seu poder de afirmar e o segundo por sempre poder afirmar, chegando a submeter à lei dos períodos qualquer evento que desejasse.¹⁸⁷

Freud “buscou” Fliess, digamos assim, para suportar o peso de seu risco, mas não fazia como Fliess. Vejamos como ele nos diz da função de Fliess para si e das suposições que a cercavam:

Querido Wilhelm,

[...]

Fico muito satisfeito com a recepção dada a minhas fantasias. Sei que você as coloca no lugar certo, investiga esses pontos um pouco mais e não me encara nem como um devaneador, pelo fato de eu comunicar essas coisas incompletas, nem como um tolo, que por essa razão, acredita estar acima da investigação minuciosa e da correção. Tratam-se de sínteses e working hypotheses, que espero podermos trocar um com o outro sem preocupação.

[...]

Seu

*Sigm.*¹⁸⁸

Freud não queria ser adulado, mas também não queria ser tomado por um devaneador ou tolo. A condição inovadora de seu trabalho, de suas hipóteses, exigia um certo tipo de tolerância.

Voltemos ao impacto quando do reaparecimento das cartas a Fliess e sua importância para o nascimento da psicanálise – para buscar apoio nos dizeres de Freud sobre sua relação com Fliess, que desde o início do presente trabalho supomos como necessária.

¹⁸⁷ Foi por volta de 1906 que Freud respondeu à curiosidade espantada de Jones sobre a teorização de Fliess. Jones nos conta que fez a seguinte pergunta a Freud: como responderia Fliess “quando um ataque de apêndice ocorria um número irregular de dias depois de um ataque anterior?” Freud, revela-nos o biógrafo, “olhou para mim meio zombeteiramente e disse: ‘Isso não incomodaria Fliess. Era um matemático exímio e multiplicando 23 e 28 pela diferença entre os dois e somando e subtraindo os resultados ou ainda por meio de cálculos aritméticos mais complicados, ele sempre chegaria ao número que desejasse’” (Jones, 1989, vol. I, p. 295).

¹⁸⁸ Carta de 17.12.1896. Masson 1986, p. 216.

As questões indicadas por Freud como “factuais e pessoais” podem agora ser tomadas com mais vigor como dizendo respeito à estrutura do conhecimento, que é essencialmente paranoica. Nela o pessoal e o não-pessoal parecem indicar-nos muito mais a relação do real com o simbólico – a função de representar – do que a mera indicação da presença de uma subjetividade mesclada ao objeto. Tratava-se da delicada constituição de um novo saber, que pode também revelar operações fundamentais relativas à função de simbolização.

Para supor que um Fliess fosse necessário a Freud foi preciso admitir a possibilidade de que Freud, ele próprio, ocupasse uma certa posição frente à função da simbolização e da verdade. Para explorar melhor essa questão busco mais uma vez auxílio em Guy Le Gaufey (1996)¹⁸⁹ e Bernard Vandermerch (2003).¹⁹⁰

Em *Incompletude do simbólico* Le Gaufey¹⁹¹ está preocupado em demonstrar como, por vias inteiramente separadas e distantes, a psicanálise e a lógica matemática chegaram a lidar com os mesmos impasses colocados pelo ato humano de representar. Interessa-me destacar que no capítulo três desse mesmo livro, intitulado *Freud entre as palavras e as coisas*, Le Gaufey toma como paradigmático um ensaio de Freud *As afasias, um estudo crítico*, de 1891,¹⁹² para

¹⁸⁹ Le Gaufey, G. - *L'incomplétude du symbolique – de René Descartes à Jacques Lacan*, E.P.E.L. 1996.

¹⁹⁰ Vandermerch, B. - *Note sur la formation théorique de l'analyste*, Rev. *Essaim* n. 11, 2003, pp. 155-164.

¹⁹¹ Le Gaufey, G. *idem*.

¹⁹² As argumentações apresentadas no texto sobre as afasias expõem o exercício de independência de Freud em relação às ideias dos pesquisadores alemães consagrados da época. As escolhas de referência bibliográfica para suas reflexões são diferentes das figuras de maior projeção. A carta a Martha em que Freud revelou seu espírito crítico e seu aborrecimento com a baixa qualidade da literatura médica ressoa. O nome completo dado por Freud ao ensaio sobre as afasias é explicitamente o de um estudo crítico: *Zur Auffassung der Aphasien. Eine kritische Studie*. Situar o trabalho sobre as afasias como um estudo crítico é marcá-lo por sua especificidade e diferença em relação aos outros que já contavam com algum reconhecimento. Vale lembrar que nesse momento Fliess ainda não estava no lugar de um parceiro da obra, tal como Freud viria a fazer dele em certo momento. Ele é animadamente convocado por Freud a comentar o livro já publicado, mas o campo da neurologia e linguagem não é o interesse principal de Fliess. Tudo indica que o interesse e inspiração crítica em *Afasias* pertencem exclusivamente ao percurso de Freud realizado até então: é Freud quem se põe a criticar e revisar as concepções da época. As opiniões científicas de Fliess – quanto à periodicidade dos eventos humanos e quanto à bissexualidade – ainda não entrelaçavam seus fios na escrita de Freud. Freud já portava aquelas qualidades críticas ao encontrar Fliess, porém estava num contexto de transição para outros

sustentar que Freud o trata como uma realização de epistemólogo. Seu próprio estilo, diz o autor, condena Freud a, muito antes de se preocupar com a psicanálise, tocar muito diretamente em engendramentos epistemológicos levado pelas próprias exigências da construção de seus argumentos. Tal modo de realização na produção teórica de Freud, continua afirmando Le Gaufey, aponta para o que este chama de “*uma constante no estilo de Freud*”: o de buscar os fundamentos das questões que levanta. Diz o autor:

A propósito de problemas altamente especializados (aqui, neurológicos), o esclarecimento de suas próprias hipóteses o leva a pontos fundamentais, que uma vez considerados, permeiam ativamente suas elaborações ulteriores (1996, p. 123).

Assim, continua Le Gaufey, para corrigir os abusos advindos da teoria das localizações cerebrais, que era a teoria dominante na época:

Freud pega a caneta para elaborar, em face do caráter funcional da clínica das afasias, nada menos que “um aparelho de linguagem” onde se pode ler sem muita dificuldade as bases essenciais de suas concepções posteriores na matéria: como então se aparelham as palavras e as coisas? (1996, p. 123).

Le Gaufey assinala que tal interrogação essencial a “todas as épocas” levou Freud a restringir sua pesquisa com a aparente modéstia de um principiante. O inventor da psicanálise se perguntava sobre o exercício da fala espontânea e suas falhas, manifestas nas patologias da fala e se vê na contingência de, ao valorizar o funcionamento da fala, conceber o “aparelho de linguagem”. Toca, assim, segundo Le Gaufey, nos fundamentos do homem no mundo à medida que ele é mediatizado pela linguagem (1996, p. 124).

A revelação dos cuidados de Freud quanto às pistas falsas no processo da teorização faz supor que, se há um pudor manifestado abertamente por Freud por se ver exposto nos descaminhos da teorização, esse pudor, todavia, só pode ser tomado como secundário. Um outro pudor, primário, é o chamado *pudor radical do*

sujeito por Vandermersch (2003),¹⁹³ por tratar-se de que o que está em jogo é a divisão do sujeito e de seu desejo. Estamos diante dos fundamentos da estrutura de linguagem e da entrada do sujeito nesta engrenagem. Nesse ponto considere-se que reúnem-se complexas pré-condições de Freud, desde o reconhecido apreço de sua mãe pelo muito amado primogênito homem, seu apreço pelas histórias bíblicas, seu amor à literatura e trato com a língua, seu desejo de fazer diferença ao legar à humanidade algo de útil e que dissesse respeito aos fundamentos. Acrescemos a esse rol de marcas biográficas de Freud, que não deve ser tomado de modo simples, também sua condição de judeu na Áustria de fim do século XIX e seu desejo de fazer diferente, especialmente diferente de seu pai no famoso e simbólico episódio do quipá jogado à sarjeta pela intolerância e violência de outros transeuntes. Freud não sucumbiu na paranóia e legou-nos a psicanálise, com a ajuda de Fliess e nenhum outro, todavia.

Podemos entender, assim, que a expressão relativa a seus *palpites* e *pistas falsas* refere-se ao que há de estrutural do inconsciente, ao não saber do sexo. Para Freud, expor-se de um modo que nem ele mesmo podia falar, em pleno processo de constituição de um saber paradoxal, era o que tanto o perturbava e desejara manter no âmbito do apagado. A expressão *tudo e nada*, inclassificável, serve para nos apontar o real do encontro com a entrada na linguagem presente no *nascimento da análise*. O lugar necessário de Fliess junto a Freud encontrou aí sua razão, mesmo que depois devesse sacrificar a abertura total daquela amizade para seguir adiante. A vestimenta teórica, sim, pode ser sancionada ao público, mas seu processo de fabricação pertence a outra cena, parte do avesso do processo de simbolização.

Não se trata, então, do que está expressamente dito nas cartas, mas principalmente, que elas serviram a Freud como bastidor da teorização que viria a

¹⁹³ O foco da preocupação de Vandermersch nesse artigo é a formação do analista e o lugar da teorização nessa formação. Para ele, o saber teórico pode funcionar para os analistas em formação como guardião desse pudor radical: “*Chacun peut éprouver à quel point le savoir théorique peut fonctionner comme gardien de cette pudeur*” (Vandermersch 2008, p. 159). Esse assinalamento do autor nos interessa por chamar a atenção para a função de recobrimento da teoria. “Na fronteira da divisão entre saber e verdade, o sujeito sabe isso que lhe vem faltar, o saber da perda que, em verdade, o constitui como sujeito” (Mellman apud Vandermersch 2003, p. 159). Importante ressaltar que, para Vandermersch, o nome próprio e a obra constituída, sempre secundários, tamponam o saber da perda diante da falta no Outro.

público, bastidor que guardava o segredo de um indizível relativo à divisão do sujeito, ao objeto *a* e sua relação com o pudor radical da falta do saber do sexo.

Considerações finais

***Nós formamos os julgamentos
e os colocamos um atrás do outro.***
Hilbert

Querido Wilhelm,
[...]
O terreno da incerteza ainda é enorme, os problemas
proliferam e, teoricamente, compreendo apenas uma
fração mínima do que estou fazendo.
[...]
Sinto uma falta dolorosa de notícias suas.
Será que tem que ser assim?
Muito cordialmente, e com saudações a sua
querida esposa,
Seu,
Sigm.¹⁹⁴

Caro leitor, aqui nos reencontramos novamente.

O caminho percorrido neste trabalho visou a fundamentar a afirmação de que o lugar de Fliess junto a Freud foi um lugar necessário à invenção da psicanálise e a escrita das cartas foi o meio pelo qual, e com o qual, Freud desenvolvia a amizade, subjetivava-se e também inventava a psicanálise, de um modo intrincado, sem obedecer obrigatoriamente a essa sequência. Tomamos as cartas de Freud a Fliess como um acontecimento onde, ao lê-las, desejo e verdade pulsam e veiculam. Foi com essa visada que buscamos colher algo da ordem do vivo, que permitisse sustentar nossa hipótese e também extrair a transmissão do impossível de transmitir. Para isso caminhamos obliquamente, e nos apoiamos especialmente em dizeres de Freud ora diretamente a Fliess, ora manifestados de modo esparso a outros psicanalistas, em confidências expressas em cartas ou em encontros pessoais.

Para afirmar que a escrita das cartas a Fliess é parte do processo de invenção da psicanálise fizemos um caminho retroativo, onde a cronologia sequencial importa para situar uma anterioridade, mas sem estancar no tempo cronológico o sentido dos dizeres a Fliess ou sobre Fliess. A busca por outras correspondências, portando, às vezes atravessando longas distâncias temporais e destinatários variados, visou articular o sentido do que era dito sobre o

¹⁹⁴ Carta a Fliess de 2.03.1899. Masson 1986, p. 347.

acontecimento Fliess e seus entrelaçamentos à escrita de Freud. Desse modo pretendemos construir argumentos para sustentar a afirmação quanto ao lugar necessário de Fliess junto a Freud.

Partimos primeiramente do desconforto de Freud frente ao reaparecimento das cartas, em 1928, trinta e oito anos após a interrupção da amizade, e do desconforto dos primeiros psicanalistas que após a morte de Freud decidiram pela edição e publicação selecionada das cartas, bem como dos tomaram contato com as cartas de Freud a Fliess pela via exclusiva de sua publicação, em 1950. Não se exclua aqui as pesquisas que redundaram nas recentes publicações das cartas em sua íntegra. Em todos os casos tratava-se do atravessamento das cartas da cena íntima para a cena pública. No caso de Freud o desconforto se deveu à fratura na barreira do esquecimento a que Freud as relegara. O reaparecimento das cartas, no limite do portal da cena pública, disparou em Freud o desejo de vê-las incineradas. Como poderia interessar à posteridade um monte de “palpites e pistas falsas”? Estranho pudor para quem moveu o *Aqueronta*!

Nossa hipótese, desenvolvida no capítulo I, foi a de que o motivo desse desconforto não se reduzia a um simples segredo revelado, nem à imaturidade de suas formulações em si mesmas. Mas que a revelação daquela intimidade carregava com ela a ameaça de surgimento na boca de cena algo que não pode estar ali pois é de outra ordem; tratava-se da cena de dependência fundamental ao outro/Outro, aquela que preside a possibilidade da fala e o seu deslizamento. O segredo da dependência de Freud em relação a Fliess revelado pelas cartas era, na verdade, um recobrimento de algo muito mais fundamental, que era o *segredo* da cena ‘íntima’ (inconsciente) da fala na linguagem, da relação com o outro semelhante que encarna o lugar do Outro, do sujeito que faz ligação entre significantes. A dependência amorosa em relação a Fliess, tão comentada pelos biógrafos, foi parte constitutiva da abertura para a linguagem, da sustentação da divisão do sujeito Freud, e do pulsante funcionamento do objeto causa de desejo.

Além dessa condição primária, tomamos também o pudor de Freud frente a suas hipóteses prematuras e pistas falsas expressas na carta a Marie Bonaparte que comentamos neste trabalho, como um pudor primário, relativo à falta na

linguagem. A passagem do real para o simbólico expõe o sujeito à falta no simbólico, à não existência da relação sexual. É a essa incompletude indizível que atribuímos ao aborrecimento de Freud pela exposição de falta as cartas revelavam, sua aparente fragilidade e inconsistência. “A nossa correspondência foi a mais íntima que você possa imaginar”,¹⁹⁵ e da qual Freud pouco podia falar além de: “as cartas versam sobre tudo e nada questões fatuais e pessoais”, como Freud escreveu na carta a Bonaparte¹⁹⁶ que analisamos no capítulo I deste trabalho. O pudor diz respeito à ameaça de exposição daquilo de que não se pode falar, uma vez que não há relação sexual, há falta no sexo.

Sublinhamos no decorrer do presente trabalho, a dimensão da linguagem na relação ciência e psicanálise, o que equivale a reconhecer o lugar do sujeito e da verdade. Falar de sujeito é falar também do desejo de Freud na invenção da psicanálise, que é o desejo de análise. O desejo de análise de Freud se realizou na escrita das cartas, dos rascunhos e da teorização. O dialogo com Fliess, que Lacan identifica como sendo toda a obra de Freud, foi realizado com e na escrita. Esse foi o lugar necessário de Fliess na invenção da psicanálise. Na escrita de *A interpretação dos sonhos*, a relação com Fliess já não era a mesma de quando Freud escreveu o Projeto, mas ainda assim ocupava lugar importante, de causar *pensamento inconsciente*, digamos assim para dizê-lo de um modo sintético. Assim como em *A interpretação*, também em os *Chistes* e em a *Psicopatologia da vida cotidiana*, o material produzido por Freud e analisado com e na escrita, foi produzido com Fliess como parte dessa produção, como diz Freud na carta de 7 de agosto de 1901:

*Ele [o Cotidiano] está repleto de referências a você – manifestas, para as quais você forneceu material, e ocultas, cuja motivação remonta a você. À parte qualquer outra coisa que possa restar do conteúdo, você pode encará-lo como um testemunho do papel que você desempenhou para mim até agora.*¹⁹⁷

¹⁹⁵ Carta de Freud a Marie Bonaparte de 3.1.1937 Masson p.7.

¹⁹⁶ Carta de Freud a Marie Bonaparte de 10.01.1937, Masson 1986, p. 9.

¹⁹⁷ Masson 1986, p. 448.

Paradoxalmente, se vamos ao “*Cotidiano*” não veremos ali Fliess ter um papel tão central como Freud deixa claro nesta carta. Apesar de ser um texto que foi retomado por Freud em suas muitas reedições, e portanto, não podemos afirmar que o texto que nos chegou seja o mesmo mencionado por Freud nesta carta, o fundamental para nosso argumento é que Fliess desempenhou um papel central na produção de *material* para a escrita de Freud. Foi também referência, mas referência de que, como? É por ambiguidades como essa que afirmamos o lugar de Fliess como sendo um lugar necessário, pelo impossível que é descrevê-lo; falar dele é sempre insuficiente para dar conta de sua importância; nunca é possível torná-lo transparente, embora possamos, certamente, entrever seus efeitos, mesmo quando não é diretamente referido.

No decorrer deste trabalho, apontamos também outra marca indissociável da cena da invenção da psicanálise que foi o titubeio de Freud frente a preservação das cartas. Apesar de seu desejo declarado de queimá-las, as cartas efetivamente chegaram até nós graças ao próprio Freud. Mesmo que tenhamos que louvar os esforços de muitos que viram nelas importante fonte de transmissão da psicanálise, Freud as preservou dando passagem ao desejo da família Fliess de vendê-las. Ele não as reclamou no momento em que o assunto do resgate de cartas foi veiculado pela viúva de Fliess, em 1928. Desse modo, o inventor da psicanálise deixou passar seu desejo de transmissão da cena da invenção.

Também levamos em conta para nosso argumento os modos como outros psicanalistas, os que freqüentaram o círculo próximo a Freud, reagiram ao real das cartas e ao escancaramento da relação com Fliess. Os efeitos do impacto da primeira publicação foram de desconcerto e espanto e os atos foram de simples seleção e censura das cartas promovidos pelos editores. Procedeu-se também na biografia oficial de E. Jones, a uma busca circular de significações apoiada numa decifração imaginária dos fragmentos escritos da relação entre os amigos e que não se ajustavam ao Freud conhecido e idealizado. Os efeitos de transmissão nas publicações foram analisados no presente trabalho e pudemos ver como as cartas a Fliess foram tratadas como uma pedra no meio do caminho, algo que não se podia simplesmente passar por cima, que reclamava seu reconhecimento, mas de

difícil articulação. Aquelas posições tomadas na transmissão foram efeitos inegáveis da posição assumida pelos responsáveis pelas traduções e edições, posição frente à relação psicanálise, verdade e ciência, ao objeto da psicanálise, ao inconsciente portanto.

Foi sob prisma do retorno a Freud de Lacan que criticamos a tomada de posição dos primeiros editores das cartas em 1950, e do editor das cartas completas em inglês, J.M.Masson. O retorno a Freud proposto por Lacan se inscreve no retorno ao sentido de Freud, ao sentido da *peste*, que é o de que a verdade fala e de que só há fala na linguagem. Tomar as cartas como documentos históricos, quer da psicanálise, quer da biografia de Freud, é ignorar essa dimensão de linguagem e fala presentes nos textos das cartas, com o que se exclui Freud e seu desejo na invenção teórica.

Este presente trabalho enfrentou ainda a suposição, bastante difundida, de que Fliess estaria, sim, nos primórdios da psicanálise, mas como analista de Freud. Essa tem sido a interpretação que busca nos procedimentos clínicos da psicanálise a razão para o incompreensível da relação Freud e Fliess revelada nas cartas. Mas, não foi essa a posição que emergiu das cartas lidas por nós. A transferência de Freud para Fliess não se baseava na suposição de saber inconsciente em Fliess, mas de saber científico, como diz Erik Porge. Vejamos abaixo, na carta de 1895, um exemplo forte do que afirmamos, que é um entre outros tantos. Diz Freud a Fliess:

Fiquei, é claro, satisfeitíssimo com sua opinião sobre a solução para a histeria/neurose obsessiva. Agora escute só. Numa noite laboriosa da semana passada, quando eu estava sofrendo daquele grau de dor que propicia as condições ótimas para minhas atividades mentais, as barreiras ergueram-se subitamente, os véus caíram e tudo se tornou transparente – desde os detalhes das neuroses até os determinantes da consciência. [...] naturalmente mal consigo conter minha alegria. [...] foi só ao tentar expor o assunto a você que todo ele se tornou evidente para mim.¹⁹⁸

¹⁹⁸ Masson 1986, p. 147.

Nesta carta Freud diz a Fliess um sonoro “Agora escute só.” determinando lugares de fala e escuta. O objeto em jogo na correspondência é a própria invenção da teoria, o momento em que subitamente “os véus caíram e tudo se tornou transparente”, frente ao qual uma mal contida alegria toma conta de seu inventor. O caráter fundamental do endereçamento ao outro na escrita é fortemente apontado na última frase da carta acima: “foi só ao tentar expor o assunto a você que todo ele se tornou evidente para mim.” Colocamos ênfase nos termos: lugar fundamental do endereçamento.

O fato de ter sido uma relação basicamente tecida nos textos das cartas e rascunhos, ao mesmo tempo em que Freud inventava teorizava inventando e publicava, levou-nos a apostar na escrita a Fliess como sendo o fio condutor sobre o qual se assentava e deslizava a fala de Freud. A consideração da escrita das cartas, portanto, foi fundamental para nossa afirmação. Fliess ocupou o lugar necessário enquanto destinatário fundamental para que Freud falasse o que era novo até para ele mesmo.

A extrema dependência amorosa de Freud e a sua conseqüente submissão para com Fliess, difícil de deglutir nas biografias ou tomadas como sinal da análise de Freud com Fliess, obteve neste trabalho, portanto, uma outra visada. Para retirar a relação de ambos do aprisionamento de interpretações redutoras, contamos com a perspectiva de Lacan: o inconsciente estruturado como linguagem. Tal concepção, entre outras consequências, destaca o sujeito, dessubjetivado, como efeito de significantes, aquele sobre o qual a ciência também se interessa.

Freud escrevia para Fliess cartas e escrevia também os textos teóricos seminais da psicanálise, sendo que o *Projeto* (1895) é o melhor exemplo de um esforço de teorização que só chegou a nosso conhecimento por que foi preservado juntamente com as cartas. Mesmo tendo ficado apenas como um rascunho, sem que seu autor lhe tivesse encaminhado à publicação, o *Projeto*, embora seja tratado como texto teóricos de Freud, foi escrito quase que como uma carta para Fliess. Esse quase tem o valor do que fica entre, uma vez que

mesmo não tendo sido publicado, pode-se divisar seus efeitos em vários textos posteriores, estes sim, publicados. O fato de nos ter chegado primeiramente como um manuscrito, sem o corte da impressão que lhe daria a marca do aval do autor para o leitor anônimo, não retira de modo algum a importância do *Projeto*. Ele se constitui numa verdadeira fonte de achados teóricos, de tal modo que idéias desenvolvidas no *Projeto* podem ser, entrevistas em importantes passagens teóricas tardias, como *Além do princípio do prazer* (19). Pode-se dizer, que aquele ‘rascunho’ foi escrito animado para Fliess, tendo Freud claramente revelado ao amigo: “tenho lhe escrito tão pouco apenas por estar escrevendo muitas coisas para você: ou seja, escrevendo aquilo que comecei no trem: um relato sumário da $\phi \ \varphi \ \omega$, que você poderá usar de base para sua crítica”.¹⁹⁹ Freud demanda a crítica da teoria escrita e não um analista.

Lembremos ainda que foi Freud quem escutou o segredo da histérica e o levou a sério.

Em *A história do movimento psicanalítico* (1914), Freud organiza um relato sobre o surgimento da psicanálise. A oportunidade dessa narrativa é dada por duas grandes dissensões do então recente movimento psicanalítico, a de Adler em 1911 e a de Jung em 1913. O texto é datado por Freud como sendo de janeiro de 1914.²⁰⁰ Freud, com esse texto vem para dizer quem é o inventor da psicanálise e quais são os seus fundamentos. Ele o diz com a determinação bíblica de um Moisés, que quebrou as Tábuas da Lei diante da traição do povo que preferira adorar o bezerro de ouro – visível, palpável e fulgurante – em detrimento do Deus de quem só se podia ouvir a voz ou ver o sinal de fumaça de sua presença. Nesse texto Freud narrou algo da história da invenção da psicanálise e o fez provocado pela resistência daqueles colegas às suas ideias e pelos consequentes desvios na teoria. Essas dissensões causaram extremo desgaste a Freud que, a essa altura, lamentava ter perdido sua condição de *esplendido isolamento*, que melhor lhe permitia dedicar-se a seus textos.²⁰¹ Curiosamente ambos os desafetos lembravam Fliess, conforme Freud

¹⁹⁹ Carta de Masson 1986, p.

²⁰⁰ Ler sobre o assunto em Jones 1989, vol. 2, p. 136-160.

²⁰¹ Jones, E. 1989, vol. 2, p. 140

confidenciou a seus correligionários. O mais curioso é que a primeira parte da *História do movimento psicanalítico*, na qual Freud conta com certo detalhe sobre os primórdios de seu processo de invenção da psicanálise, em nenhum momento Freud cita Fliess como seu parceiro. Fliess estava, então, soterrado para a cena pública. Mas, só para a pública, pois nessa mesma época, Fliess era lembrado por Freud de modo pontual e a ele se referia em comentários confidenciais, como pudemos ver no capítulo III. No isolamento esplêndido estava Fliess, que continuara a aparecer em sonhos e, veladamente, em textos teóricos, com a constância que só a temporalidade inconsciente pode sustentar.

A razão de trazermos esse texto de Freud, que nem figura entre seus textos mais importantes, se cumpre também por mais outro motivo além do indicado acima. Freud construiu sua narrativa de modo a marcar o caráter independente de seus achados, mostrando que as suas formulações teóricas advinham de suas observações e da certeza daí advinda. Com isso afirmava que nada havia de intencional e pré-concebido de sua parte, suas elaborações teóricas foram forçadas e o ultrapassavam. Diz ele:

A ideia pela qual eu estava me tornando responsável de modo algum se originou em mim. Fora-me comunicada por três pessoas cujos pontos de vista tinham merecido meu mais profundo respeito – o próprio Breuer, Charcot e Chrobak, o ginecologista da Universidade, talvez o mais eminente de todos os nossos médicos de Viena. Esses três homens me haviam transmitido um conhecimento que, rigorosamente falando, eles próprios não possuíam. [...] Mas, essas três opiniões idênticas [a etiologia sexual nas neuroses], que eu ouvira sem compreender, tinham ficado adormecidas em minha mente durante anos, até que um dia despertaram sob a forma de uma descoberta aparentemente original. [...] Dou-me conta muito bem de que uma coisa é externar uma idéia uma ou duas vezes sob a forma de um *aperçu* passageiro, e outra bem diferente é levá-la a sério, tomá-la ao pé da letra e persistir nela, apesar dos detalhes contraditórios, até conquistar-lhe um lugar entre as verdades aceitas. É a diferença entre um flerte fortuito e um casamento legal com todos os seus deveres e dificuldades.²⁰²

Chamamos a sua atenção, leitor, para como Freud diz, tão claramente, sobre os surpreendentes e complexos efeitos de transmissão na invenção da

²⁰² Freud, S. *História do movimento psicanalítico* [1914] p. 22-25.

psicanálise. Ele nos conta que seus eminentes professores, que paradoxalmente lhe transmitiram a verdade da histórica, a ignoravam e até mesmo vieram a negá-la em suas consequências teóricas. Só muito mais tarde Freud, que perseguia o enigma das manifestações absurdas da neurose, veio a se dar conta, diz ele, da importância daquelas *opiniões* de seus eminentes mestres, da verdade que eles viram e ouviram, mas não puderam deixar-se marcar por ela. Foi então que ele pode *tomá-la ao pé da letra e persistir nela*: foi a letra que ouvira de outros que insistiu. Foi com a escrita que levou a sério, persistiu, e inventou a psicanálise.

A letra abordada pelo prisma do aforismo de Lacan, o inconsciente é estruturado como uma linguagem, permite relações muito complexas entre a lógica simbólica, advinda da crise dos fundamentos da matemática, e a psicanálise lacaniana. Não desenvolveremos aqui essa questão, nem as relações da letra lacaniana e a letra da lógica simbólica, tão bem tratadas por Le Gaufey²⁰³ em texto já citado por nós no capítulo II. Traremos apenas, brevemente, um importante apontamento do autor acerca da letra, do sujeito lacaniano e da escrita. Para tanto, ressaltaremos, abaixo, uma passagem final do estudo de Le Gaufey na qual o autor reserva para a escrita um lugar fundamental, associada à questão da incompletude do simbólico.

Le Gaufey nos aponta que a letra, tanto para Hilbert, o lógico-matemático, quanto para Lacan, é tomada segundo um plano estritamente formal, esvaziada de qualquer referencia. Ambas as concepções de letra, que quebram com a ordem referencial, se inscrevem sob o mesmo regime que ele chama de ordem literal e é a incompletude que o qualifica. Ao conceber a letra como dependendo dessa ordem literal, em sua textura mínima, deve-se aceitar que: “pensar, falar e escrever se alinham, resguardadas todas as suas especificidades, como modos enunciativos sujeitos ao mesmo regime de incompletude” (Le Gaufey 1996, p. 236).

O autor prossegue com o que mais nos interessa para o presente trabalho, que é o apontamento da escrita articulada à fala e ao pensamento lógico. Le

²⁰³ Le Gaufey, G. *L'incomplétude du symbolique – de René Descartes à Jacques Lacan*, 1996. Paris: E.P.E.L.

Gaufey faz esse apontamento ao recuperar o modo como essas articulações se deram ao longo de passagens realizadas por importantes pensadores. O autor diz que no enfrentamento do funcionamento do pensamento:

Descartes se mostrou muito pouco sensível ao fato que, para pensar, lhe era preciso necessariamente falar e escrever. Frege, quanto a ele, fez tudo que podia para soldar pensamento e escritura (*Begriffsschrift*) tentando esquecer que ele falava. Freud, de sua parte, soube mostrar – via o sonho – que há mais de escrito do que se crê comumente quando ocorre que os pensamentos (*Denken*) se colocam em palavras. Mas foi necessária a ambição formalista de um Hilbert para ousar pensar, dizer e escrever:

O pensamento se produz, precisamente, em paralelo com a palavra e com o escrito: nós formamos os julgamentos e nós os colocamos um atrás do outro.

É no lugar desse “um atrás do outro”, no lugar dessa linearidade formal mínima, desse deslizamento metonímico recebido por Hilbert como um *dado*, que Lacan introduziu sua suposição: o que faz ligação merece se chamar “sujeito” (Le Gaufey 1996, p. 237).

Tal citação reduz o estancamento da escrita, do pensamento e da fala, como atos elementares e separados e permite, sem que percam a especificidade, tomá-los como articulados pelo que se chama “sujeito”, segundo uma ordem que é a literal. Se a isso relembramos que não há fala fora da linguagem, então o lugar de Fliess se torna solidamente fundamentado como necessário. O processo de invenção de Freud e sua relação com a escrita torna-se, assim, menos casual e passa a ter uma justificação mais forte, mais constitutiva.

A esta altura de nosso trabalho só podemos esperar que o prezado leitor possa ter extraído, destas mal traçadas linhas, alguma luz sobre as complexas relações da escrita das cartas de Freud a Fliess associada à invenção teórica. Pensar, falar e escrever fazem parte inextricável da teorização. Que os mistérios e as dificuldades da escrita teórica da psicanálise tenham ganhado o proscênio, sem diluir o que tenham de impossível e indevassável que lhes é próprio. Que com isso seja relevada a dimensão do *socius* que lhe é requerido como necessário, pois ele é parte constitutiva da invenção de Freud, e que a isso se junte o papel fundamental da escrita nem sempre lembrado. Que o leitor *saiba* que contar com

um outro é indispensável, muito mais se ao escrever seus trabalhos se sentir mordido e consumido por seus próprios cães de caça. Com algum grau de benevolência ou indiferença – sem sentimentos de oposição – “é indispensável a terceira pessoa para a completação do processo.”²⁰⁴

Se tais apontamentos parecem redundantes, o caminho já foi percorrido.

²⁰⁴ Freud, S. (1905) *Os chistes e sua relação com o inconsciente*, Imago, p 179, 1977,

Referências Bibliográficas

ANZIEU, D. *A auto-análise de Freud e a descoberta da psicanálise*. Tradução de C. E. Reis. Porto Alegre: Artes Médicas, 1989.

BLANCHOT, M. *O espaço literário*. Tradução de Álvaro Cabral. Rio de Janeiro: Rocco, 1987.

COTTET, S. *Freud e o desejo do psicanalista*. Tradução de Ari Roitman. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1989.

FELMAN, S. *Jacques Lacan and the adventure of insight: psychoanalysis in contemporary culture*. Harvard University Press, 2004.

FREUD, S. *Correspondência de amor e outras cartas (1873-1939)*. Tradução de A. S. dos Santos. Edição preparada por Ernest Freud. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1982.

_____. (1891) *A interpretação das afasias – um estudo crítico*. Trad. de A. P. Ribeiro. Lisboa: Edições 70, 1979.

_____. (1900-1901) *A interpretação dos sonhos*. In S. Freud, Edição Standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud (Coordenador da tradução, J. Salomão) Rio de Janeiro: Imago, v. V, 1976.

_____. (1909) *Cinco lições de psicanálise* 1909. In S. Freud, Edição Standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud (Coordenador da tradução, J. Salomão) Rio de Janeiro: Imago, v. XI, 1976.

_____. (1911) *Notas psicanalíticas sobre um relato autobiográfico de um caso de paranóia (dementia paranoides)*. [O caso de Schreber]. In S. Freud, Edição Standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud (Coordenador da tradução, J. Salomão) Rio de Janeiro: Imago, v. XII, 1976.

_____. (1915) *Três ensaios sobre a sexualidade* 1915, R. Janeiro (Freud 1980)

_____. *Um estudo autobiográfico*, (1925 [1924]). In S. Freud, Edição Standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud (Coordenador da tradução, J. Salomão) Rio de Janeiro: Imago, v. XX, 1976.

_____. *Briefe an Wilhelm Fliess, 1887-1904, Vollständige Ausgabe*, Herausgegeben von Jeffrey Moussaieff Masson; Bearbeitung der deutschen Fassung von Michael Schröter; transcription von Gerhard Fichtner, S. Fischer Verlag, Frankfurt. 1985.

FREUD, S. e PFISTER, O. *Cartas entre Freud e Pfister: Um diálogo entre a psicanálise e a fé Cristã (1909-1939)*. Trad. K. H. K. Wondracek e D. Junge. Viçosa: Ultimato, 1998.

FOUCAULT, M., *O poder psiquiátrico (Curso dado no Collège de France) (1973-1974)*. Tradução de E. Brandão. São Paulo: Martins Fontes, 2006.

_____. (1969) *O que é um autor?* Tradução de A. F. Cascais e E. Cordeiro. Portugal: Editora Passagens, 1995.

FUKS, B. *Freud e a judeidade – a vocação do exílio*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2000.

GAY, P. *Freud, uma vida para nosso tempo*. Tradução de Denise Bottmann; Consultoria editorial, Luiz Meyer. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.

HANNS, L. *Uma Nova Tradução Brasileira das Obras de Freud*; Estados Gerais da Psicanálise: Segundo Encontro Mundial, Rio de Janeiro 2003; Disponível em: www.estadosgerais.org/mundial.../3f_Hanns_112141003_port.pdf Acesso em janeiro de 2010.

HOUAISS, A. e VILLAR, M. *Dicionário Houaiss da língua portuguesa*. R. Janeiro: Objetiva Ltda, 2004, 1ª impressão com alterações.

JONES, E. *A vida e a obra de Sigmund Freud*. Trad. J. Castañon Guimarães. R. Janeiro: Imago, 1989. 3v.

LACAN, J. A agressividade em psicanálise (maio de 1948), em *Escritos*. R. Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1998, p. 104-126

_____. Freud no século – Conferencia de 16 de maio de 1956 (p. 263-277), em *O seminário Livro 3 – As psicoses (1955-1956)*. Trad. A. P. de Menezes. R. Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1985.

_____. Apresentação das memórias de um doente dos nervos, em *Outros escritos*. Trad. V. Ribeiro. R. Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2003.

_____. *Da psicose paranóica em suas relações com a personalidade*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1987.

_____. *O seminário, Livro 10 – A angústia (1962-1963)*. R. Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2005.

_____. *O seminário, Livro 17 – O avesso da Psicanálise*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1992.

_____. *O seminário, Livro 11 – Os quatro conceitos fundamentais da psicanálise*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1999.

_____. Proposição de 9 de outubro de 1967 sobre o psicanalista de escola, em *Outros escritos*, R. Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2003.

_____. *O seminário, Livro 2 – O eu na teoria de Freud e na técnica da psicanálise (1954-1955)*. Trad. M. Lasnik com colaboração de L. Quinet de Andrade. R. Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1985.

Le GAUFEY, G. *L'incomplétude du symbolique – de René Descartes à Jacques Lacan*. Paris: E.P.E.L. 1996.

LEITE, N. *O que é “um retorno a...”?* apresentado na Escola de Psicanálise de Campinas em agosto de 2007, mimeo.

MASSON, J. *A correspondência completa de Sigmund Freud para Wilhelm Fliess 1887-1904*. Tradução de Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Imago, 1986.

MONZANI, L. *Freud – o movimento de um pensamento*, 2ª ed. Campinas: Editora da Unicamp, 1989.

PICKETT, J. (ed.). *American Heritage Dictionary of the English Language*. Boston /New York: Houghton Mifflin Company, 2000.

PORGE, E. *Freud/Fliess – Mito e quimera da auto-análise*. Trad. V. Ribeiro. R. Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1998.

_____. *Roubo de idéias? Wilhelm Fliess, seu plágio e Freud*. R. Janeiro: Companhia de Freud, 1998.

_____. Du mythe de l'auto-analyse de Freud au discours psychanalytique em Freud-Fliess: passion secrète, passion publique. *Essaim* Revue de psychanalyse, n. 19. Éditions érès, Paris, 2007, pp. 11-26.

SIMANKE, R. *Metapsicologia Lacaniana: os anos de formação*. São Paulo: Discurso Editorial; Curitiba: Editora UFPR, 2002.

VANDERMERSCH, B. Note sur la formation théorique de l'annaliste. *Essaim* n. 11, 2003, pp. 155-164.

VERAS, V. *Lingüisterria: um chiste* (Tese de doutorado) IEL, Unicamp, 1999.

Anexos

ANEXO I

Emma Eckstein, Freud, Fliess o episódio da operação de nariz

No início do ano de 1895 – fim de janeiro e princípio de fevereiro –, Fliess vai a Viena, onde faz uma cirurgia no nariz de Freud e no de Emma Eckstein. Freud envia a Fliess notícias sobre a difícil recuperação de Emma. Em 8 de março do mesmo ano, Freud relata, desconcertado mas de modo consistente, que fora encontrado na cavidade nasal de Emma *pelo menos meio metro de gaze*, cuja retirada havia sido seguida de intensa hemorragia (na nota de rodapé 4 da carta publicada por Masson: *Verblutungsszene*, literalmente a cena do sangramento até a morte). O modo como Freud enfrenta o acontecimento é um rico ilustrativo dos giros que faz para enfim manter (mais ou menos) Fliess em lugar de confiança irrestrita. Não se trata de proceder a uma análise desse trecho da carta, mas de transcrevê-lo para que o leitor possa acompanhar como foi que, nesse momento, Freud driblou a verdade.

Na carta de 8.3.1895, Freud relata a Fliess (Masson 1986, p. 117/118):

No instante em que o corpo estranho saiu e tudo se tornou claro para mim – e, logo em seguida, fui confrontado com a visão da paciente - senti náuseas. Depois de colocado nela o tampão, fugi para a sala ao lado, bebi uma garrafa d'água e me senti péssimo.

Foi então que a Frau Doktor me trouxe um pequeno copo de conhaque e voltei a ser eu mesmo. [...] Não creio que tenha sido o sangue que me transtornou; naquele momento, havia fortes emoções brotando em mim. Pois não é que lhe tínhamos feito uma injustiça!

Ela não tinha nada de anormal; ao contrário, um pedaço de gaze iodoforme se havia rompido quando você o retirou e ali permanecera por quatorze dias, impedindo a cicatrização; no final foi arrancado e provocou o sangramento. A ideia de que um desastre desses pudesse acontecer com você, de como você reagiria ao tomar conhecimento do fato, de como os outros poderiam interpretá-lo, de quanto errei em insistir em que você operasse numa cidade estranha

onde não poderia acompanhar o caso até o fim, de como minha intenção de fazer o melhor possível por essa moça foi traiçoeiramente distorcida e resultou num risco para a vida dela – tudo isso se apoderou de mim simultaneamente. Agora já está tudo superado. Não tive discernimento suficiente naquele momento, para pensar em repreender Rosanes na mesma hora. Só dez minutos depois é que me ocorreu que ele devia ter pensado, de imediato: há alguma coisa aí dentro; não vou puxar, para que não haja uma hemorragia; em vez disso, vou tamponar um pouco mais, levá-la para Loew e, lá, limpar e desobstruir ao mesmo tempo. Mas, ele ficou tão surpreso quanto eu. Agora que já pensei muito no assunto, não resta nada além de uma sincera compaixão por essa minha criança penitente. A rigor, eu deveria atormentá-lo com isso, mas tinha todos os motivos para confiar-lhe esse assunto, e mais ainda. Você fez tudo tão bem quanto se pode fazer. A ruptura da gaze iodoforme é um desses acidentes que acontecem com os mais afortunados e cuidadosos cirurgiões, como você sabe pela situação que houve com a adenotomia interrompida e a anestesia de sua cunhadinha. [...] É claro que ninguém o está culpando, nem vejo porque devesse fazê-lo. Espero apenas que venha tão depressa quanto eu sentir-se compadecido, e esteja certo de que não foi necessário reafirmar minha confiança em você mais uma vez. Só quero acrescentar que, por um dia evitei timidamente informá-lo do acontecido; depois comecei a me sentir envergonhado, e aqui está a carta.

Freud precisou dar-se um tempo para processar a náusea que nenhum copo d'água poderia mesmo ter resolvido. O desastre, todavia, foi recoberto com sentimento de culpa, responsabilizando-se pelo ocorrido. Masson chama a atenção, em nota de rodapé, para uma observação de Max Schur (1972, p. 67) a respeito de Fliess e de seu “dom de impressionar amigos e pacientes com a profusão de seus conhecimentos biológicos, sua enorme imaginação e sua confiança inabalável em suas aptidões terapêuticas.” Para sustentar tal afirmação, Schur lembra justamente que, apesar do grave erro de Fliess na cirurgia, Emma permaneceu-lhe fiel pelo resto da vida. (Masson 1986, p. 122). Também entre psicanalistas berlinenses, Abraham em particular, Fliess contava com admiradores e amigos. Se Freud mascarou sua relação com Fliess, não foi por acaso.

Anexo II

Tabela de equivalência

Transcrevemos a seguir a tabela de comparação entre as edições alemãs de 1950 e 1985, precedida de uma breve explicação da mesma, com vistas especialmente a cotejar as diferentes numerações das cartas. Tal trabalho baseia-se na tradução nossa da edição alemã: *Briefe an Wilhelm Fliess, 1887-1904, Vollständige Ausgabe, Herausgegeben von Jeffrey Moussaieff Masson; Bearbeitung der deutschen Fassung von Michael Schröter; transcription von Gerhard Fichtner, S. Fischer Verlag, Frankfurt. 1985.*

Tabela de equivalência ²⁰⁵

“A tabela a seguir, de várias páginas, tem uma dupla finalidade:

- 1. Comparar a numeração das cartas [de Freud a Fliess] e suas respectivas páginas que se encontra na presente edição [alemã, de 1985] com aquelas que constam da primeira edição (Freud 1950a, versão encadernada de 1962). Com isto, pretende-se facilitar a verificação das citações. Deve-se observar que as posições de dois dos rascunhos (C1 e I) foram modificadas na presente edição, como indicadas nas respectivas linhas.**
- 2. Indicar as cartas que constam da presente edição e quais delas aparecem de forma integral. A extensão aproximada dos cortes feitos na edição de 1950 é indicada com asteriscos na coluna à direita, com os seguintes significados:**
 - * : A diferença entre a edição atual [de 1985] e a anterior [de 1950], consiste de poucas palavras ou, no máximo, uma frase.**
 - ** : A diferença é de menos da metade da carta.**
 - *** : A diferença é de mais da metade da carta.”**

²⁰⁵ Tradução nossa de *Briefe an Wilhelm Fliess, 1887-1904, Vollständige Ausgabe, Herausgegeben von Jeffrey Moussaieff Masson; Bearbeitung der deutschen Fassung von Michael Schröter; transcription von Gerhard Fichtner, S. Fischer Verlag, Frankfurt. 1985.*

Tabela de equivalência entre numerações e paginação das cartas nas edições de 1985 e de 1950

Anos	Dias e meses	Nos. de carta na Edição de 1985	Nos. de pág. na Ed. 1985	Nos. de carta na Edição de 1950	Nos. de pág. na Ed. 1950 (A. Freud, M. Bonaparte e E. Kris)
1887	24 novembro	1	3-4	1	51-52
	28 dezembro	2	5	2	52-53
1888	4 fevereiro	3	6-7	3	53-54 *
	28 maio	4	8-9	4	54-55 **
	9 agosto	5	9-12	5	55-57
1890	21 julho	6	12		-
	1 agosto	7	12-13	6	57-58 *
	11 agosto	8	14	7	58
1891	2 maio	9	14-15	8	59
	17 agosto	10	15		-
	11 setembro	11	16		-
1892	25 maio	12	16		-
	28 junho	13	17-18	9	59-60 **
	2 julho	14	18-19		-
	4 outubro	15	20	10	60 *
	21 outubro	16	20-22		-
	24 outubro	17	22		-
	31 outubro	18	23		-
	3 novembro	19	23		-
	18 dezembro	20	24	11	60
	(sem Data)	Rasc.A	24-26	Rasc. A	61-62
1893	5 janeiro	21	26-27		-
	8 fevereiro (data incerta)	Rasc. B	27-33	Rasc. B	62-68
	c. 10 abril	Rasc. C1	33-36	Rasc. C	68-70 **
	c. 10 abril	Rasc. C2	36-39		-
	14 maio	22	39-40		-
	15 maio	23	40-41		-
	30 maio	24	41-42	12	68 ***
	10 julho	25	42-44	13	70-71 **
	24 julho	26	45		-

Anos	Dias e meses	Nos. de carta na Edição de 1985	Nos. de pág. na Ed. 1985	Nos. de carta na Edição de 1950	Nos. de pág. na Ed. 1950 (A. Freud, M. Bonaparte e E. Kris)
	13 agosto	27	45-46		-
	20 agosto	28	46-48		-
	14 setembro	29	48-49		-
1893	29 setembro	30	49-50		-
	6 outubro	31	50-52	14	71-73 **
	18 outubro	32	52-53		-
	27 (<i>data correta: 17 novembro</i>)	33	54-55	15	73 ***
	11 dezembro	34	56-57		-
1894	4 janeiro	35	57-58		-
	16 janeiro	36	58		-
	30 janeiro	37	59		-
	7 fevereiro	38	59-60	16	74 **
	19 abril	39	60-63	17	75-76 **
	25 abril	40	63-63		-
	6 maio	41	65		-
	21 maio	42	66-69	18	77-79 **
	(<i>sem data</i>)	Rasc. D	69-71	Rasc. D	79-80
	6 junho (<i>data incerta</i>)	Rasc. E	71-76	Rasc. E	80-86
	22 junho	43	76-80	19	86 ***
	28 junho (<i>data incerta</i>)	44	80-81		-
	14 julho	45	81-82		-
	25 julho	46	82-83		-
	7 agosto	47	83		-
	18 agosto	48	83-84	20	87 ***
	18 agosto	Rasc. F1	84-85	Rasc. F1	87-88
	23 agosto	49	85-86		-
	18-20 agosto	Rasc. F2	86-89	Rasc. F2	88-90 *
	29 agosto	50	89-91	21	91 ***
	13 setembro	51	92		-
	(<i>dia incerto</i>) novembro	Rasc. O	92-95		-
	17 dezembro	52	96		-
1895	7 janeiro (<i>data incerta</i>)	Rasc. G.	96-102	Rasc. G	92-97 *

Anos	Dias e meses	Nos. de carta na Edição de 1985	Nos. de pág. na Ed. 1985	Nos. de carta na Edição de 1950	Nos. de pág. na Ed. 1950 (A. Freud, M. Bonaparte e E. Kris)
	<i>(sem data)</i>	Esquema Normal	103-104		-
	24 janeiro	53	105-106		-
	24 janeiro	Rasc. H	106-111	Rasc. H	97-103
	25 fevereiro	54	112		-
	4 março	55	112-115	22	103 ***
	8 março	56	116-119		-
	13 março	57	119-122		-
	23 março	58	122		-
	28 março	59	123-124		-
	11 abril	60	125-126		-
	20 abril	61	126-127		-
1895	26 abril	62	127-128		-
	27 abril	63	128-129	23	106 **
	25 maio	64	130-132	24	107-108 **
	12 junho	65	133-134	25	108 ***
	17 junho	66	134-135		-
	22 junho	67	135-136		-
	13 julho	68	136-137		-
	24 julho	69	137		-
	6 agosto	70	137-138	26	109 *
	16 agosto	71	138-139	27	109-110 **
	28 agosto	72	140-141		-
	15 setembro	73	141-143		-
	23 setembro	74	143-145	28	110-111 *
	8 outubro	75	145-147	29	112-113 **
	15 outubro	76	147	30	113 *
	16 outubro	77	148-149	31	113-114 **
	20 outubro	78	149-151	32	115-116 **
	31 outubro	79	151-152	33	116-117 **
	2 novembro	80	153	34	117-118
1895	8 novembro	81	153-155	35	118-119
	<i>(sem data)</i>	Rasc. I	155-157	Rasc. I	103-105
	29 novembro	82	158-159	36	119-120 **
	3 dezembro	83	159	37	120
	8 dezembro	84	160-161	38	121 *
	<i>(sem data)</i>	Rasc. J	161-164		122-124

Anos	Dias e meses	Nos. de carta na Edição de 1985	Nos. de pág. na Ed. 1985	Nos. de carta na Edição de 1950	Nos. de pág. na Ed. 1950 (A. Freud, M. Bonaparte e E. Kris)
1896	1 janeiro	85	164-169	39	124-128 **
	1 janeiro	Rasc. K.	169-178	Rasc. K	129-137
	6 fevereiro	86	178-179	40	137-138 **
	13 fevereiro	87	179-180	41	138-139 **
	23 fevereiro	88	181-182		-
	1 março	89	182-186	42	139-140 **
	7 março	90	186-187		-
1895	16 março	91	187-189	43	141 **
	29 março	92	189		-
	2 abril	93	190-191	44	142 **
	16 abril	94	191-192		-
	29 abril	95	193 –194		-
	4 maio	96	194-196	45[1]	143 ***
	17 maio	97	196	45[2]	143 ***
	30 maio	98	197-201	46	143-147 **
	4 junho	99	201-202	47	147 ***
	9 junho	100	202-203		-
	30 junho	101	203-204	48	147-148 **
1896	15 julho	102	205-206		-
	12 agosto	103	206-207		-
	17 agosto	104	208		-
	29 agosto	105	208		-
	29 setembro	106	209-210		-
	9 outubro	107	210 –211		-
	26 outubro	108	212	49	148-149 **
	2 novembro	109	212-214	50	149-150 **
	22 novembro	110	214-215		-
	4 dezembro	111	215-217	51	150-151 **
	6 dezembro	112	217-226	52	151-156 **
	17 dezembro	113	226-130	53	157-158 ***
	22 dezembro	114	230		-
1897	3 janeiro	115	230-233	54	158-159 **
	11 janeiro	116	233-236	55	159-161 *
	12 janeiro	117	236-237		-
	17 janeiro	118	237-238	56	161-162 **
	24 janeiro	119	239-241	57	162-164 **
	24 janeiro (<i>data</i>)	Anexo	242		-

Anos	Dias e meses	Nos. de carta na Edição de 1985	Nos. de pág. na Ed. 1985	Nos. de carta na Edição de 1950	Nos. de pág. na Ed. 1950 (A. Freud, M. Bonaparte e E. Kris)
	<i>incerta)</i>				
	8 fevereiro	120	243-245	58	165-166 **
	7 março	121	246		-
	29 março	122	247		-
	6 abril	123	247-248	59	166-167 ***
	12 abril	124	249-250		-
	28 abril	125	250-252	60	167-169
	2 maio	126	253-254	61	169-170 ***
	2 maio	Rasc. L	255-257	Rasc. L	170-172
1897	16 maio	127	258-261	62	173-174 **
	25 maio	128	261-262	63	175 ***
	25 maio	Rasc. M	262-265	Rasc. M	175-178
	31 maio	129	265-267	64	178-179 **
	31 maio	Rasc. N	267-269	Rasc. N	180-182
	18 junho	130	270		-
	22 (data correta: 12) de junho	131	271-272	65	182-183 *
	7 julho	132	272-274	66	183-184 **
	7 julho (data incerta)	Anexo	274		-
	20 julho	133	275-276		-
	5 agosto	134	276-277		-
	8 agosto	135	277-279		-
	14 agosto	136	279-281	67	185 ***
	18 agosto	137	281-282	68	185-186 **
	6 setembro	138	282-238		-
	21 setembro	139	283-286	69	186-189**
	21 setembro (data incerta)	Anexo	286		-
	27 setembro	140	287		-
	3 outubro	141	287-291	70	189-191**
	15 outubro	142	291-294	71	191-194**
	27 outubro	143	295-296	72	195-196 **
	31 outubro	144	297-298	73	196-197 **
	5 novembro	145	298-300	74	197-198 **
	14 novembro	146	301-305	75	198-202

Anos	Dias e meses	Nos. de carta na Edição de 1985	Nos. de pág. na Ed. 1985	Nos. de carta na Edição de 1950	Nos. de pág. na Ed. 1950 (A. Freud, M. Bonaparte e E. Kris)
	15 novembro	147	305-307		-
	15 novembro (<i>data incerta</i>)	Anexo	307		-
	18 novembro	148	308	76	202 *
	3 dezembro	149	308-310	77	203-204 **
	12 dezembro	150	310-312	78	204-205 **
	22 dezembro	151	312-315	79	205-206 **
	29 dezembro	152	316-317	80	207 **
1898	4 janeiro	153	317-320	81	208-209 **
	16 janeiro	154	320-321	82	209 ***
	22 janeiro	155	321-323		-
	30 janeiro	156	323-324		-
1898	9 fevereiro	157	325-327	83	210-211 **
	23 fevereiro	158	327-328		-
	5 março	159	328		-
	10 março	160	329-330	84	211-212 **
	15 março	161	331-332	85	212-213 **
	24 março	162	332-334	86	213-214 **
	3 abril	163	334-336	87	215 ***
	14 abril	164	336-339	88	215-218 **
	27 abril	165	339-340		-
	1 maio	166	340-342	89	218 ***
	18 maio	167	342-343		-
	24 maio	168	343-344		-
	9 junho	169	344-346	90	219 **
	20 junho	170	346-348	91	220-221 **
	7 julho	171	348-350	92	222-223 **
	30 julho	172	350-351		-
	1 agosto	173	351-352		-
	20 agosto	174	352-353	93	223-224 *
	26 agosto	175	353-355	94	224-225 **
	31 agosto	176	355-357	95	225-226
	22 setembro	177	357-358	96	227-228
	27 setembro	178	358-361	97	228-229 **
	9 outubro	179	361-362	98	230 **
	23 outubro	180	362-364	99	230-231 *
	30 outubro	181	364-365		-

Anos	Dias e meses	Nos. de carta na Edição de 1985	Nos. de pág. na Ed. 1985	Nos. de carta na Edição de 1950	Nos. de pág. na Ed. 1950 (A. Freud, M. Bonaparte e E. Kris)
	6 novembro	182	365-366		-
	16 novembro	183	366		-
	30 novembro	184	367		-
	5 dezembro	185	367-368	100	232 **
	7 dezembro	186	368-369		-
	20 dezembro	187	369-370		-
1899	3 janeiro	188	370-372	101	232-233 **
	16 janeiro	189	372-374	102	234-235 **
	30 janeiro	190	374-375	103	235-236 **
	6 fevereiro	191	375-377	104	237-238 **
	19 fevereiro	192	377-379	105	238-239 **
	2 março	193	379-381	106	240-241 *
	19 março	194	381		-
	27 março	195	382-383		-
1899	13 abril	196	383		-
	24 abril	197	383-384		-
	25 maio	198	384-386		-
	28 maio	199	386-387	107	241-242 **
	9 junho	200	387-388	108	243 **
	16 junho	201	389-390		-
	27 junho	202	390-392	109	244 ***
	3 julho	203	392-393	110	244-245 **
	8 julho	204	393-394		-
	13 julho	205	395		-
	17 julho	206	395-397	111	246 ***
	22 julho	207	397-398	112	247-248 **
	1 agosto	208	398-400	113	248-249 **
	6 agosto	209	400-402	114	249-250 **
	20 agosto	210	402-403	115	251 **
	27 agosto	211	403-405	116	252-253 **
	6 setembro	212	405-406	117	253-254
	11 setembro	213	406-408	118	254-255 **
	16 setembro	214	408-409		-
	21 setembro	215	410-411	119	255-256 *
	27 setembro	216	411-413		-
	4 outubro	217	413-414		-
	9 outubro	218	415-416	120	257 **

Anos	Dias e meses	Nos. de carta na Edição de 1985	Nos. de pág. na Ed. 1985	Nos. de carta na Edição de 1950	Nos. de pág. na Ed. 1950 (A. Freud, M. Bonaparte e E. Kris)
	11 outubro	219	416-417	121	258 *
	17 outubro	220	417		-
	27 outubro	221	417-419	122	258-259 **
	5 novembro	222	419-420	123	259-260 *
	7 novembro	223	420-422		-
	9 novembro	224	422-423		-
	12 novembro	225	423-424	124	260 **
	19 novembro	226	424-426		-
	26 novembro	227	426-428		-
	9 dezembro	228	428-429	125	260-262 **
	21 dezembro	229	430-431	126	262-263 **
	24 dezembro	230	431-432		-
	29 dezembro	231	432-433		-
1900	8 janeiro	232	433-434	127	263-264 **
	12 janeiro	233	435		-
	26 janeiro	234	435-436	128	265 **
	1 fevereiro	235	436-438		-
	12 fevereiro	236	438-439	129	266 **
	22 fevereiro	237	439-440		-
	1 março	238	440		-
	11 março	239	440-443	130	267-269 **
	23 março	240	443-446	131	269-271 **
	4 abril	241	447-448	132	271-272 *
	16 abril	242	448-449	133	272-273 **
	25 abril	243	449-451		-
	7 maio	244	452-453	134	273-274 **
	16 maio	245	453-455	135	275 ***
	20 maio	246	455-456	136	275-276 ***
	26 maio	247	457		-
	12 junho	248	457-459	137	276-277 **
	18 junho	249	459-460		-
	1 julho	250	461-462		-
	10 julho	251	462-463	138	278-279 **
	5 setembro	252	464		-
	14 setembro	253	464-467		-
	24 setembro	254	467		-
	14 outubro	255	468-469	139	279 ***

Anos	Dias e meses	Nos. de carta na Edição de 1985	Nos. de pág. na Ed. 1985	Nos. de carta na Edição de 1950	Nos. de pág. na Ed. 1950 (A. Freud, M. Bonaparte e E. Kris)
	23 outubro	256	469-470		-
	21 novembro	256	470		-
	25 novembro	258	471-472		-
1901	1 janeiro	259	472-474		-
	10 janeiro	260	474		-
	25 janeiro	261	475-476	140	280 ***
	30 janeiro	262	477-479	141	280-281 ***
	15 fevereiro	263	479-481	142	281-283 **
	3 março	264	481-482		-
	9 março	265	482-483		-
	24 março	266	483-484		-
	8 maio	267	484-485	143	283-284 **
	9 junho	268	485-487		-
	4 julho	269	487-490	144	284-286 **
	7 agosto	270	490-493	145	286-288 **
	19 setembro	271	493-496	146	288-290 *
	20 setembro	272	496	147	290
	7 outubro	273	497	148	291 *
1901	2 novembro	274	498	149	292
	7 dezembro	275	498-499	150	292-293 *
1902	17 janeiro	276	499-500		-
	8 março	277	500-501	151	293
	11 março	278	501-503	152	294-296 *
	10 setembro	279	504	153	296
	7 dezembro	280	504		-
1904	26 abril	281	504-506		-
	27 abril (<i>de Fliess a Freud</i>)	282	506-507		-
	15 julho	283	507		-
	20 julho (<i>de Fliess a Freud</i>)	284	508		-
	23 julho	285	508-510		-
	26 julho (<i>de Fliess a Freud</i>)	286	510-511		-
	27 julho	287	512-515		-